CARTAS

DE

A. HERCULANO

TOMO I

TERCEIRA EDIÇÃO

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO — S. PAULO
BELO HORIZONTE

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

R.B183.023
http://www.archive.org/details/cartasdeahercula01herc

CARTAS

CARTAS

DE

A. HERCULANO

TOMO I

TERCEIRA EDIÇÃO

LIVRARIA BERTRAND
73 — Rua Garrett — 75
LISBOA

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO
S. PAULO — BELLO HORIZONTE

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL
RUA DA ALEGRIA, 30 — LISBOA

Ao publicarmos mais um volume da obra de Alexandre Herculano, um dever se nos impõe, que do coração cumprimos : o de prestarmos, nesta pagina, á memoria de João Maria Galhardo, o ultimo coordenador dos trabalhos do Mestre, a homenagem de respeito e admiração que a justiça manda ter por tudo quanto neste mundo representa honestidade, intelligencia e o culto de uma grande idéa.

João Maria Galhardo, na phrase feliz de um seu descendente, era «o portador da alma de Herculano». E, na verdade, quem analysar detidamente o seu trabalho nos volumes que precederam este, tem realmente a impressão de que elle a conduzia na vida como o sacerdote austero e crente conduz o Viatico : com unção e amor. Nas suas *Advertencias,* nas simples notas, até mesmo na forma de organisar os volumes, se revelava, alliado a uma proficiencia indiscutivel, o entranhado carinho com que cumpria a missão de que se encarregara e que

ficou desde logo constituindo para elle um verdadeiro culto, que preencheu todo o resto da sua existencia.

É por isso que, ao recomeçarmos a tarefa interrompida pela Morte, o nosso primeiro cuidado foi este : olhar attentamente para trás.

E agora, uma explicação : as cartas que formam este volume foram textualmente copiadas das minutas deixadas pelo auctor. Fazemos esta advertencia por prevermos a hypothese de que, na sua redacção definitiva, Alexandre Herculano tivesse, numa ou noutra, introduzido qualquer alteração. Quanto á orthographia, seguimos a adoptada nos anteriores volumes.

CARTAS A B. BARROS GOMES

Ill.^mo e Ex.^mo Snr.

Val-de-Lobos, julho de 76.

Ha dias recebi uma carta de V. Ex.ª que me maravilhou. É, sem duvida, escripta numa destas horas de exaltação de espírito, que ás vezes nos trás uma idéa actuando fortemente na nossa imaginação. É uma cousa vulgar, que não me admiraria noutra pessoa e noutro assumpto; admira-me a exaltação religiosa num homem de sciencia, em quem, parece, os sentimentos desta ordem deveriam ser tranquillos e desassombrados. Deus não nos deu inutilmente a razão. A revelação completa-a, não a exclue. Esta é o degrau para chegarmos áquella. Brahma, Zoroastro, Christo, Mafoma, e tantos outros fizeram revelações. Supprima V. Ex.ª a critica, que nada mais é do que uma formula da razão, e diga-me depois qual dessas revelações é a communicação directa de

Deus com as intelligencias, e qual o romance de alguns embusteiros. O christianismo, e especialmente o catholicismo, não temem a razão: precisam della. Ora, é o catholicismo, estribado na razão, que me afasta invencivelmente da nova religião do marianismo e do infallibilismo, heresias recentes, heresias de especulação, e que hão de passar como tem passado centenares de outras; como ha de passar o protestantismo, consequencia fatal das corrupções de Roma. O arianismo foi muito mais importante, muito mais persistente, menos afastado da verdade, e, sobretudo, convicção e não negocio. E, todavia, passou. O catholicismo é eterno, e não pode haver dous catholicismos.

Parece que, na sua carta, V. Ex.ª quer contrapôr as minhas opiniões actuaes ao que escrevi no «Parocho da Aldeia». Não admiraria que, desde a idade dos 25 ou 26 annos até á dos 66, eu tivesse estudado e aprendido alguma cousa sobre estas materias, e que isso me obrigasse a modificar as minhas opiniões, como a V. Ex.ª mais de uma vez ha de ter succedido em questões scientificas. Entretanto, eu teria grandissima curiosidade de ver V. Ex.ª apontar-me uma contradicção em doutrina catholica entre o «Parocho da Aldeia»

e qualquer outro escripto meu, mais ou menos recente.

Fala-me V. Ex.ª no cathecismo. Foi por elle que ambos nós aprendemos tudo o que é necessario crer para a salvação. Não pégo ha muitos annos num cathecismo. Como ha diversos, agradeceria muito a V. Ex.ª o indicar-me o titulo e a edição daquelle em que vem essas cousas que devemos crer, mencionados os dogmas da Conceição Immaculada e da Infallibilidade do papa. E, a este proposito, talvez V. Ex.ª possa indagar o motivo porque os vossos illustradissimos bispos, que foram ao Vaticano e de certo trouxeram na escarcella essas duas preciosidades, estão com ellas guardadas, e não publicam novos compendios, onde as engastem, deixando assim ir de roldão para o inferno aos respectivos rebanhos, que já se vê, não *creem quanto crê e ensina,* não a *sancta madre igreja,* phrase absoluta e um tanto scismatica dos antigos cathecismos, mas o padre Beckx, geral dos jesuitas, e o seu secretario João Mastaï, por appellido Pio IX.

Pede-me V. Ex.ª que me reconcilie com o ultimo concilio. E, todavia, duvida se isto poderá ser. Não pode: sinto dizê-lo. Para mim aquella assemblea não passou de um conciliabulo, de uma especie de latrocinio d'Epheso,

que poderia ser fatal ao catholicismo, se o catholicismo não fosse immorredouro, como é. Ponha V. Ex.ª nas minhas mãos os meios que o papa tem para fazer prevalecer, numa assemblea constituida pelo modo daquella, a sua opinião ou a de qualquer amigo a quem queira servir, que eu me comprometto a fazer declarar num synodo, não menos notavel que o do Vaticano, a missão divina de Mafoma como dogma catholico. O padre Beckx, vulgo o papa, metteu lá cento e tantos bispos *in partibus,* que elle fabrica segundo o que precisa (eu, no negocio de Mafoma, talvez tivesse de fabricar 300 ou 400; confesso-o), reforçou-os com 48 cardeaes, parte dos quaes simples diaconos julgando em materias de fé com os bispos, e enfileirou ao pé delles 46 chefes de corporações monasticas ou regulares, que o papa pode pôr ou tirar quando quiser. Já V. Ex.ª vê que, numa assemblea assim, não é difficil fazer triumphar quaesquer intuitos da côrte de Roma. Accrescente a isto que cento e vinte e tantos bispos, quasi todos reaes e não pintados, exercendo o episcopado no seio das nações mais civilisadas da Europa, da America e do Oriente, supplicaram instantemente a Pio IX que não consentisse que a questão da infallibilidade fosse levada ao concilio;

note por fim que, na ultima congregação geral, 88 bispos votaram redondamente contra a infallibilidade, 62 votaram com declarações *(juxta modum)* e que 70 se abstiveram de votar, ao passo que outros desertaram antes, a pretexto de doença ou das necessidades das respectivas dioceses. Onde está aqui a unanimidade moral indispensavel num concilio ecumenico, quando define materias de fé?

V. Ex.ª parece fazer grande caso do gracejo do ministro de França a respeito do Marquez de Pombal e dos jesuitas. Suppõe que todos nós os catholicos da velha eschola, temos um jesuita a cavallo no nariz. Não admira. Tem-no tido tanta gente! Tinham-no os membros do governo que o ministro engraçado representava em Lisboa, os quaes os expulsaram de França. Tinham-no os ministros de Carlos III que os expulsou d'Hespanha, e assim por diante. Tinha-o o papa Clemente XIV que aboliu a congregação, que pagou com a vida essa audacia, e que era homem virtuoso e instruido, posto que não fosse infallivel, porque ainda o papado não fizera essa recente acquisição.

Mas V. Ex.ª não advertiu que isto de ter algum espectro de qualquer côr a cavallo no

nariz é sorte commum da misera humanidade. Tem-no os ultramontanos; e com outros de garupa. O pedreiro livre é o jesuita do ultramontanismo, e atrás delle escarranchamo-nos nós, os que só acreditamos na infallibilidade da igreja, isto é, na unanimidade moral de todos os fieis, e que, por isso, somos, a um tempo, atheus, deistas, hereges, scismaticos, excommungados e impios. Se ha, porem, cousa que seja espectro, phantasma, papão de creanças, é a maçonaria. Uma das minhas rapaziadas foi ser pedreiro livre. Não tardei a deixá-la. Achei a cousa mais inepta, mais inutil, e muito mais ridicula que uma irmandade de carolas. Sua sanctidade fez o mesmo que eu. É o mais judicioso acto da sua vida. Assim o não tivesse deslustrado fazendo-se depois jesuita.

Ha dous periodos na sua carta que me affligem, não por mim, mas por si. É aquelle em que diz que venha tudo de França, maus livros, más modas, sciencias de fancaria; mas que não venham irmans de caridade. Pois a França não terá senão maus livros e sciencias de fancaria? (Quanto a modas sou incompetente.) Tem isto sequer um vislumbre de justiça e de verdade? De França vem bons livros e maus livros; sciencias solidas e de fancaria;

é o mesmo que vem d'Inglaterra ou d'Allemanha, d'Italia ou dos Estados Unidos. Em toda a parte ha escriptores peralvilhos e escriptores de sciencia e consciencia. De França é que, de certo, nos vem mais livros maus, pela simples razão de que é de lá que nos vem mais livros. Que não venham irmans de caridade?! Mas já as havia em Portugal muito antes de sermos nascidos, eu ou V. Ex.ª. Não usavam as toucas extravagantes nem os balandraus das francesas; trajavam um fato negro, modesto, para o qual conciliava a veneração popular a caridade desinteressada e obscura que exercitavam juncto ao leito da miseria enferma. Cumpriam o principal dever do seu instituto, e não iam para fora do seu país ensinar a ler, a escrever, e a grammatica de uma lingua, que não sabiam, a creanças que não as entendessem. Não andavam nas carroagens das fidalgas velhas e feias e, por consequencia, tementes a Deus. Andavam a pé: exactamente como S. Vicente de Paulo. Não eram instrumento da reacção ultramontana, e, por isso, foram perseguidas, dissolvidas e substituidas pela congregação que obedecia a um superior estrangeiro, contra a lettra expressa do nosso pacto social.

A opinião publica poz na rua as francesas.

O beaterio já cá tornou a mettê-las. Esteja V. Ex.ª certo de que hão de sair outra vez.

O outro periodo, que ainda me afflige mais por V. Ex.ª, é aquelle em que diz: «Approva-se tudo o que é doutrina da igreja definida nos sete seculos que já lá vão; mas a opinião dos bispos actuaes, alto lá!»

Se não fosse a visivel perturbação do seu espirito, que obscurecesse a sua razão esclarecida, este periodo provaria que V. Ex.ª desconhece completamente a historia do christianismo e a caracteristica principal que distingue o catholicismo das seitas que delle se afastaram.

A igreja não tem sete seculos: tem dezoito. Constituem-na todos os fieis. Em materias de fé, o bispo, como qualquer de nós, não pode ter opinião: tem crença. E o que é a crença catholica? É o complexo das doutrinas fundamentaes que vieram até nós, atravez dos taes dezoito seculos, desde os tempos apostolicos. Eis o que separa o catholicismo das seitas dissidentes. Para ellas a biblia e a interpretação individual: para o catholicismo a biblia e a tradição collectiva. Nos concilios, os bispos nunca inventaram dogmas. A *tradição dos maiores* é a aurora da igreja, o que lhe dá a segurança contra o naufragio no meio das

mais violentas borrascas. V. Ex.ª parece fazer uma idéa inteiramente errada da funcção dos bispos nos concilios, em relação ao dogma. Não fazem outra cousa senão affirmar a tradição da respectiva igreja para se verificar a unidade da doutrina no espaço e no tempo, unidade que, na ausencia do concilio, o papa é obrigado a manter; principal funcção da sua primazia; dever a que, em tempos antigos, mais de um faltou, tolerando e até subscrevendo heresias, como agora faz Pio IX, subscrevendo, em vez de uma, duas. Eu não alcanço que idéa V. Ex.ª liga ás palavras *definir, definição:* parece ligar-lhe a d'*inventar,* d'*invenção. Definir,* nestas materias, é o mesmo que noutras quaesquer: é exprimir com precisão e clareza uma proposição, uma concepção; não é inventá-la. A cousa definida existe antes da definição. Se a formula que a exprime é obscura, ou dá azo a uma intelligencia errada, alterando a formula não se altera nem se cria a concepção. É nesta accepção rigorosa que se ha de entender a auctoridade do concilio para definir. Definindo, aperfeiçoa ou muda a formula sem que por isso mude a doutrina. O concilio I de Antiochia, condemnando Paulo de Samasatha, regeitou a formula *omousios* para exprimir a consubstancialidade do

verbo; o grande concilio de Nicéa, que *formulou* o symbolo actual do catholicismo, adoptou a mesma palavra para a exprimir, porque nessa conjunctura determinava com precisão a distancia que separava da igreja catholica o arianismo.

Ex.mo Sr.: não se pode ser catholico sem respeitar a tradição como a biblia; ou, por outra, a biblia sem a tradição abre o caminho á heresia. Mas a tradição nem soffre córtes nem tolera augmentos, porque deixaria de ser a tradição. Quando os jesuitas tentaram dar, pela mão de Pio IX, um golpe mortal no catholicismo, desvirtuando a redempção e tornando problematica a necessidade do sacrificio do Homem Deus, com o impio dogma do immaculatismo, reconheceram, mau grado seu, que um dogma, cuja existencia se não podesse fazer remontar pela tradição aos tempos apostolicos, tinha o valor que V. Ex.ª por modestia attribue á sua critica historica, o de dous caracoes. O jesuita Passaglia, que hoje é adversario do papa, membro do parlamento italiano, e que provavelmente já atirou para o cesto dos papeis velhos o dogma de que fôra pai, ou pelo menos padrinho, recebeu a missão de provar, fosse como fosse, que, desde os seculos mais remotos da igreja, houvera quem pen-

sasse que a Virgem Maria fôra concebida sem peccado original. Fê-lo em tres volumes o Passaglia, e fê-lo á jesuita. Aproveitou tudo: textos de sanctos padres que a critica, havia muitos annos, tinha regeitado por espurios, figuras de rhetorica convertidas em proposições doutrinaes, etc. Foi no livro do jesuita italiano que o *sabio* Dupanloup pilhou as tristes erudições da sua defesa do immaculatismo, que tantas surras lhe tem custado, e que tanto tem feito rir a gente séria. Entretanto, merece desculpa, visto que em França só se fazem livros de fancaria.

Dá-se na sua carta, Ex.^mo^ Sr., uma cicumstancia singularissima. Suppõe V. Ex.^a^ que foi o protestantismo quem nos veio pôr a cavalleiros dos narizes o espectro do jesuitismo, e, todavia, é justamente V. Ex.^a^ que concebe o catholicismo conforme a pintura que delle fazem os protestantes. Na sua opinião, os bispos antigos andaram a fabricar dogmas, e ainda (o que muito é) os fabricaram nos ultimos sete seculos. É o que diz o protestantismo, posto que com mais moderação, porque não trás a cousa a tempos tão recentes. Quem não conhecesse a V. Ex.^a^ e podesse por isso não o respeitar, como eu o respeito, era capaz de suspeitar que V. Ex.^a^ quisesse ser o espectro en-

viado para se collocar sobre os narizes dos catholicos, pelos hereges lutheranos, calvinistas, anglicanos e infallibilistas.

No periodo da carta de V. Ex.ª que acima citei, accusa-nos V. Ex.ª, a nós, os catholicos da velha eschola, de uma especie de antipathia contra as *opiniões* dos bispos actuaes, e de applauso para as *doutrinas da igreja* definidas nos seculos remotos. Pudera, não! Pois como haviamos de ser catholicos sem subscrever as doutrinas da igreja, ensinadas de um modo preciso, claro, indubitavel *(definidas)*, e transmittidas de geração em geração atravez dos seculos? Quer V. Ex.ª que tractemos do mesmo modo as *opiniões* dos bispos actuaes. Se não fosse a perturbação do seu espirito, V. Ex.ª, expondo esta pretensão, teria tomado a responsabilidade de uma enorme blasphemia. Já notei que, em materia de fé, o bispo não pode ter opiniões; ha de ter crença como o mais obscuro membro da sociedade catholica. Ha muitas cousas attinentes á religião em que as opiniões são licitas: no dogma, a opinião é sempre heresia. Opinião dos bispos actuaes! Mas, quaes bispos? Os 88 que votaram contra a infallibilidade, e os 70 que virtualmente fizeram o mesmo, e os 62 que não ousaram falar claro, e os não sei quantos que fugiram,

ou os cento e tantos bispos *in partibus*, e os abbades mitrados, e os cardeaes diaconos, etc.? Os primeiros eram, na maxima parte, pastores de rebanhos numerosos, diocesanos dos fieis mais illustrados e que levavam ao concilio a tradição de igrejas antiquissimas, como, por exemplo, o seu Dupanloup. Que gremio representavam, que tradição de igrejas particulares levavam alli os cardeaes presbyteros e diaconos, os chefes das congregações da fradaria, os bispos *in partibus?* Corra V. Ex.ª o elenco dos membros do concilio, juncte as actas, e lá achará bispos que representavam algumas pedras desmoronadas, e, ainda mais, pontos incertos do mappa-mundi. É o elenco que o diz. Pois isto é sério?

Se o grande numero dos membros daquella assemblea fosse actuado pelo zelo apostolico e não por interesses e considerações mundanas, os que se manifestaram contrarios ao novo dogma da infallibilidade teriam começado por protestar contra a composição da assemblea, contra a validade moral e juridica das suas resoluções. A composição de um concilio é uma questão disciplinar. Tem, por isso, variado as praxes, porque a disciplina não se confunde com o dogma: cumpre que se accommode ás necessidades de cada epocha, e ha uma que é

permanente. Consiste em ter o concilio auctoridade moral bastante para subjugar as consciencias. Sem isso, as maiorias de nada servem, porque em materias de fé é precisa a unanimidade. O concilio de Nicéa tinha 300 bispos : o de Rimini, posterior mais de trinta annos, tinha 400. Neste intervallo, o concilio de Sirmio redigiu e votou um symbolo ariano, que o papa Liberio subscreveu, e que fez clamar ao celebre S. Hilario de Poitiers : «*anathema sobre Liberio!*» (Veja V. Ex.ª um bispo e sancto a excommungar um papa!) O concilio de Rimini votou e subscreveu um formulario ariano diverso, repellido, aliás, pelo papa, infallivel, já se sabe, em ambos os casos, ariano e não ariano. Onde está a maioria? Em 300 ou em 400? E, todavia, a igreja adoptou a formula e seguiu a doutrina de Nicéa, e repelliu a formula e a doutrina de Rimini. É que os fieis do IV seculo eram atheus, deistas, hereges, excommungados e impios, como nós, os anti-marianistas e anti-infallibistas. Sirva-lhes de desculpa que a doutrina de Nicéa era a tradição constante e universal da igreja ; era a unanimidade, no espaço e no tempo, e a doutrina ariana da inferioridade do Verbo ao Pae, uma heresia que vivera muito tempo pelos cantos, obscuramente, e que, afinal, trium-

phava quasi por toda a parte por influencias politicas.

Com o assento dos individuos, ou apesar delles, a logica das faltas rege as situações. Como Sirmio trouxe Rimini, o concilio do Vaticano de 1869 ha de provavelmente traser outro concilio, não sei donde nem de quando, se antes disso a Providencia não acudir á igreja e não puser termo a tantos despropositos. Ninguem na assemblea do Vaticano tomou contas á Immaculada Conceição; e a dogmatica blasphemia passou triumphante nas allocuções de Pio IX pela bazilica vaticana. Para palliar o absurdo do dogma do marianismo é necessario outro dogma: é preciso declarar, como quem o visse, que a Virgem foi transportada em vida para o ceu, ou que foi co-redemptora com Christo, que passará a ser meio redemptor do genero humano. Effectivamente, estas bonitas doutrinas já começam a surgir nos livros de devoção á Immaculada. Parece-me que a co-redempção tem maiores probabilidades de triumpho, porque ha de agradar mais ás beatas, velhas ricas e sem herdeiros forçados. Isso de ir para o ceu vestida e calçada é uma vulgaridade mystica. Pode ir qualquer dellas. O caso é que se metta na cabeça á Senhora de Lourdes fazer um milagre desse

genero. Falo com esta franqueza, porque entendo que V. Ex.ª não será bastante impio para não crer na milagraria de Lourdes. Pelo menos os pios e sinceros Dupanloup e collegas creem nella a não poder mais.

Posso dizer que já não tenho imaginação. V. Ex.ª sabe que é a primeira faculdade que se nos vai desvanecendo e sumindo no declinar da vida, e a minha vida está no occaso. Entretanto, ainda no espirito me passa como que a visão prophetica do futuro concilio, de cujas *definições* não poderá regalar-se a minha pobre intelligencia, que provavelmente já terá ido dar contas a Deus da propria impiedade. Como que vejo um templo espaçoso onde, em renques de faldistorios collocados em escadaria, estão assentados alguns centenares de vigarios apostolicos que, por vicio de educação, de que ainda se não corrigiram, continuam a chamar-se bispos. Cada um delles conversa animadamente com os seus visinhos. No meio do sussurro sobrelevam ás vezes vozes que parecem de indignação. Dir-se-ia passarem já no ambiente as primeiras lufadas do vento da revolta. Uma cabeça de jesuita assoma pela porta entreaberta da sacristia. O jesuita, assim emoldurado na sacristia, é a manifestação, o symbolo, a acção da infallibilidade neo-

catholica. O jesuita escuta ; escuta attenta e longamente. Não posso distinguir bem nas nevoas do futuro, onde fluctua a minha visão, se é o padre Beckx, se o seu successor. É possivel que o genero humano tivesse a desgraça de perder o sancto homem do padre Beckx. Seja quem fôr, é o *proepositus generalis;* e o *proepositus generalis* recolhe por fim a cabeça, bate violentamente com a porta, desembésta pela sacristia fora, e atira comsigo para a Casa Professa. Manda chamar o seu secretario, que não tarda a apparecer. Está um pouco enfiado. Desde que fez certa viagem a Gaeta, padece de uma singular hallucinação : tem sempre diante dos olhos, como se fossem escriptas, quatro palavras que não fazem sentido : *Clemente decimo-quarto, aqua tofana.* O *proepositus generalis* faz-lhe então em tom benevolo um discurso em que nem sempre se refreia a ira. Jurava eu que o estou ouvindo :

«Vem cá, João. Sabes o que vai no concilio, apenas começado? Visiveis symptomas de rebellião. Nunca tive fé nos teus vigarios da Europa e dos Estados Unidos. Vivem no meio dos philosophos, dos protestantes, e, sobretudo, daquella peste dos velhos catholicos. A peste é contagiosa. A redempção pela Virgem está em risco, e não me admiraria nada que

Christo continuasse a ser redemptor exclusivo. Para que te fizemos infallivel? Antes disso, lascaste a pedra angular do christianismo. Disseste ser de fé que houvera uma descendente de Eva, concebida isenta do peccado original, e sem dependencia da sublime, da infinita expiação do Golgotha. Com essa lasca de pedra fundavas uma religião nova. Era terrivel, mas era grandioso. Sanctificavas assim a opinião, tão combatida, tão escarnecida, dos filhos de S. Ignacio. E agora, que se tracta de dar um complemento á tua obra, de equiparar a Mãe ao Filho, visto não podermos sophismar o facto da sua morte, nem negar que é de fé ter entrado a morte no seio do genero humano pelo primeiro peccado; agora, que queriamos dar logica á tua obra e um verdadeiro alegrão ás beatas, insistes no concilio, como se o concilio fosse preciso para alguma cousa depois da tua infallibilidade! João Maria, estás velho, muito velho! Não fazias asneira nenhuma se fosses andando para o ceu. (O secretario faz-se pallido). Vamos, meu João, prosegue o *proepositus*, que reparou naquella pallidez, dando á voz um tom melifluo e desenrugando o rosto num sorriso amavel. Vamos lá: Quiseste recrear-te, espairecer um pouco, ouvindo falar latim aos teus vigarios.

Malicioso! Mas olha que tu não o falas melhor. Cheira ainda a latim do official de cavallaria, o teu latim. Diz-t'o a Companhia de Jesus pela minha bôcca, e a Companhia de Jesus, se não tem offuscado as intelligencias pela superioridade da sciencia, é reconhecida pelos seus maiores inimigos como a primeira latinista do mundo. Ao menos, se no resto nada podemos nem valemos, valhamos nisto alguma cousa. Uma longa casquinada do *proepositus* interrompe o seu discurso. Depois reprime-se, reveste-se de novo de serenidade indulgente e prosegue: — Em summa, o que está feito, está feito. Obstemos aos resultados. Afoguemos a hydra no seu ninho. Se os teus vigarios, que sabem mau latim, quiserem ser espertos, façamos-lhe respeitar a cadeira de S. Pedro com o numero daquelles que sabem ainda peior. Péga nesse planispherio; busca ahi os sertões desconhecidos da Africa central, as ilhas quasi infinitas da Polynesia, as solidões das *steppes*, as regiões polares das neves eternas; de tudo isso, o que mais te apetecer, retalha-o em dioceses e põe-lhe nomes gregos. O grego nestas cousas é de bom effeito. Depois, que os teus *guardie-nobili*, disfarçados em sacristas, corram a tua metropole e as vigariorias apostolicas chamadas dioceses subur-

bicarias ; que alistem cem, que alistem duzentos, que alistem trezentos clerigos de *requiem*, clerigos tumbeiros, e institue-os bispos das dioceses creadas no planispherio. Prega então dentro do concilio com os que forem necessarios para o Espirito-Sancto poder inspirar resoluções acertadas. Feito isto com presteza, está salva a co-redempção da Virgem, e pouco nos importa que os antigos martyrologios commemorem a 15 de agosto a sua morte *(domitio)*. Morreu? Pois tanto melhor. Immaculada na Conceição, se morreu é que remiu. Desfaz-se por tal modo o argumento fatal de S. Boaventura contra o immaculatismo, que elle e S. Bernardo e outros trastes assim chamavam ou superstição ou heresia. Anda : vai tractar disto.»

E o secretario sai cabisbaixo ; e a minha visão vai-se desvanecendo atrás delle, como as nevoas douradas do Oriente, ao despontar o sol, num destes dias ardentes de julho, e acho-me com a penna na mão, respondendo á carta-parenese de V. Ex.ª.

E a resposta já vai longa : por isso, paro aqui. Releve V. Ex.ª as tontices de um velho, que soube noutro tempo alguma cousa da historia da igreja e das suas doutrinas, mas que hoje quasi que só pensa em melhorar os pro-

ductos agricolas de seu conchouso, e consinta-me que termine por um latinorio de um latinista mais forte do que o judeu Beckx, chamado S. Jeronymo : «*Majorum sequere vertigia et ab eorum auctoritate ne discrepes alioquin tibi occurrent multa quae te ad errorem pertrahent.*» «Segue as pégadas dos antigos, e não te afastes da sua auctoridade, aliás virte-hão á cabeça muitas cousas que te arrastarão ao erro.»

Vou com esta. Estou já muito duro para mudar de religião e fazer-me adepto do beaterio de carroagem.

Sou de V. Ex.ª

Ill.mo e Ex.mo Snr.

V. Ex.ª teve a bondade de replicar á franca resposta que dei á sua primeira carta, e, na sua replica, exalta a humildade como o grande meio de não errarmos na fé. Essa humildade exige que não indaguemos se é bom, se é mau, se é verdade, se é mentira o que nos ensina o bispo ; que nem nós, nem o bispo indaguemos se é verdade, ou se é mentira, o que nos ensina o papa. É uma doutrina como qualquer outra, que V. Ex.ª tem o direito de seguir, direito que eu profundamente respeito, com a reserva do que tenho de dizer porque não a sigo. É que ha virtude christan, celebrada pelos S.S. P. P. dos seculos primitivos, não inferior á humildade, nem a humildade consiste no que V. Ex.ª quer : na renuncia completa da razão e da consciencia do homem perante outro homem que se tem esquecido de se declarar impeccavel. Essa virtude chama-se a tolerancia. Respeitando o seu modo de pensar, exer-

ço-a. Agora comprehendo-o, e se não o comprehendi desde logo foi sua a culpa. Na carta anterior falava-me V. Ex.ª do *nosso mundo religioso liberal*. Desta phrase inferi que V. Ex.ª entendia ter jus a insurgir-se contra as doutrinas do seu bispo, porque naquellas palavras estava virtualmente em insurreição contra o summo pontifice, diante do qual um bispo é cousa bem pouca na eschola que V. Ex.ª segue. Mundo religioso liberal é a conciliação da sociedade religiosa com a sociedade temporal moderna, com o liberalismo; conciliação que foi o sonho dourado de tantos catholicos mais ou menos illustres, mais ou menos obscuros; que foi o sincero empenho dos Gioberti, dos Ventura de Raulier, dos Montalembert, dos Lamartine, e, se é lícito citar um nome insignificante no meio de tantas celebridades, que foi o meu sincero empenho neste cantinho do mundo, e de cuja impossibilidade, por emquanto, me desenganei, expulso como está o verdadeiro catholicismo da igreja official. Quando a 18 de março de 1861, na allocução *Jamdudum cernimus*, o papa declarava erro doutrinal a proposição de que o pontificado devia transigir com o progresso e conciliar-se com o liberalismo, não sei se falava de cadeira ou de tamborete, porque os

ultramontanos ainda nos não disseram precisamente quais são os caracteres que distinguem essa diversidade de proveniencia. Sei só que declarava impossivel a conciliação; não é, porém, unicamente na allocução *Jamdudum;* é no *Syllabus* inteiro que está a condemnação expressa de todos ou quasi todos os axiomas liberaes. Com a abdicação completa da razão diante do oraculo de Roma que, pelos modos, constitue a perfeição da humildade, V. Ex.ª não pode ser ao mesmo tempo liberal e catholico da moda. Foi para isso que suppuz V. Ex.ª ainda incompletamente convertido, e que me atrevi a fazer-lhe algumas ponderações, evidentemente mal soantes, como agora vejo da replica de V. Ex.ª.

V. Ex.ª, todavia, convidou-me a converter-me ás suas idéas. Um *non possumus* secco é bom para o papa: em mim era grosseiro. Tanto esta carta como a passada o que me obriga a escrevê-las é a consideração que tenho para com V. Ex.ª.

Ha dous incentivos que me levariam a associar-me ás suas doutrinas, se isso me fosse lícito. É o 1.º a commodidade, porque essas doutrinas são commodas para o espirito; e ver, examinar, reflectir, julgar, moe, devora a vida. 2.º, a enorme vantagem de seguir o

padre Étienne. O lucro é certo. O padre Étienne teve em França uma reputação colossal de homem practico ; de homem que via as cousas pelo lado solido ; que conhecia perfeitamente a superioridade de um negocio que rende 20 a um que apenas renda 10 por cento. As companhias monetarias, nos annuncios dos jornaes, quando tinham a honra de possuir no seu seio o padre Étienne, como accionista ou como director, nunca se esqueciam de advertir disso o publico. Tenho na lembrança uma companhia que especulava na substituição de recrutas, companhia de permutações de ouro e de sangue, de que era director aquelle varão apostolico. V. Ex.ª não é capaz de fazer mais elevado conceito do acumen do então procurador geral dos lazaristas do que eu faço. Era a aguia de vista agudissima. Dir-se-ia que, na sua ancia de ajunctar milhões para os cofres da congregação, descortinava na escuridão do futuro a ultima rebellião carlista, destinada a salvar na Hespanha a religião de caridade e de amor entre os homens. A guerra não se faz com palavras. É preciso dinheiro, muito dinheiro, e o neo-catholicismo não deve abandonar os seus defensores. O neo-catholicismo precisa dos mais por cento possiveis. O dinheiro de S. Pedro não pode chegar para tudo. O que

me torna agora perplexo a respeito do padre Étienne é a historia que V. Ex.ª me conta de elle metter um bispo a caminho. Não desdirá isso da humildade lazarista e da boa doutrina? Um bispo doutrinado por um simples clerigo, que o confirma na fé da infallibilidade pontificia?

Infelizmente, Ex.mo Sr., eu fui muito mal educado. Ensinaram-me a ler lettra redonda pela versão da biblia do padre Pereira, refinado herege, como quasi todos os oratorianos, de quem fui depois discipulo. A ler lettra de mão aprendi por uma historia evangelica, manuscripta, do bispo do Maranhão, D. Frei Antonio de Padua, que morreu hospede da minha familia. A cousa teve maus principios. Conhecia Christo, os apostolos, os discipulos, e nem palavra sabia a respeito de S. Vicente de Paulo e de S. Ignacio de Loyola. Com a idade e com a reflexão, entre os personagens eminentes do Novo Testamento começou a sobresahir um que de dia a dia cresceu a meus olhos em sublimidade. Era S. Paulo. S. Paulo tornou-se a final para mim o grande vulto do christianismo militante. Foi S. Paulo que me perdeu. Era elle que escrevia, não a bispos, não a presbyteros, mas aos fieis em geral da Gallogrecia: «ainda quando nós mesmo ou um anjo do ceu

vos annuncie um evangelho differente do que nós vos temos annunciado, seja anathema.» O chefe do apostolado, Cephas ou Pedro, o primeiro papa, receioso de se comprometter com os christãos hebreus, atidos ainda á idéa da necessidade de circumcisão, fingia fugir ao convivio dos christãos gentios, isto é, não circumcidados. Vendo que o exemplo de S. Pedro era contagioso e que discordava da verdade evangelica, Paulo oppoz-se ao seu cooperador, o papa, por causa do seu proceder reprehensivel. (Ad. Galatas, I, 8-II, 11, 14.) Nestes actos do grande apostolo, de que elle proprio dá testimunho, vi eu sempre uma licção para nós todos: Quem alterar, ou substituir doutrina do evangelho, bispo, anjo, ou o que quiserem, seja maldito. Quando o papa não trilhar o caminho da verdade evangelica, resistir-lhe face a face. S. Paulo era um orgulhoso, que ignorava em que consiste a humildade christan. Foi a sua desgraça não ter alcançado os tempos de S. Vicente de Paulo, ou, para melhor dizer, os do reverendo padre Étienne, o agiota de carne humana.

E S. Paulo não me corrompeu só a mim; tem corrompido milhões de christãos; corrompeu os proprios apostolos. S. João escrevia, não só aos bispos e aos presbyteros, mas, em

geral, aos fieis da Persia: «não acrediteis quaesquer espiritos: verificae primeiro se os espiritos são de Deus. Não faltam no mundo falsos prophetas.» Se não fossem as doutrinas orgulhosas de S. Paulo, S. João teria dicto aos parthos: «Vem prégar-nos doutrinas contrarias ou estranhas á doutrina evangelica? Não verifiqueis nada. Abstrahi da propria intelligencia. Consultae o vosso bispo, e o vosso bispo que consulte a Cephas. O que elle disser está dicto, porque é infallvel, embora o apostolo das gentes o calumnie de dar suas carreirinhas fora do caminho da verdade.»

Na igreja primitiva as idéas corruptoras de S. Paulo chegaram a corromper a propria infallibilidade, se é que a infallibilidade não saltou de Cephas a Mastaï. Nestorio, bispo de Constantinopla, assentado na cadeira episcopal, inculcava ao rebanho a sua heresia. Um leigo instruido, que estava no templo, ergueu-se do meio da multidão para protestar. (Veja V. Ex.ª que attentado religioso!) O povo alevantou-se então em massa contra o bispo (mais attentado), e o papa S. Celestino, quando o soube, applaudiu aquelle procedimento. «Feliz o rebanho, escrevia o pontifice aos fieis de Constantinopla, que discrimina as pastagens. Como devieis fazê-lo, regeitastes uma

disquisição impia, distinguindo entre o alimento e a peçonha. *Persisti na doutrina dos antigos pastores,* visto saberdes que, até agora, os vossos pontifices foram eminentes em doutrina e sanctidade, e que governaram em paz a igreja *sem discrepar da tradição*». S. Leão Magno, immediato successor de Celestino, não andou mais direito. Falando da condemnação do Nestorianismo, dizia : «Cessaram os pretextos de ignorancia ou de duvida. Não foi só o sacerdocio ; foram tambem as potencias christans, os homens instruidos, o *povo* e as diversas classes que reconheceram de que lado estava a fé apostolica e catholica.» Já S. Agostinho adoecia do mesmo mal. Para elle havia tres manifestações que, reunidas, representavam a soberania da igreja na condemnação das heresias e dos hereges : *o juizo dos povos,* a gravidade dos concilios e a magestade dos milagres. «Com esta triplice condemnação, dizia o bispo d'Hippona, a igreja exerceu a *sua auctoridade suprema,* e esmagou-os. O celebre bispo africano, geralmente considerado como o mais illustre membro da igreja depois de S. Paulo, desafiava os marucheus a acharem alguma cousa que valesse contra a auctoridade da igreja assente em duas bases, a sucessão dos bispos, isto é, a tradição cons-

tante dos pastores, e o *consenso* do povo christão.

Se o padre Étienne désse licença, eu diria que nós, os leigos, somos alguma cousa na sociedade catholica, e que, quando o erro alevanta a cabeça, é lícito a qualquer de nós *protestar* como o leigo que protestou contra Nestorio, venha o erro donde vier. Parece que nos é lícito discriminar as pastagens e o veneno do alimento porque, segundo o apostolo, não são raros os falsos prophetas.

Como V. Ex.ª encontra por ahi padres Miels, peça a qualquer delles que lhe diga se os seculares constituem ou não uma parte da igreja, e se os bispos, reunidos ou isolados, se representam a si ou representam a auctoridade da igreja.

V. Ex.ª não quer que os bispos sejam deputados das respectivas dioceses e, todavia, na disciplina primitiva, entre uns e outros havia certa analogia porque os bispos eram electivos. Acredita V. Ex.ª que os christãos de qualquer diocese escolhessem pastor cuja crença desdissesse da crença tradicional commum? Que era, pois, o que representava o bispo? O que significava a sua doutrina? Forçosamente a dos seus eleitores. Impunha-a elle ou impunham-lh'a! Hoje os bispos, escolhidos por

governos indifferentistas ou pelo papa interessado em manter certas opiniões, representam essas opiniões ou as proprias. Se representam a crença das suas ovelhas, isso é que é duvidoso.

As usurpações e os abusos alteraram tudo, eleição, confirmação e instituição dos bispos. É uma larga e vergonhosa historia. Ahi tem V. Ex.ª porque o catholicismo liberal não presta. Se os catholicos liberaes predominassem na igreja, tinham de fazer a reforma, *in capite et in membris*, que os prelados mais sabios e mais virtuosos dos seculos XV e XVI tanto e por tantos modos sollicitaram e nunca poderam obter, tinham de restabelecer em grande parte a antiga disciplina para tornar a religião uma cousa séria e efficaz, e não um dixe de beatas tontas e um instrumento politico de que se servem os que suspiram pelo passado. V. Ex.ª repara em que eu fale das igrejas mais illustradas e mais antigas, como norma e fonte de luz. Que quer, se nós, os velhos catholicos, não temos á nossa disposição um papa que converse familiarmente com Deus e que, por isso, seja infallivel? Se V. Ex.ª, em vez de estudar os dictos e feitos do padre Étienne, e do proprio S. Vicente de Paula, tivesse applicado o seu bello talento a

estudar as doutrinas, os usos, as praxes e a linguagem dos primitivos seculos christãos, de certo não manifestava estas admirações innocentes. É tão vulgar na historia ecclesiastica a menção da preponderancia moral que exerciam as sés apostolicas, isto é, fundadas pelos apostolos, bem como outras, pouco menos antigas, erigidas nos grandes focos de civilisação, que me envergonho de citar cousas dessas. Como explicaria V. Ex.ª de outro modo a existencia das sés primaciaes e metropoliticas? Era sensato que se acceitasse aquella influencia, porque conciliava respeito a essas igrejas terem bebido a tradição na origem, ao passo que era de razão acreditar que as doutrinas se concebiam e exprimiam com mais exacção e clareza onde as intelligencias eram mais cultas.

Bem sei que V. Ex.ª recusa a razão, porque é limitada e sujeita a erro. Prefere o primeiro padre Miel que encontra, sem saber se é um ignorante ou um velhaco; e porque elle lhe pede que seja devoto de qualquer sancto, tome os conselhos dos padre Étienne, e não queira saber senão da infallibilidade do papa; e porque depois o leva ao theatro da rua de S. José, ver uma farça de caridade, V. Ex.ª fica livre do seu phantasma negro e certo do caminho

que tem a seguir, visto dizer-lhe o tal padre Miel que esse é o unico seguro.

Se V. Ex.ª tivesse tido o infortunio de me encontrar a mim, em vez de um Miel casual, neste caminho theologico por onde vou despenhado, longe de lhe propôr, para tranquillisar o seu espirito, que se contentasse com o affecto a um execellente e virtuoso homem do seculo XVII, mas que ainda não entrou no catalogo dos sanctos Padres e Doutores da igreja, e que estivesse pelas insinuações de um clerigo contemporaneo, agiota de sangue humano, aconselhava-lhe que, servindo-se da sua clara intelligencia, se dedicasse ao estudo das origens e desenvolvimento da sociedade espiritual chamada o catholicismo, ou *universalidade;* que tivesse presente sempre a tradição, a qual consiste na doutrina acceita e professada em todo o tempo, por toda a parte e por todos os membros dessa sociedade, segundo a formula, tão celebre e tão exacta, de outro Vicente, mas do V seculo, o de Lerins; que, em vez se curvar diante da supposta infallibilidade de um homem, se curvasse diante da infallibilidade da igreja, á qual deixam de pertencer, quer sacerdotes, quer leigos, quer muitos, quer poucos, todos os que alteram ou desconhecem essa tradição, assim para mais

como para menos. Dir-lhe-ia que ha duas cousas que estão acima do papa, dos bispos, dos presbyteros e dos simples leigos : os livros sanctos e a tradição. Dir-lhe-ia que, dos proprios concilios, aquelle que negar esta ou a desprezar, seja de 500, seja de 1.000 bispos, passará á categoria de conciliabulo. Mas a tradição hoje, no meio das trevas espalhadas pelas recentes heresias do Vaticano, tem de se estudar exclusivamente nos monumentos da igreja, como a revelação immediata se estuda nos livros sagrados e não no ensino de pastores, que dizem agora não, e logo sim. Nem uma nem outra se encontra nesse chuveiro de livrecos vasios de substancias e repletos de cascaveis freiraticos, de phrases piegas e ôcas, quando não de blasphemias assucaradas, que os Miels de meias pretas, brancas, roxas ou encarnadas guisam para o paladar das Magdalenas de fancaria. Concluiria por lhe pedir que não abdicasse da sua intelligencia, da sua razão, e pedir-lhe-ia, em nome de um impio da eschola de S. Paulo, chamado S. Agostinho, pondo-lhe diante dos olhos uma passagem da carta 120 do bispo hipponense, relativa ao mysterio da Trindade : «Afastemos de nós a idéa, diz elle, de que Deus odeia o fazermos caso de um

dom, mediante o qual elle nos fez superiores ao resto dos animaes. Afastemos de nós, repito, a idéa de que a nossa fé nos tolhe o admittir e o buscar a razão. Se o nosso espirito fosse incapaz de raciocinio, seria incapaz de crença.» Mais abaixo accrescenta, seguindo a mesma ordem de idéas : «É por isso que o apostolo S. Pedro nos adverte de que é dever nosso estar habilitados para responder a quem nos pergunta os motivos da nossa fé e da nossa esperança... Não se segue que se deva fugir da razão por haver uma razão falsa.»

Nunca li o Liguori, com a theologia do qual V. Ex.ª fulmina as minhas considerações. Estou á espera que assentem definitivamente em Roma se foi um sancto, ou se foi um hypocrita, porque ambas as opiniões lá andaram em voga. O que me parece, á vista da defesa do papa Liberio, é que elle não peccava por excesso de agudeza, nem de erudição ecclesiastica. O que não alcanço é o que V. Ex.ª quer concluir citando-o, não contra mim, mas contra o que ha mais certo e indubitavel na crença catholica, a perpetuidade da fé, isto é, a identidade das doutrinas dogmaticas desde os tempos apostolicos até hoje, atravez dos seculos, em todas as igrejas particulares de todo o orbe catholico, por cuja

peripheria escapa para as regiões tenebrosas do erro quem as diminue, accrescenta, ou contraria. Se Liguori diz que havia opiniões encontradas ácerca da infallibilidade do papa, é porque a infallibilidade não era dogma, e se não era dogma, então não o tinha sido antes, nem o podia ser depois, aliás um dos principios fundamentaes do catholicismo, a perpetuidade da fé, cuja demonstração contra os protestantes é a gloria de Bossuet, não passaria de uma grande mentira, blasphemia que é o resumo, a consequencia, o *caput mortuum* do neo-catholicismo ou vaticanismo.

Nada mais deploravel do que a affirmativa de Liguori de que Liberio não ensinou *ex-cathedra* a heresia ariana. Eu dava 30 por cento de juro aos lazaristas, juro que talvez o judeu Étienne nunca tirasse dos negocios das companhias em que andou mettido, se me citassem os textos dos antigos concilios e dos S. S. P. P. donde consta essa distincção de oraculo *ex-cathedra* e de opinião pessoal do individuo papa. Se a infallibilidade é um dogma, forçoso é que ou a igreja ou os proprios pontifices tenham indicado precisamente aos fieis os signaes, os caracteres que distinguem as manifestações *ex-cathedra*. Venham, pois, os textos. Quanto a Liberio, a verdade

é que o bom do papa aborreceu-se de estar desterrado em Benéa, resolveu-se a subscrever a formula ariana de Sirmio, reconciliar-se com o imperador e voltar triumphante a Roma, onde os seus parciaes fizeram correr o sangue dos que não queriam communicar com o papa apostata. Ao testimunho de Liguori, que veio ao mundo um pouco tarde, eu prefiro o de um dos maiores luminares do catholicismo, o de S. Jeronymo, coevo de Liberio, e que ainda alcançou o seu pontificado. «Liberio, diz elle na sua chronica, vencido pelo tedio do exilio e subscrevendo á heretica pravidade, entrou em Roma como um vencedor.» Poderia fazer isto se não estivesse nas boas graças de Constancio, e podê-lo-ia estar se Constancio, fanatico ariano, não tivesse a certeza da sua apostasia? As actas de S. Eusebio martyr dizem-nos que este foi mettido pelo imperador, e a pedido de Liberio, em um estreito carcere onde morreu. O seu crime foi não querer communicar com o papa, crime dos outros catholicos de Roma, assassinados pelos fautores de Liberio. É verdade que este se converteu depois. Mas por onde tinha andado, entretanto, a infallibilidade, que essa é que é a questão?

Se Liberio, subscrevendo a formula de Sir-

mio, que S. Hilario qualifica de *perfidia ariana,* não abraçava a heresia d'Ario, Pio IX, subscrevendo a formula do Concilio do Vaticano, não abraçou a heresia do infallibilismo. Estará o pontifice a occultas de accôrdo com os velhos catholicos?

Se eu tivesse o direito de aconselhar V. Ex.ª, aconselhá-lo-ia a que não tomasse o encargo de restituir a reputação de orthodoxia aos papas que cahiram em erros de fé. Tinha de escrever um grosso volume e de fazer uma provisão enorme de espertezas historicas, de paralogismos, de finuras escholasticas, que poderiam honrar mais ou menos a sua gymnastica intellectual, mas que desdiriam um pouco da sua probidade litteraria e da sua gravidade de homem de sciencia.

E a proposito de confirmar na fé: V. Ex.ª recordou-me o *confirma fratres tuos* do evangelho. Sei das espertezas ultramontanas ácerca dessa passagem de S. Lucas, que poderia provar a primazia de Pedro, se tanto fosse preciso, nunca, porém, a infallibilidade dos papas, porque antes a contraria. V. Ex.ª esqueceu-se do principio do versiculo e das circumstancias em que Christo proferiu estas palavras: «*Ego autem rogavi per te ut non deficiat fides tua: Et tu aliquando conversus*

confirma fratres tuos.» Roguei para que não falleça a tua fé : e tu, emfim convertido, conforta teus irmãos. S. Pedro, estimulado, replica que está resolvido a segui-lo nos carceres e na morte. É então que o Senhor lhe declara que dentro de poucas horas elle o negará trez vezes. Evidentemente as palavras de Christo referem-se apenas á pessoa do apostolo, destinado a chefe do apostolado. Cahirá dentro de poucas horas, arrepender-se-ha e, quando convertido, confortará ou firmará na sua fé seus irmãos. Se parte do versiculo tem applicação aos successores de Pedro na primazia, tem-no todo elle, e é necessario que se dê a paridade de circumstancias. Se *deficiat* não se entender por *faltar de todo, faltar para sempre,* a prophecia do salvador estará em contradicção com a sua rogativa. Pedro ainda cahiu outra vez na questão da circumcisão, mas ainda outra vez se levantou. Cite-se, pois, a passagem inteira.

É principio de direito que quem invoca um documento na parte util acceita-o na parte nociva. Era melhor não lembrar o texto de S. Lucas. O papado será indefectivel, *(non deficiat),* isto é, o episcopado romano, o centro da unidade, nunca sairá do gremio catholico sem regresso a elle; mas o papado cahirá

uma, ou mais vezes, no erro. Converter-se-ha depois, e essa conversão fortalecerá na fé os outros bispos. Deus me livre de negar a possibilidade de que Pio IX se converta, ou de que o seu successor abjure as heresias do marianismo e do infallibilismo num concilio livre e legitimo, composto de pastores de ovelhas e não de pastores de mappa-mundi. Longe de o negar, espero-o firmemente, porque estou certo de que as portas do inferno não prevalecerão contra a igreja.

Condemna V. Ex.ª a minha repugnancia ao vaticanismo com um argumento tão profundo que me seria impossivel profundar-lhe os arcanos. É que ousando eu protestar contra as decisões da assemblea do Vaticano, não posso negar o direito que tem os bispos pintados, os bispos de mappa-mundi, de votar nas decisões conciliares. Isto, applicado á sociedade temporal, quer dizer que, se como cidadão protesto contra uma lei manifestamente contraria á constituição do estado, fico por esse lado inhibido de discutir a validade do mandato de uma certa porção de deputados da maioria que a votou. Creio que é por estar velho que não comprehendo a força deste raciocinio, que a muitos parecerá absurdo.

O que ainda comprehendo bem é o argu-

mento *ad odium*, que vem envolvido na observação de V. Ex.ª, de que um protestante não traçaria melhor do que eu o quadro do governo da igreja de Roma. A questão não é se o traço melhor ou peior do que um protestante; é se o traço conforme a verdade. Quando se tracta de factos, importa que estes se exponham bem e se apreciem com imparcialidade. A litteratura historica prova que os protestantes são tanto ou mais capazes disso do que os catholicos: Accusar alguem de concordar nisto ou naquillo com os protestantes, faz effeito no vulgo, mas faz sorrir a gente illustrada. Para discordar sempre delles é necessario negar a necessidade do baptismo, até a existencia de Deus. Se, porém, V. Ex.ª acha que o meu quadro é falso, comprometto-me a mostrar que é verdadeiro só com o que se passou em Roma durante a assemblea denominada concilio do Vaticano. Quando V. Ex.ª quiser estou prompto a entrar no assumpto.

Diz V. Ex.ª que os iniciadores do protestantismo não foram sanctos, e que não foi o horror aos abusos de Roma, mas o desejo de sacudir o jugo da igreja, que os arrastou á heresia. Em parte, isso é verdade. E tanto assim que o seu principal empenho foi negar

a perpetuidade da fé, a identidade da tradição no tempo e no espaço, e provar que uma parte dos dogmas catholicos foram inventados em differentes seculos, asserto que o latrocinio não d'Epheso, mas do Vaticano, de accôrdo neste ponto com a Confissão de Augsburgo, tentou ultimamente justificar. Mas queira notar que é commum attribuir á acção de um ou mais individuos a origem de successos que, a maior parte das vezes, são resultado de factos anteriores, o que constitue a grande sorites da historia. Sem os abusos da côrte de Roma, podiam ter apparecido Luthero e Calvino. O lutheranismo e a reforma calvinista é que não teriam apparecido, ou, se o tivessem, iriam decahindo e esmorecendo até se extinguirem no isolamento e na obscuridade. O que Roma era, durante os pontificados de Alexandre VI, Julio II e Leão X, explica sobejamente a facilidade com que os primeiros reformadores acharam numerosos sectarios. As intelligencias vulgares, incapazes de apreciar e comparar doutrinas puras, avaliam-nas pelos resultados practicos. Era ahi que a heresia triumphava, porque era por esse lado que tinha razão. Não creio que V. Ex.ª queira annullar todos os documentos que attestam as devassidões, os crimes atrozes, as expoliações,

as simonias, o abuso das indulgencias, e as demais torpezas que deshonram aquelles trez pontificados como tinham deshonrado outros em epochas anteriores. A Allemanha e a Inglaterra foram os paises onde se practicaram desde tempos remotos mais escandalosos abusos, e foi na Allemanha e na Inglaterra onde o protestantismo se generalisou com mais rapidez e intensidade. Como explicar pela influencia de Henrique VIII, o tyranno devasso e odiado, o repentino desenvolvimento do anglicanismo? O alto clero e a nobreza podiam adoptar a heresia por subserviencia e por ambição; mas o povo? A questão da transubstanciação ou não transubstanciação e outras analogas eram para poucos: o que todos podiam avaliar era o luxo e os costumes soltos do clero, a exploração do purgatorio e commercio das indulgencias, as dispensas impossiveis sem dinheiro, facilimas quando o ouro as sollicitava; as extorsões, tendo por pretexto a manutenção do explendor sacerdotal; o que todos podiam avaliar era as orgias da familia Borgia, a ambição e as propensões soldadescas de Julio II e a renovação do paganismo na côrte fastosa de Leão X. O quadro da depravação de Roma, em geral, e do clero hierarchico apresentado á dieta de

Nuremberg, em 1418, no celebre papel intitulado *Centum Gravamina*, faz-nos comprehender a fortuna de Luthero um seculo depois, e tanto melhor se comprehende que, instituindo Paulo III, nos meados do seculo XVI, uma conferencia de alguns cardeaes que passavam por homens atilados, para se reformarem os abusos que pullulavam na igreja romana, a memoria redigida pela conferencia reproduz em grande parte as queixas formuladas, quasi seculo e meio antes, nos *Centum Gravamina*. As cousas não tinham, portanto, melhorado. Pallavicino, jesuita, historiador official do concilio de Trento, cardeal e escriptor, absolutamente insuspeito aos ultramontanos, confessa que se o papa tivesse realisado os intuitos da conferencia, teria mantido os vinculos dos povos germanicos com a santa sé e reconciliado com ella os hereges (Pallavicino, Liv. 2, c. 7, n. 14). Mas a esta obra de Deus oppunham-se os interesses mundanos de Roma, e as reformas ficaram em projecto. Era indignado com as prevaricações do *sacro collegio* que, por esse mesmo tempo, D. Henrique de Menezes, o nosso austero mas violento embaixador em Roma, aconselhava a D. João III que, imitando a Inglaterra, negasse a obediencia ao papa. Para elle os car-

deaes não passavam de um bando de bufarinheiros, sem crenças religiosas, e que só se levavam ou por dinheiro ou por medo.

Não sei se as reflexões que as antigas doutrinas e os factos da igreja me suggerem serão aos olhos de V. Ex.ª assomos daquelle orgulho que annulla as boas qualidades da alma. Aos meus não o são. Costumei-me desde longos annos, nas minhas apreciações, a não confundir o orgulho com a indignação. O jesuitismo, os apostolos da obediencia passiva, os que exigem dos seus adeptos o sacrificio da razão e da consciencia, esses é que lucram immensamente com semelhantes confusões. Christo era manso e humilde de coração, e, todavia, nos seus discursos verberava duramente a hypocrisia dos phariseus, e nos seus actos não duvidava de recorrer aos meios extremos para expulsar do templo os vendilhões e agiotas. A mansidão e humildade do Salvador não excluiam, portanto, os impetos da indignação. Na serie dos papas nem só Pio IX tem sabido excitá-la. A linguagem de S. Cypriano e de S. Firmiliano, em relação ao papa S. Estevam na questão da rebaptisação, está bem longe de ser um modelo de doçura, e a carta de S. Columbano a Bonifacio IV é uma violenta invectiva. O sancto sacerdote Auxilio

não tractou melhor Sergio III. Os bispos d'Hespanha, dos principios do VII seculo, offendidos grosseiramente pelo papa Honorio I, o herege monothelita (mas infallivel), encarregaram S. Braulio, bispo de Saragoça, de repellir a offensa em nome do episcopado hespanhol. A carta de S. Braulio é admiravel de pungente ironia. Entre outras cousas, o sancto bispo, movido, diz elle, por caridade christan, ensina o pontifice, pouco lido na biblia, a não confundir Ezechiel com Isaias, citando uma passagem deste como se fôra daquelle. Nesse mesmo seculo um livro do bispo toledano S. Julião, applaudido como orthodoxo no IV concilio de Toledo e condemnado por Bento II como contendo erros de fé, é approvado de novo em Hespanha num concilio nacional de 70 bispos, e a apologia da doutrina do livro redigida num estylo *pouco humilde* é enviada a Roma. «Assim como, dizem os bispos concluindo, nós não temos de nos envergonhar por defender a verdade, haverá quem deva ter vergonha de a ignorar.» O tempo mostrou que a doutrina de S. Julião e não a do papa (sempre, aliás, infallivel) era a de toda a igreja.

Desejaria saber como o bom do S. Vicente de Paulo, que não parece ter sido de-

masiadamente instruido em historia ecclesiastica, teria *conservado verdadeira e sincera submissão* aos papas do seculo X que o cardeal Baronio, historiador insuspeito a Roma, qualifica de *abortos,* de *monstros que polluiram a sé apostolica.* Christo, S. Cypriano, S. Firmiliano, S. Columbano, Auxilio, o episcopado hespanhol do VII seculo, Baronio seriam orgulhosos? E S. Bernardo, que tão violentamente fustigava a côrte de Roma, e S. Pedro Damião, que dava a Gregorio VII, ainda cardeal, o honroso titulo de S. Satanaz? Não quero, porém, importunar V. Ex.ª com a recordação de mais cem ou duzentos orgulhosos do mesmo jaez.

Pelo que me toca, repugnam-me, não me illudem as genuflexões dos olandilhas que andam em busca de velhas ricas, ou de negocios onzeneiros, nem a compuncção da hypocrisia flexuosa, que se arrasta para sugar no seio das familias, ou envenenar-lhes os affectos mais intimos, plantando os odios religiosos entre a mulher e o marido, entre os pais e os filhos, entre irmãos e irmãos. Fazem-me asco essas comedias sacrilegas, e deploro que almas candidas e corações puros se deixem enlear dentro das espiraes da serpente. A biblia fala-nos a cada passo da ira de Deus,

e a ira de Deus é no homem a indignação que se alevanta como tempestade no nosso espirito diante das cousas profundamente perversas.

Serei eu o illudido na apreciação do actual clero hierarchico? Não appello para a razão de V. Ex.ª. V. Ex.ª demittiu-a. Appello para essa voz que nos vem do intimo da alma; que fala sempre; que fala ainda quando a paixão a manda calar. Appello para a sua consciencia. Ha uma cousa que parece devia desenganá-lo de todas essas visualidades com que se aproveitam as tendencias de certos espiritos. É, depois da comedia simples, a comedia magica. Pois a consciencia não lhe diz nada ácerca desse chuveiro de milagres, que começam na madona de Acosinom, tornam celebre a virgem de La Salette, e vem cair em catadupas nos frascos da agua da Senhora de Lourdes? Christo, que tinha de provar pela magestade dos milagres, na phrase de S. Agostinho, a sua missão divina, quasi que nenhum fez em vinte e cinco annos de vida publica, se os compararmos com os de um só semestre de qualquer das diversas mães do Salvador. O milagre invade tudo, entra por toda a parte, menos pelas portas das Academias, das escholas superiores e das universi-

dades. A luz desbotá-lo-ia. Não lhe diz nada a consciencia a respeito desses bispos franceses, que dirigem romarias e procissões áquellas imagens, convertidas em individualidades, que constituem entre si o eu e o não eu, manifestação indubitavel de uma idolatria repugnante e grosseira? Ao menos se o beaterio português fosse patrioticamente idolatra! A imagem de Lourdes, especialista actual em milagres, nunca ha de hombrear com a Senhora da Rocha no tempo da sua voga. Porque não restauram aquella fabrica de maravilhas? A Senhora da Rocha fazia milagres seccos; não precisava nem d'agua nem de frasquinhos. Chamar-se catholicismo a estas orgias reaccionarias!

Não sou iconómacho. Sei o que a igreja ensina sobre o culto dos sanctos e a *veneração* das imagens; mas sei tambem as cautellas e as prevenções de que ella rodeia esse culto e essa veneração para não degenerarem em idolatria. Nem as imagens dos sanctos, nem os proprios bemaventurados fazem milagres; exoram para os peccadores, que buscam a sua intercessão, a misericordia de Deus. Quando se attribuem maravilhas a tal ou tal imagem, com exclusão de outras do mesmo sancto, cai-se na mais brutal idolatria. Ignoram esses

prelados que dirigem prestitos pagãos das suas ovelhas a uma imagem da Virgem, semelhante a centenares dellas que tem na propria diocese, e sabendo perfeitamente que todas tem igual valor, o que estatue a este respeito, não algum antigo concilio mas o mais recente de todos? Parece que ao menos deviam respeitar este. «As imagens de Christo, diz-se na Sessão XXV, do Concilio de Trento, e a da mãe de Deus e as dos outros sanctos, cumpre que se tenham e conservem principalmente nos templos, e se lhes tributem honra e veneração; não porque se deva crer que nellas haja nada de divindade, ou tenham virtude alguma pela qual se lhes renda culto, ou se lhes façam supplicas, ou se ponha confiança nellas, como outrora faziam os gentios que collocavam as suas esperanças nos idolos. A honra que se lhes faz dirige-se aos seus prototypos, de modo que por meio dellas adoremos Christo e veneremos os santos que representam.»

Respeitam esta doutrina os bispos, inculcam-na aos fieis, quando attribuem ao madeiro ou barro de Lourdes o exclusivo da milagraria que fustiga como graniso a amplidão do velho e do novo mundo?

E a proposito disso, permitta-me que faça

alguns reparos a uma passagem da sua carta, que me revela melhor que nenhuma outra o estado seu espirito. Chama V. Ex.ª ironicamente carolas aos que vão todos os domingos lavar a cara aos doentes pobres na rua de S. José. Não senhor, não são carolas: são comediantes. Quem lava a cara aos doentes os outros dias? Se não a lavam, devem os taes doentes ser asquerosos; se lh'a lavam, quem o faz á semana pode fazê-lo ao domingo. Não na rua, mas no hospital de S. José fazem-lh'as lavar com mais frequencia, se os homens competentes, e não quatro tolas mettidas a doutoras, entendem que isso não é inconveniente para o tractamento dos enfermos miseraveis. Os taes pobres doentes da rua de S. José, a quem lavam a cara de oito em oito dias diante da platea (estou advinhando que ha enchente, na platea, ao domingo) fazem-me lembrar as numerosas tropas de Pedro o grande, ou de José II d'Austria, ou de Gengis-kan, que na minha meninice, cheio de admiração, eu via desfilar ao longo dos bastidores do theatro: exercitos compostos de trinta comparsas que passavam trinta vezes pelo proscenio. Era no tempo em que eu chorava como perdido assistindo aos dramas piegas e choramingas d'Antonio Xavier,

d'Arhand ou de Kotzebue. Hoje, que tenho a fronte calva e os cabellos brancos, se visse um drama daquelles enfastiava-me ou ria-me.

Neste seculo, Ex.mo Sr., em que a illustração sempre crescente, e em que o estudo das condições economicas e moraes da sociedade tem feito conhecer melhor as causas dos mil infortunios das classes desvalidas, a caridade da gente séria trabalha em removê-los, ou, pelo menos, attenuá-los na sua origem. Os trez grandes elementos dessa obra de Deus, a discussão publica, a associação e as contribuições voluntarias feitas com discernimento, actuam energicamente para se obter esse grande fim, sem que ás vezes, até, muitos dos operarios da caridade percebam que o espirito do christianismo, escondido no fundo das consciencias, onde a educação, as tradições, os habitos o radicaram, é o verdadeiro motor desses nobres esforços e sacrificios, que de certo se não explicam pelos instinctos egoistas do homem. Os dogmas religiosos, que exclusivamente se referem a relações puras entre Deus e a nossa vida interior, são immutaveis; mas a moral christan, immutavel tambem nos seus principios revelados, devendo forçosamente manifestar-se no objectivo, no mundo real, tem de se accommodar

ás phases por que vai passando a civilisação, e cumpre que aproveite as condições desta mesma civilisação para exercer a sua acção benefica. Acudir ao individuo que padece, é bom, quando disso se não faz espectaculo, e quando se indaga primeiro se a paternidade da miseria pertence ao vicio ou á desgraça; mas é melhor, incomparavelmente melhor, buscar que o padecer se vá contrahindo ás suas dimensões irreductiveis. Porei um exemplo. Ha pouco que na imprensa se demonstrou a insufficiencia do salario do trabalhador rural e se delineou o doloroso quadro das amarguras e privações que vão tecendo a dura vida de milhares de familias. Pensar nisso, pensar no remedio, e empregar a influencia, a riqueza, a intelligencia em promover o melhoramento economico e moral desta e doutras classes desgraçadas, é fazer a caridade em grande; caridade de certo mais acceita na presença de Deus do que o alarde de uma humildade esteril com a lavagem dominical.

Depois da scena do lavatorio, V. Ex.ª introduz-me na eschola das irmans de caridade francesas ajudadas por uma irman portuguesa. Se esta era irman de caridade, não é provavel que estivesse habilitada legalmente a ensinar. Foram as francesas, ou algum dos Miels, que

por ahi andam a metter a desordem no seio das familias, que a acharam habil. A mulher é, portanto, inutil. Quem pode examinar e approvar mestras pode ser mestra. Diz-me V. Ex.ª que eu havia de gostar. Protesto, como protestei contra os bispos que, em materia de dogma, antes do concilio e no concilio dizem *não creio*, isto é, não o crê a igreja particular cujo pastor sou, e depois dizem *creio*, como se o crer e o não crer dependessem do nosso alvedrio, fossem uma especie de botas velhas que se trocam por umas novas. Tenho o mau gosto de os reputar uns grandes velhacos, como reputo a eschola lazarista um grande perigo. O pouco que V. Ex.ª me descreve do ensino que alli se dá, bastaria para a tal eschola me repugnar, se, aliás, ignorasse o fim a que tende e o que significa. Se é destinada a filhos de pessoas abastadas ou remediadas, não é caridade, é especulação, especulação á padre Étienne, ou especulação de recrutamento das gerações novas para o exercito do *Syllabus* contra a sociedade moderna. Se é destinada aos filhos dos pobres e humildes, entendo que seria acto mais elevado e de caridade arredar della as desgraçadas creanças como medida preventiva de sanidade moral. Quando á infancia pobre se ensina a

illuminar sanctinhos e a desenhar cartas geographicas, ensina-se-lhe a conservar as mãos finas, e deixa-se-lhe ignorar que a energia dos musculos, a paciencia constante nos tedios do trabalho monotono, muitas vezes repugnante, será para ella uma impreterivel necessidade. Por isto faço idéa do resto. A avaliar as cousas pelas incompletissimas indicações de V. Ex.ª, receio que saiam d'alli alumnos para o vadiismo e alumnas para a prostituição, recursos ordinarios das creanças pobres que se habituaram a ter as mãos finas. Suspeito que tanto rapazes como raparigas poderiam ir aprendendo cousas mais consentaneas com o seu destino social do que serapintar registos ou percorrer com a ponta do lapis as dioceses daquelles celebres bispos *in partibus* do latrocinio.

Conclue V. Ex.ª por confessar que não saberia convencer-me, mas diz que as observações que me faz tem por unico alvo obstar a que tenhamos dous catholicismos na Peninsula. Permitta-me V. Ex.ª dizer-lhe que nunca vi ninguem oppôr-se mais resolutamente ás proprias intenções. Se eu não renego da tradição catholica, e se V. Ex.ª se não converte a ella, como ha de obstar a que haja na Peninsula o que V. Ex.ª chama dous catholicismos e que

eu chamo catholicismo e infallibilismo? Mas, com um nome ou com outro, quaes os culpados da existencia de duas igrejas diversas? São os que dizem: Cremos nos dogmas que nos inculcaram na infancia aquelles em que creram nossos pais e avós; nem mais nem menos. Cremos com o apostolo das gentes, com todos os sanctos padres e doutores, com a igreja, em summa, de dezoito seculos na perpetuidade da fé. São culpados os que proclamam assim a immutabilidade da tradição, o caracter que distingue o catholicismo de todas as heresias, ou os que apagam este signal até hoje indelevel e arrojam a igreja catholica para as vagas do oceano das variações onde fluctuam as seitas? Somos nós, ou são aquelles que, acceitando dogmas novos de invenção pontificia, e declarando os papas infalliveis, hão de forçosamente acceitar quaesquer outros que elles possam apetecer? Admittido o enxerto na arvore eterna do christianismo, não se vê porque se ha de recusar a poda. Desde que a immutabilidade desapparece, não ha que estranhar mais a suppressão do que o accrescimo. Assim, ninguem pode dizer quaes serão daqui a cincoenta ou cem annos os dogmas do infallibilismo. Será preciso que surja no futuro um novo Bossuet para comple-

tar a Historia das Variações e Creações supplementares, que não dirão respeito ao protestantismo, mas sim ao neo-catholicismo ; variações que são a contradicção mais flagrante com a unidade da igreja, unidade que não está em trezentos ou quatrocentos bispos, mais ou menos facciosos, mais ou menos reaes ou pintados, mais ou menos incredulos ; mas nos milhares e milhares de bispos effectivos que em 1800 annos acreditaram unanime e exclusivamente nos dogmas que lhes legaram os apostolos.

Preoccupado pelas illusões dos farricocos que entenderam dever constituir tambem na sociedade um partido politico, V. Ex.ª deve achar-me um desalmado impio. Que quer de um velho soldado de Mindello? As instituições liberaes estão declaradas incompativeis com o christianismo pela igreja official. Ora nós vemos que os primeiros christãos achavam a sua crença compativel com o regimen mais absurdo que se tem conhecido entre povos civilisados : o despotismo dos cesares. Como membros de uma sociedade espiritual, nada tinham que ver com a indole e mechanismo da sociedade temporal. Achavam-se incompetentes. Pediam-lhe unicamente uma cousa, a tolerancia exterior. Este contraste entre o passado

e o presente faz-nos suspeitar que a igreja official mentia. Pareceram-nos as instituições representativas o que quer que seja melhores do que a vontade omnipotente de um soldado romano feroz ou devasso, ou ambas as cousas. Averiguámos, estudámos os actos e as doutrinas dessa igreja official. Debaixo das apparencias de um catholicismo fervente fomos encontrar enroscada a heresia-mór, a heresia especulação, a heresia arma politica. Ficou, por isso, tranquillo o nosso espirito. Continuamos a crer que a liberdade se concilia com o catholicismo, embora o sacerdocio hierarchico, arvorado por motu-proprio em juizo das instituições sociaes, maldiga da porta do templo o liberalismo. O templo profanado pela mentira e pela heresia ha de cahir; os phariseus da lei nova hão de desapparecer. Restaurada a antiga tradição e a antiga disciplina, o marianismo, o infallibilismo e o phariseismo irão ajunctar-se ás outras obscenidades que mancham a espaços os annaes da sociedade christan. Então o christianismo e a liberdade, o pai e a filha, poderão abraçar-se em perpetuo amplexo no terreno purificado e sancto das convicções sinceras.

Sou de V. Ex.ª

Ill.^mo e Ex.^mo Snr. [1]

Deu V. Ex.ª a certas phrases da minha resposta á sua benevola carta uma interpretação que direi equivocada, porque, havendo-a V. Ex.ª lido sósinho, como affirma e é dever meu acreditar, não pode ter sido inspirada a replica por um desses defensores das mais monstruosas doutrinas ultramontanas, cujas principaes armas são a dobrez, o sophisma e a falsificação dos textos.

V. Ex.ª diz que eu protesto, em nome da razão, contra o procedimento dos bispos que se submetteram ás decisões do concilio do Va-

---

[1] As cartas escriptas sobre este assumpto por Herculano ao padre Barros Gomes foram em numero de quatro. O que vae ler-se constitue uma primitiva versão da segunda carta, que, por qualquer motivo, o auctor poz de parte antes de concluida, substituindo-a pela que anteriormente reproduzimos. Pareceu-nos, comtudo, interessante publicar tambem aqui esse trecho. — *Nota do coordenador.*

ticano ou as sustentaram. Não, Ex.mo Senhor. Sirvo-me da razão para protestar, em nome da tradição, contra dogmas de nova fabrica. Protesto, porque me lembro do preceito do apostolo S. Pedro, segundo o qual devo estar habilitado para expôr os motivos da minha crença, e eu não o estou para dizer em que ella se fundaria se admittisse o immaculatismo e o infallibilismo ; protesto contra doutrinas que eram erros emquanto não passaram das discussões dos theologos, mas que se converteram em heresias formaes desde que se proclamaram como artigos de fé ; protesto porque, membro da igreja, tenho o direito de protestar, como um simples leigo, e depois o povo de Constantinopla, protestavam contra o nestorianismo, com applauso do papa S. Celestino ; protesto, porque a decisão do supposto concilio foi nulla por se desprezar a regra dos antigos concilios, regra que, até ao concilio de Trento, foi reputada necessaria e que consiste em serem as decisões tocantes ao dogma votadas por unanimidade, o que obrigou os curiaes a viciar as actas do concilio, regra, emfim, que o proprio papa julgou então indispensavel (Pallavicino, Liv. 19 c. 11 n. 14 e 15 e Liv. 22 c. 4 n. 2).

Diga-me agora V. Ex.ª se ha unanimidade,

ao menos moral, onde 88 bispos votam contra, 62 com restricções indeterminadas, o que equivale a votar contra, e 70 abstem-se de votar, evidentemente porque são caracteres timidos que receiam desagradar ao papa? Submetteram-se depois, diz V. Ex.ª. Submetteram-se a quê? A uma decisão que sabiam ser nulla, porque não eram homens ignorantes que não o soubessem? E donde consta officialmente o acto de submissão? Eu leio em detestavel phrase, que simula lingua portuguesa, as pastoraes facciosas de alguns desses prelados que, por diversos modos, deixaram de adherir ao novo dogma; leio as inepcias paraphraseadas do *Syllabus* ahi amontoadas, as insolencias brutas e revolucionarias de funccionarios que o estado mantem contra o direito publico do nosso país, ás quaes um governo medianamente decente teria respondido com a suspensão das temporalidades e com um processo. O que não vejo é a mudança de cathecismos onde se mostrem os novos botareus ao velho edificio do catholicismo, isto é, onde os recentes dogmas sejam inculcados aos fieis. Se alguns prelados trocaram cá fóra o *non placet* pelo *placet* é que, ou corrigiram depois o erro que o Espirito-Sancto lhes inspirara no concilio, ou o crer e o não crer são

para elles apenas cousas accidentaes, que devem accommodar-se aos interesses politicos da reacção.

Ha annos, entrando numa loja de livros, vi sobre o balção uns grossos volumes. Abri-os. Era uma historia ecclesiastica, em francês, continuada até ao tempo presente para uso dos seminarios. Tive curiosidade de ver o que se ensinava nos seminarios ácerca do estado actual da igreja. Das cousas estupendas que lá encontrei só me ficou de memoria uma particularidade. Era, então, a epocha em que o phenomeno das mesas gyrantes prendia as attenções. O auctor falava do phenomeno como de um successo gravissimo no mundo religioso. Quanto a elle, não havia a menor duvida de que era o Diabo quem movia as mesas. Deus tinha encarregado Satanaz daquelle serviço para provar a um seculo incredulo, por uma manifestação publica, repetida milhares de vezes e em milhares de logares, a existencia do proprio Diabo. Ri-me quando acabei de ler semelhantes tolices, mas o riso converteu-se-me em tristeza, quando vi no baixo da pagina auctorisada aquella boa doutrina não me lembro por quantas duzias de pastoraes de bispos. Aqui tem V. Ex.ª o que são os homens que não creem na infallibi-

lidade antes do concilio e durante o concilio, e que creem nella depois.

> Christo disse: (Matth. XV, 108, 9, 14) «Hypocritas, bem prophetisou de vós outros Isaias quando diz: Este povo honra-me com os labios; mas o coração está longe de mim.
>
> Em vão, pois, me honram, *ensinando doutrinas e mandamentos que vem dos homens.*
>
> . . . . . .
>
> Deixae-os: cegos são e conductores de cegos: e se um cego guia a outro cego, ambos vem a cair no barranco.»

Ill.mo e Ex.mo Sr.

A necessidade que tive de ir a Lisboa, a minha demora alli e os trabalhos que se me accumularam entretanto, a que era preciso acudir primeiro, retardaram a já demorada resposta ás duas ultimas cartas de V. Ex.a. Procurarei roubar as horas que puder a outras occupações mais urgentes para responder a ambas. Qualifica-me V. Ex.a de refinado herege, na sua penultima. Não me escandaliso. Um de nós forçosamente o é, e seria ridiculo pretender eu que V. Ex.a tomasse para si o mau papel. Accusações dessas são tão velhas e tão vulgares que não incommodam ninguem.

Não provoquei esta discussão. Cá ia digerindo commigo a minha heresia. Tenho pouco geito para missionario, mas fui, por cortezia, seguindo o caminho por onde V. Ex.a me levou. Honrou-me V. Ex.a com uma carta inesperada, convidando-me a conciliar-me com a assemblea do Vaticano. Respondi que não

podia, e dei a razão disso. É esta, em resumo, que os dogmas da igreja catholica devem ser hoje os que eram no tempo dos apostolos. O concilio creou um dogma novo, e este dogma implicava o reconhecimento de outro sahido da fabrica de Pio IX, ou antes, do padre Beckx. Esse facto estrondoso feria a immutabilidade da fé, immutabilidade que constitue a essencia do catholicismo. A tradição negou-a, e a escriptura e a tradição são fontes unicas da crença catholica. A assemblea do Vaticano não foi, portanto, um concilio; foi um latrocinio d'Epheso. Isto não é escholastico, não é subtil, não é esperto: é claro e simples como todas as verdades praticas e fecundas.

Quer V. Ex.ª refutar-me peremptoriamente? Prove-me de duas cousas uma: ou que em qualquer dos seculos christãos se accrescentou um unico dogma novo á tradição apostolica, ou que a immaculada conceição e a infallibilidade do papa foram dogmas recebidos unanimemente pelos fieis e fizeram sempre parte da tradição universal desde o primeiro seculo da igreja. Com isto tem feito tudo. Fico eu herege, ou converto-me. Sem isto nada tem feito: o herege é V. Ex.ª e o padre Beckx e o papa e todos os marianistas e infallibilistas.

Emquanto essa curiosissima demonstração não chega, permitta V. Ex.ª que eu continue a ater-me ás celebres maximas de Tertulliano e do Levinense: «É de Deus e verdadeiro, o que vem da tradição; estranho e falso o que foi posteriormente introduzido. (Tertull. De Praescript c. 31). Permanece firme e seguro na fé o que conhece o que nos tempos antigos a igreja universalmente ensinou, e está resolvido a crê-lo e professá-lo exclusivamente. (Vinc. Lerin. Commonitor. c. 25).

O gongorismo ao divino, o estylo á Violante do Ceu não serve para nada, porque nada prova. A religião é o que quer que seja mais serio, mais grave, mais varonil do que isso. Pode V. Ex.ª estar certo de que a biblia e a tradição hão de ficar sempre acima das mentiras, dos sophismas, das falsificações, das espertezas e das sanctimonias alambicadas dos defensores do despotismo papal. Que trovejem anathemas; que distillem phrases unctuosas estereotipadas, eu aconselharia a V. Ex.ª, se me atrevesse a aconselhá-lo em cousas destas, que lhes respondesse com o fabulista: *Sic valeas ut farina es.*

Vamos a ver porque eu sou herege.

1.° Porque não tenho um só bispo do meu lado.

Tenho todos aquelles que no concilio votaram contra a infallibilidade, ou votaram *juxta modum,* ou fugiram de votar sabendo que o papa queria á fina força ser infallivel. Esses trez grupos constituiram muito mais de um terço da assemblea. Se aquillo era concilio ; se em votações dogmaticas é necessaria a unanimidade, ao menos moral, como se exprimem os theologos, que capricho foi esse do Espirito-Sancto, que não allumiou naquella conjunctura mais de um terço dos prelados, prelados que, pela maior parte, trasiam alli a tradição das respectivas igrejas, e allumiou a quasi totalidade dos bispos *in partibus* que não representavam a tradição d'igreja nenhuma? Que valor moral tiveram os votos dos bispos dos estados pontificios, vassallos do papa rei absoluto, bispos de dioceses iguaes em extensão e população a qualquer grande parochia, que numa pequena área com trez milhões de habitantes excedem em numero umas poucas de vezes o numero dos bispos de Portugal, que, em summa, são uma especie de curas sagrados em bispos para engrossar as fileiras do episcopado ultramontano? Para annullar as reclamações e os votos negativos dados nas congregações do supposto concilio seria necessario que existissem abjurações for-

maes, solemnes e individuaes dos bispos anti-infallibilistas. V. Ex.ª, depois de me dizer que nenhum bispo está do meu lado, precisa de me indicar onde poderei edificar-me com a leitura de taes abjurações.

Quer V. Ex.ª ver qual é a severidade catholica dos bispos actuaes? Quer ver se as suas palavras ou o seu silencio provam negação ou concurso sincero a respeito de cousa nenhuma? Buscarei exemplos de casa. O bispo do Algarve (hoje patriarcha), o de Lamego e o de Cabo Verde, unicos portugueses que intervieram no concilio, assignaram a reclamação de 8 arcebispos e 27 bispos franceses contra a promulgação da infallibilidade. Depois parece que se converteram e votaram por esta, não apparecendo assignados no protesto dos 55 bispos que abandonaram o concilio antes da sessão publica em que foi promulgado o novo dogma, protesto em que declaravam que votariam *non placet*. Voltaram os trez a Portugal. Todos elles tinham jurado como pares do reino manter a Carta e o Acto Addicional, mas nenhum delles largou a sua cadeira no parlamento. Todavia, a Carta e o Acto Addicional encerram muitos principios politicos condemnados como erros de doutrina pelo infallivel Pio IX. V. Ex.ª deve saber de cór o *Syllabus*,

se é neo-catholico, e, por consequencia, deve detestar aquelles principios. Nunca juraria mantê-los, e, se o tivesse jurado, abjuraria publicamente para salvar a sua alma. Dos trez prelados conheço os dous vivos, e tive certa intimidade com o de Cabo Verde, hoje fallecido, o mais intelligente delles. Sei quaes eram as suas doutrinas. Quando eu lhe lançava em rosto não ter o valor de christão e de bispo proclamando-as, respondia-me que o resultado seria uma perseguição implacavel, como succedera ao seu antecessor em Bragança, o illustrado e virtuoso Aguiar; e que queria morrer em paz. Dos dous que vivem faço o devido conceito, mas guardo-o para mim.

Os caracteres fracos e os hypocritas tem para seu uso uma opinião vulgar na eschola (e que acto haverá no mundo para o qual a theologia escholastica não tenha uma sahida?) com que a todo o tempo podem defender-se de deixarem correr despeada a heresia. Quando a paz da igreja ou do estado, dizem certos theologos, exige o silencio dos bispos, este silencio não pode ser tomado como approvação. Na situação actual, dirão elles, um scisma na igreja ser-lhe-ia fatal. Limitaram-se a não fazer caso dos taes dogmas improvisados, con-

servando para o ensino das gerações novas os antigos cathecismos.

Do que estamos vendo entre nós podemos inferir o que vai lá por fora.

Tornando agora á sua penultima carta, o que nella é sobretudo notavel é a affirmativa da solidão episcopal que me rodeia. Resulta dahi que V. Ex.ª concebe a unidade da igreja de um modo singular; que a concebe em camadas divididas por abysmos, camada de bispos de hoje, camada dos de hontem, camada dos de ante-hontem. Que importa a V. Ex.ª que estejam do meu lado milhares de bispos de dezoito seculos? É como se não estivesse ninguem. O caso é o accôrdo, expresso ou tacito, dos bispos sem diocese, dos cardeaes diaconos, dos pastores dos bispados joujoux dos estados pontificios, com os processionarios de Lourdes e outros quejandos. Supprimam a unidade da igreja na serie dos tempos. Se V. Ex.ª tivesse vivido na epocha em que S. Jeronymo dizia que o mundo ficaria attonito de se achar ariano, ou quando no concilio de Rimini ou de Sirmio era virtualmente condemnado o catholicismo por immensa maioria, tinhamos em V. Ex.ª, no seu systema de unidade exclusivamente synchronico, um chapado ariano, e tanto mais que

encontrava no gremio de Ario o confirmador da fé.

2.ª razão porque sou herege : porque «desconheço um pedaço do *velho* catholicismo que *consiste* em *todos* se voltarem *sempre* para o papa como *arbitro supremo* das questões religiosas.»

Não posso resistir á tentação de coser aqui a este maravilhoso pedaço de *velho* catholicismo uma parte do paragrapho seguinte da carta de V. Ex.ª, que prova a *minha* ignorancia do tal fragmento da antiga doutrina catholica : «S. Pedro nega-o trez vezes num recanto obscuro, entre gente obscura que o quer humilhar e provocar.» V. Ex.ª não pode deixar de dever as suas *seguras* informações sobre as origens da igreja a algum desses padres Étiennes que ardem no amor divino dos cofres das beatas ricas. Depois de reconhecer que S. Pedro nem sempre trilhou o caminho da verdade evangelica, negando a Christo e favorecendo os sectarios do erro condemnado no concilio de Jerusalem, desculpava-o por ter andado em más companhias, em companhia de gente obscura, da ralé. Porque se mettia elle com tal gentinha, e não seguia o exemplo de Christo, que tinha especial predilecção pela aristocracia, circumstancia ignorada pelos

evangelistas, e que ha poucos annos a infallibilidade de Pio IX revelou ao mundo attonito? (Veja-se *L'Univers* de 3 de janeiro de 73, N. 2019).

Como, porém, emendou a mão S. Pedro? Di-lo V. Ex.ª: *Convoca* o concilio de Jerusalem, *preside* a elle, ouve a todos, e *decide elle* de modo que S. Paulo não tivesse de que se queixar.

Esta convocação, esta presidencia, esta benevolencia com que deixa falar a todos e esta decisão de S. Pedro são impagaveis. Eu ignorava esses factos, porque nunca ouvi os padres Miels. Conhecia apenas aquelles magrissimos Actos dos Apostolos, onde não vem nada disso. S. Lucas era um grosseirão: devia prever o gosto que os successores de S. Pedro haviam de ter em serem infalliveis, devia prever que não bastavam ás suas ambições os singulares privilegios que, por instituição divina e pelas disposições dos canones, andam annexos á primazia da igreja universal. Devia escrever cousa que servisse ao intento, e darnos um concilio ultramontano para uso dos papas. Ha seculos que elles forcejam por substituir o organismo liberal da sociedade catholica, organismo que é o typo dos governos representativos, pelo despotismo de um

summo sacerdote! O infallibilismo é a cupula desse edificio lentamente alevantado em contraposição ás instituições legitimas da igreja. No papa ha o homem e o pontifice, a carne e o espirito: a carne fez-se pingue e cresceu; trasbordou e abafou o espirito. Depois deu-se a si propria por espirito. Dahi as recentes heresias de que V. Ex.ª é sectario.

Se V. Ex.ª, em vez de ler as filigranas da rhetorica beata, a *Fenix Renascida* em prosas de grade de freira, que nos vem de Malines, de Tours ou de Paris, em livrinhos dourados, e com que se regala o mysticismo do beaterio, lesse os rudes livros do Testamento Novo e dos antigos padres, ia de certo por outro caminho. Onde acha V. Ex.ª que S. Pedro convocou o concilio de Jerusalem? *Convenerunt apostoli et seniores* traduz-se acaso: convocou S. Pedro os apostolos e os presbyteros? Depois de diligente exame, falou S. Pedro. Como se fez aquelle exame sem que outros falassem antes? Donde consta que foi elle que ordenou o exame? E depois, para que falou elle? E para que servia o exame, estando alli o oraculo vivo e infallivel da verdade? Para testificar um facto do qual resultava que não se deviam obrigar os gentios ás observancias legaes. Foi pelo menos o valor que attribuiu

ao seu discurso Sanctiago apostolo, que, como bispo de Jerusalem, presidia naturalmente ao concilio: *Simon narravit,* disse Sanctiago. Calou-se a assemblea, depois do discurso de Pedro, mas a intelligencia obvia do texto é que se calaram porque falavam ou iam falar S. Paulo e S. Barnabé. S. Pedro não torna a abrir a bôcca, e, quasi ao cabo do seu discurso, dissera: *porque tentaes a Deus pondo um jugo sobre as cervizes dos discipulos?* Argumentara, sustentara uma opinião estribado nas faltas que memorava: não resolvera cousa nenhuma. Sanctiago é quem resume o debate e que cita, não uma decisão e nem sequer a opinião de Pedro, mas, apenas, o seu testimunho: *Simon narravit.* É elle que profere *ego judico.* Quem, todavia, resolve definitivamente é o corpo dos apostolos e presbyteros, com o *assenso de todos os fieis: (placuit apostolis et senioribus cum omni ecclesia),* e resolve sobre proposta de Sanctiago e em conformidade della. S. Pedro argumentara, dera a sua opinião, mas nem sequer proposera as providencias que se deviam tomar. A resolução foi mandar aos christãos mensageiros com cartas da assemblea, em que se lhes manifestasse qual era sobre a questão a doutrina, não de Pedro mas do concilio inspirado pelo Espi-

rito-Sancto. *(Visum est spiritui sancto et nobis)*. Esse é o ultimo desproposito de S. Lucas. Devia ter escripto *visum est spiritui sancto et Pedro*, ou melhor ainda : *visum est Pedro*.

O concilio de Jerusalem do anno de 50 é o principal ariete que faz esboroar as pretensões ultramontanas. Avalie V. Ex.ª a lealdade dos padres Miels, que collocaram a V. Ex.ª na desgraçada situação de desmentir na sua carta a narrativa dos Actos dos Apostolos. Ahi tem porque elles inculcam que se abdique da razão, que em materias religiosas não se examine, não se leia, não se compare, e que não se queira saber o que diz a biblia e a tradição, mas só o que diz o papa. É esta humildade que, sobretudo, elles requerem. Pudera, não!

Na questão das observancias legaes, V. Ex.ª, se não me engano, labora num erro chronologico, ou será esperteza dos padres Miels? Parece que presuppõe ter S. Pedro, com a opinião contraria á necessidade dessas observancias, dado satisfação a S. Paulo do escandalo pelo qual elle lhe resistira e o accusara de trahir a verdade evangelica. Não é assim. A queda do chefe do apostolado tem maior gravidade. Foi muito depois de condemnado o erro dos christãos hebreus no con-

cilio de Jerusalem, com inteira acquiescencia de S. Pedro, que elle se associou aos que mantinham a ruim doutrina. É a rebellião contra a decisão formal do Espirito-Sancto e da igreja, circumstancia que justifica plenamente a linguagem um pouco violenta de S. Paulo.

V. Ex.ª continua a mundificar o papa Liberio. A questão não é commigo : é com S. Hilario, com S. Jeronymo, com o papa S. Damaso, com o antigo hagiographo de S. Eusebio. Peteiros! V. Ex.ª tem por si Affonso de Liguori. Que mais é preciso? Liguori tinha o seu Liberio na ponta da lingua. Não era um ignorantão como aquelles sujeitos.

Soffra V. Ex.ª que eu continue a applicação ultramontana daquelle texto *confirma fratres tuos* que tanta conta faz ao ultramontanismo porque o affeiçoou para pedra angular do infallibilismo. V. Ex.ª, que tanto insiste nesse texto, vem por seu pé ao terreno em que eu o queria, objectando-me que seria absurdo suppôr a necessidade de errar o papa e converter-se depois cada vez que houvesse de confirmar na fé seus irmãos. Foi justamente por absurdo que eu quis provar a V. Ex.ª que o texto não servia para fundamento da infallibilidade. Na verdade, a cousa é absurda; mas não é menos absurdo que se reputem as pala-

vras *aliquando conversus* uma superfetação, uma inutilidade, um falar á toa de Christo, o que não poderá deixar de se admittir se quisermos ver nas phrases dirigidas a S. Pedro, expressa ou symbolisada, uma instituição futura e permanente da igreja. Aqui não se tracta de interpretação litteral ou tropologica : pretende-se a suppressão de um adjectivo que, como todos os adjectivos, determina a modalidade de um substantivo : *Petrus conversus* é necessariamente diverso de *Petrus* só. Desde, porém, que se entender o texto no seu sentido simples e obvio, conforme ao sentir de muitos exegetas, isto é, como relativo pessoal e exclusivamente a S. Pedro, ambos os absurdos, entre os quaes é forçoso escolher, desapparecem. Pedro convertido edifica e torna, portanto, por aquelle acto de resipiscencia mais firmes na fé seus irmãos. Se os bispos defunctos servissem para alguma cousa a V. Ex.ª, eu perguntar-lhe-ia por que razão os homens, pela maior parte eminentes, que se assentavam nas cadeiras episcopaes de Portugal, quando sahiu á luz a traducção da biblia pelo P. Pereira, não se apressaram a condemnar a nota do celebre oratoriano a este versiculo de S. Lucas. Nessa nota está a unica intelligencia possivel daquella passagem sem offensa

do senso commum. Se nos fosse lícito supprimir nos textos da Escriptura quantas palavras se oppozessem aos nossos preconceitos ou aos nossos intuitos, que haveria ahi, por mais abominavel que fosse, que não podesse fundar-se num texto dos livros sagrados?

Vamos ao pedaço do velho catholicismo que eu desconheço e que consiste em *todos* se voltarem *sempre* para o papa como *arbitro supremo* das questões religiosas. Sou herege por esquecer este *velho* catholicismo.

Que quer V. Ex.ª? Peccarei, como S. Pedro, por andar em más companhias. São por milhares os meus collegas na heresia. Citar-lhe-hei alguns dos mais ruins.

1.° S. Paulo. O apostolo dos gentios, vendo S. Pedro associar-se aos christãos judaisantes contra a doutrina dogmatica do concilio de Jerusalem, esquece-se de que elle é o *arbitro supremo* nas questões religiosas e resiste-lhe em face, accusando-o de não trilhar o caminho do evangelho.

2.° S. Cypriano. O celebre bispo de Carthago sustenta com 120 bispos d'Africa e do oriente a nullidade do baptismo administrado por hereges. O papa S. Estevam pronuncia-se contra, e reveste a sua decisão com todas as solemnidades de que as podia revestir como

o primeiro entre os bispos. S. Cypriano e S. Firmiliano *esquecem-se* de que o papa é o *arbitro supremo*, provocam reuniões de concilios provinciaes, que confirmam as suas doutrinas, escrevem violentamente ao pontifice, e morrem, como se evidenciou da defesa de S. Cypriano por S. Agostinho, em opposição com o arbitro supremo, o que não obstou a que fossem incluidos no catalogo dos sanctos, apesar de realmente estar a razão da parte de S. Estevam.

3.° S. Agostinho. O bispo de Hippona constituiu-se apologista de S. Cypriano, reconhecendo que o sancto não tinha razão. E porque o defendia? S. Agostinho não se incommoda com o sentir do papa contrario ao do bispo de Carthago. S. Cypriano teria cedido, diz elle, se a doutrina estivesse liquida e a houvesse confirmado um concilio ecumenico: *si jam illo tempore veritas eliquata, per plenarium concilium solidaretur.* Confessa que tinha tendencia para seguir a opinião de S. Cypriano; mas que disso o demovera, não os decretos ou os anathemas do papa, mas sim o estarem de accôrdo no contrario sentir milhares de bispos, representantes da auctoridade da igreja universal.

4.° S. Hilario. *Anathema tibi prævaricator*

Liberi; anathema iterum: dizia o sancto áquelle papa Liberio nosso conhecido. Isto será voltar-se para o tal *arbitro supremo,* para quem *todos* se voltam *sempre,* ou será voltar-lhe o dente, como vulgarmente se diz?

5.° O monge Maxencio. Tendo o papa Hormisdas condemnado a proposição, aliás altamente catholica: *uma das pessoas da Trindade foi crucificada,* proposição sustentada pelos monges da Scythia, um delles, Maxencio, não se lembrando do *supremo arbitrio* do papa e respondendo á mensagem de Hormisdas, dizia: «se o papa prohibisse confessar que o Christo, o filho de Deus, é uma pessoa da sancta e individua Trindade, a igreja não lhe obedeceria, e, longe de o respeitar como bispo catholico, execrá-lo-ia como herege.

6.° S. Columbano. S. Columbano escrevia ao papa Bonifacio: «com razão nos resistem os que nos são inferiores, e com razão nos apartam da sua communhão. Apesar de inferiores, serão nossos juizes os que sempre mantiveram a fé orthodoxa.

7.° a 166.°—Os padres do 6.° concilio ecumenico, em numero superior a 160, depois de anathematisarem os inventores e primeiros fautores do monothelismo, accrescentam: «junctamente entendemos que nos cumpre

expulsar da igreja e anathematisar Honorio, que foi pontifice de Roma, a antiga, porque achamos que, na sua carta a Sergio, segue inteiramente o erro deste e auctorisa a sua impia doutrina.» Não acha V. Ex.ª que estes bispos de barbas compridas faziam alguma differença dos vaticanistas?

288.°—O papa Leão II, na carta ao imperador Constancio, associando-se ás resoluções do concilio de 680, revalida os anathemas contra os chefes do monothelismo, e prosegue: «tambem anathematisamos Honorio, que não allumiou a igreja pela doutrina da tradição apostolica, e que consentiu que esta doutrina, até então immaculada, se manchasse com uma tradição profana.» Quando V. Ex.ª tiver vagar dir-me-ha para qual dos dous *arbitros supremos,* Honorio ou Leão II, se deviam *voltar* os catholicos daquelle tempo. Não me occorre senão uma solução para salvar o *sempre* e o *todos* dos ultramontanos. Era serem monothelistas com Honorio e crerem depois com Leão nas vontades de Christo.

Deixarei de parte os setenta annos do seculo X, em que na cadeira de S. Pedro se assentaram successivamente os monstros de que fala Baronio, e em que a sé apostolica se atufou num charco de crimes atrozes, de

sacrilegios e de prostituições. Seria abusar de um triumpho facil em demasia. Entretanto, da historia dessa negra epocha da igreja tem de se deduzir uma das duas illações que della derivam : isto é, ou que o centro de unidade, a primazia pontifical, deixou de existir durante quasi um seculo, e que, portanto, este centro nem é indispensavel nem de instituição divina, illação perfeitamente heretica ; ou que o bispo que exerce aquella primazia, que é a manifestação viva do centro de unidade, longe de ser um arbitro supremo, está sujeito pessoalmente ao erro, á prevaricação moral, doutrinal e disciplinar como qualquer outro bispo, e que acima delle ha forçosamente uma entidade immutavel, infallivel, independente, soberana, que revoque ao bom caminho o primeiro pastor transviado, e que o puna ou substitua quando incorrigivel ; que, quando para isso lhe falte o poder material, nos tempos de provação, sem o papa, apesar delle e ainda atravez de todas as fraquesas, corrupções ou hypocrisias de uma parte mais ou menos notavel do episcopado, mantenha a perpetuidade da fé, as revelações da biblia e a tradição dos pastores. Esta entidade, cuja infallibilidade é de fé, não pode ser senão a igreja, mas a igreja na significação mais com-

pleta desta palavra : o episcopado, o presbyterado e o commum dos fieis, não por si, o que seria impossivel, mas legitima e livremente representados. *Placuit apostolis et senioribus cum omni ecclesia,* ou, como se exprime S. Ireneu (Advers. Haeres. L. 3—c. 12) : *Cum universa ecclesia convenisset in unum.* Daqui a necessidade actual de um concilio serio, em que intervenha largamente *omnis ecclesia,* para pôr no são o catholicismo.

Nas sociedades, sejam de que natureza forem, onde a jerarchia se corrompeu a ponto de cahir podre, a pedaços, é forçoso que a democracia venha com as mãos robustas reconstituir os elementos do poder social.

Especificar todos os hereges que, como eu, preferem a auctoridade divina da biblia e da tradição ao *arbitrio supremo,* individual, que briga comsigo mesmo na successão dos tempos, não só em relação a opiniões, mas tambem em relação ao dogma, e que, declarando-se infallivel, mas não impeccavel (o que seria demasiado audaz ou, antes, ridiculo, á face da historia), pode abusar da cerebrina invenção dos decretos *ex-cathedra* e não *ex-cathedra* para alterar a doutrina catholica em beneficio das suas paixões ou dos seus interesses ; especificar, digo, um a um, os individuos eminen-

tes, *todos* contrarios á eschola dos que pretendem que se voltem *sempre* para o papa como arbitro supremo, dava um livro em vez de uma carta. Para evitar o livro e passar adiante, enfeixarei de uma assentada com os 288 que me occorreram já, perto de um milheiro delles, que tantos foram os membros do concilio de Constança, o mais semelhante ao concilio primitivo de Jerusalem, porque nelle intervieram 300 bispos e perto de 700 presbyteros e representantes dos fieis seculares: *Apostoli et seniores et omnis ecclesia*. Uma das suas resoluções (sessão IV revalidada na V) foi a seguinte: «Este sancto synodo, legitimamente congregado no Espirito-Sancto, fazendo concilio geral e representando a igreja catholica militante, *recebeu immediatamente de Christo um poder ao qual todos e cada um, sejam de que categoria forem, não excepluando o papa,* tem obrigação de obedecer nas cousas que pertencem á fé, á extirpação do actual scisma e á reformação da igreja assim *na cabeça* como nos membros.» Somme V. Ex.ª este milheiro de hereges, meus collegas, com os 288 anteriores, tirados ao acaso entre muitos que ignoravam como eu o tal pedaço de *velho* catholicismo da fabrica dos padres Miels, e, se achar que são poucos, subministrarei a

V. Ex.ª os mais que julgar necessarios. Entretanto, para fechar esta lista, offereço-lhe um herege de marca Miel, um herege infallivel. É o papa Martinho V, que, na bulla de 22 de fevereiro de 1418, recommenda a todos os fieis inteira obediencia ás decisões do concilio de Constança, reconhecendo que elle é o representante da igreja universal. Veja V. Ex.ª a ignorancia daquelle infallivel ácerca do *todos*, do *sempre* e da sua arbitragem *suprema*.

Não o illudiu, como V. Ex.ª suspeita, a sua erudição d'eschola sobre o *Roma locuta est causa finita est*. Os ultramontanos tem, não direi usado, porque seria inexacto, mas abusado desse texto, ha muito tempo, contando com a ignorancia dos que os leem ou os ouvem. Na forma em que V. Ex.ª apresenta o texto é provavel que o ouvisse da bôcca dos Miels modernos. O sangue dos Miels antigos ainda ás vezes sabia o caminho do coração ás faces. Os d'hoje estão mais aguerridos. Nos principios deste seculo, o cardeal Gerdil, o propugnador mais erudito do ultramontanismo, empregou, á imitação de outros polemistas, todos os artificios de uma dialectica subtil para fazer servir esse texto aos seus intuitos ; mas invocou-o sem o mutilar, nem alterar. Hoje usa-se outra cousa. A passagem de S. Agostinho, extrahida

do sermão 131 na edição mauriense, é a seguinte : «*Jam enim de hac causa duo concilia missa sunt ad sedem apostolicam: inde etiam rescripta venerunt. Causa finita est. Utinam aliquando finiatur error.*»

Os ultramontanos isolam esta passagem de outras onde a opinião de S. Agostinho sobre a superioridode das decisões conciliares em relação ás dos papas é expressa e indubitavel, como se vê, entre outros logares, da defesa de S. Cypriano. Ficam assim desembaraçados para a interpretarem a seu geito. É, todavia, indispensavel que essas diversas passagens se conciliem, sob pena de se attribuir ao maior luminar da igreja, depois de S. Paulo, uma deploravel versatilidade numa das mais graves questões de doutrina. É facil, porém, a conciliação, logo que se attenda ao facto que se dava na epocha em que S. Agostinho escrevia : «não se force o sentido do sermão 131.» Consistia o facto nos esforços que os papas faziam para alterar a antiga disciplina, arrogando-se o caracter de juizes de certos delictos religiosos que Innocencio I designava pela expressão vaga de *causae majores*. A mais importante destas *causae majores* era a das offensas dos bispos á doutrina ou disciplina, offensas que nos quatro primeiros seculos cahiam exclusiva-

mente sob a jurisdição dos concilios provinciaes e dos metropolitanos. As resistencias ás pretensões dos papas protrahiram-se por largo tempo ; mas as insufficiencias da antiga disciplina para o julgamento dos patriarchas, e as prerogativas da primazia tornavam plausivel até certo ponto a tendencia para se ampliar nesta parte a auctoridade da sé apostolica. Os progressos da entrepreza eram já grandes nos principios do seculo v. As resoluções do conciliò de Sardica e a persistencia dos papas Innocencio I e Zosino deram extraordinario incremento á nova praxe. Isso, porém, não alterava nada em relação á doutrina. A auctoridade infallivel e exclusiva da igreja, o consenso unanime do sacerdocio e dos fieis *(apostoli et seniores cum omni ecclesia)*, manifestado na sua expressão mais genuina, os concilios ecumenicos, não deixava por isso de ser a entidade divinamente instituida para manter a integridade e a pureza da fé. Confundir a funcção jurisdiccional, mais ou menos extensa, mais ou menos legitima do papa, com a suprema auctoridade dogmatica da igreja, seria o mesmo que attribuir ao tribunal que applica a lei na mais elevada instancia o caracter e as funcções do legislador.

De que tracta a passagem do sermão de

S. Agostinho? Do pelagianismo, dos seus dous chefes Pelagio e Celestio. O pelagianismo tomara grande incremento e viciava a crença de muitos christãos, entre os quaes se contavam bastantes membros do episcopado na Europa occidental, e ainda no oriente. O mais duro adversario daquella importante seita foi S. Agostinho, que lidou contra ella durante vinte annos e que morreu combatendo-a. A questão envolvia dous julgamentos, o da heresia e o dos heresiarchas. Da heresia julgaram cinco ou seis concilios provinciaes, num ou dous dos quaes (porque na transição as praxes fluctuavam) foram anathematisados tambem os heresiarchas, aliás condemnados depois definitivamente pelo papa Innocencio I. A importancia do julgamento delles, proporcional ao desenvolvimento que a heresia tivera, tornava esse julgamento uma daquellas *causas maiores* em que os papas pretendiam ser julgadores supremos. Mas uma vez que elles condemnassem, acceitando as decisões doutrinaes dos concilios d'Africa (duo concilia missa sunt ad sedem apostolicam), seria um erro practico de S. Agostinho misturar com a gravissima questão pelagiana a discussão do direito que os pontifices se arrogavam. É até possivel que elle tivesse por melhor a nova

praxe. Não discutia, portanto, esse direito. A passagem do grande bispo africano, que os ultramontanos buscam pôr em contradicção comsigo mesmo, coaduna-se perfeitamente com os factos occorridos. «A respeito desta causa, diz S. Agostinho, dous concilios foram transmittidos á sé apostolica : d'alli vieram igualmente rescriptos. A causa terminou. Oxalá que emfim acabe o erro.»

Desejaria que V. Ex.ª me dissesse para que foram mandadas ao papa as actas dos dous concilios, se era a elle, illuminado pela infallibilidade, que tocava julgar tanto a heresia como os heresiarchas. Que importavam as decisões dos dous concilios contidas nas suas actas a quem se reputava supremo juiz, tanto do dogma como dos dogmatisantes? Parta-se, porém, da doutrina de S. Agostinho, tão positivamente affirmada por elle, sobre a suprema auctoridade dos concilios em materia de fé, e a passagem tornar-se-ha clara e simples. Quatro concilios, dous de Carthago, um de Diospolis e um de Milevi tinham condemnado não só a heresia, conforme a antiga disciplina, mas tambem os dous heresiarchas. Informado por S. Agostinho, que lhe transmitte as resoluções de um dos dous synodos de Carthago e as do de Milevi, Innocenio I anathematisa Pelagio e

Celestio. É a nova disciplina que se applica. Definida a doutrina pelos concilios e julgados e anathematisados os dous hereges, tanto no antigo fôro como no que tende a substitui-lo, a causa, essa *causa major,* está terminada. S. Agostinho é romano, e o latim, embora decadente, ainda é uma lingua viva. No uso ordinario, *causa* tem apenas duas significações : a de *motivo* e a de *litigio* ou *processo.* Não se confunde com *dicertatio, controversia, disputatio,* posto que estes vocabulos se empreguem ás vezes figuradamente no sentido daquelle. Na mesma passagem citada S. Agostinho distingue entre a doutrina erronea e o julgamento dos que a propugnam. *Causa finita est: Utinam finiatur error!* Temos *causa* e temos *error.*

Esta ultima phrase é significativa. S. Agostinho conserva apprehensões. Quer se admitta a competencia de um juizo, quer a de outro, Pelagio e Celestio estão irremessivelmente excluidos do gremio catholico. Mas, em rigor, fôra tambem esmagada definitivamente a heresia ? Não podem a astucia e as subtilesas disfarçá-la ? Os concilios que tinham condemnado o pelagianismo eram synodos provinciaes. A igreja universal representada num concilio ecumenico não proferira ainda o supremo ora-

culo : os sectarios podiam perturbar as consciencias e manter-se no erro com esse pretexto. Do Livro 2.º do bispo hyponense contra o bispo d'Eclana, o principal athleta do pelagianismo, pode inferir-se que os pelagianos tentavam protrahir a contenda por aquelle meio. S. Agostinho, tão absoluto, tão incisivo no estilo quando está convencido de uma verdade importante, combate frouxamente, quasi timidamente essa idéa. «*Não é bom* (non est bonum), dizia elle ao seu adversario, pôr de parte o sentir do papa e sustentar o sentir heretico. Que outro exame desejas, estando este já feito na sé apostolica?» Falaria assim o intransigente argumentador, se tivesse por dogma a suprema e infallivel auctoridade do pontifice? De certo *não é bom* desprezar a opinião do primaz da igreja universal, quando ella não contradiz essencial e formalmente a biblia ou a tradição, e sobretudo desprezá-la na parte mais obscura e difficil da doutrina catholica, a da graça e da predestinação, assumpto dos erros de Pelagio e Celestio, porque no papa ha duas entidades, o bispo de Roma e o chefe visivel da igreja universal, e deve suppôr-se que a opinião do bispo de Roma representava e exprimia no tempo de S. Agostinho a tradição da mais illustre entre as igre-

jas apostolicas, hoje unica na realidade existente. Mas, de attender a essas considerações a affirmar que as decisões do papa são incontrastaveis, e que este pode substituir os bispos, os sacerdotes e a igreja inteira (apostoli et seniores cum omni ecclesia), vai a distancia infinita que vai de uma instituição divina a um absurdo. O defensor de S. Cypriano não podia andar tão extenso caminho.

Os Miels que subministraram a V. Ex.ª um texto angustiniano de lavra de casa, o que de certo não lhe contaram foi o resto da historia do pelagianismo na epocha de S. Agostinho. Conto-lho eu. Morto Innocencio I, a quem Pelagio enviara uma profissão de fé para se justificar, Celestio dirigiu-se a Roma e apresentou a Zosimo, successor de Innocencio, outra profissão de fé, onde a heresia, como observam Bossuet e Bergier, se manifestava claramente. Ambos os heresiarchas, porém, protestavam rendida obediencia ás decisões da sé apostolica. Naturalmente achavam o papa infallivel, ao menos *ad hoc*. Com quem não queriam nada era com os anteriores concilios d'Africa. Pena é que não chegasse até nós um texto daquelles pios varões a favor da infallibilidade pontificia. Lisongeado com a *humildade* de Celestio, que se voltava como bom

catholico para o supremo arbitro Zosimo, cujo forte não parece ter sido a theologia, dirigiu aos bispos d'Africa lettras apostolicas um pouco azedas, em favor de Pelagio e Celestio. Assim, a infallibilidade de Zosimo corrigia a infallibilidade de Innocencio. Fizeram então concilio em Carthago os padres africanos, em numero de 214, e responderam ás lettras apostolicas revalidando os anteriores anathemas. O papa, que brigara com a infallibilidade do seu antecessor, recebendo d'Africa a resposta ás suas recommendações, brigou tambem com a propria, e, adherindo á decisão do concilio de Carthago, fulminou afinal aquelles dous modelos de humildade evangelica. Escrevendo a este proposito ao papa Bonifacio, successor de Zosimo, dizia S. Agostinho: «Lib. II. ad Bonifac. c. 3) «Se na igreja de Roma se houvesse julgado a respeito de Celestio e Pelagio, que os seus dogmas, condemnados nelles e com elles pelo papa Innocencio, se deveriam approvar e crer, dahi só resultaria o stygma de prevaricação para o clero romano.»

Deixo o commentario sobre este passo á perspicacia de V. Ex.ª.

Escrevendo interrompidamente, só agora reparo que, em vez de missiva, começava a fazer um livro, e eu ganhei mêdo a fazer livros.

Por isso paro aqui, reservando para occasião opportuna submetter a V. Ex.ª as poucas observações que ainda me occorrem sobre as duas ultimas cartas de V. Ex.ª.

Sou de V. Ex.ª

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Na sua ultima carta acha-me V. Ex.^{a} em muito maus lençoes por me ver separado dos bispos jesuitas, dos cardeaes diaconos (que, segundo os principios ultramontanos, não deveriam ter voto nos concilios), dos bispos sem rebanho, (o bispo sem rebanho corresponde ao nosso conselheiro que não aconselha. Em Roma fazem-se bispos como cá se dão cartas de conselho) e dos capitães de companhia dos milagreiros de Lourdes. A minha desgraça, segundo parece, ainda vai mais longe. Nem sequer tenho por mim Döllinger, que não protestou contra a blasphemia do immaculatismo, especie de dynamometro com que os padres do quarto voto experimentaram a força do seu pupillo Pio IX para vir impôr ao episcopado a propria infallibilidade. Do silencio do celebre *heresiarcha* de Munich, naquella conjunctura, infere V. Ex.^{a} que elle adopta uma das peiores heresias que, a meu ver, tem vindo ao mundo,

desde que passaram essa grosseira superstição, combatida energicamente pelas maiores intelligencias da igreja, o dogma neo-catholico.

Döllinger, um dos mais distinctos, senão o mais distincto dos theologos catholicos da Allemanha, e sem duvida o mais notavel historiador das origens da igreja, meu collega na Academia das Sciencias de Munich, de que sou o somenos *auswarthig Milglied,* honra-me com a sua correspondencia. Nunca, porém, lhe perguntei o que pensava ácerca do immaculatismo. Sei só o que sabem todos ; sei que repelliu o dogma da infallibilidade porque, intimando-o o arcebispo Scherr (um dos 55 bispos que protestaram contra o novo dogma) para que curvasse a cabeça á heresia, viu-se obrigado a dar uma severa licção ao hypocrita metrapolitano que, sem consciencia, trahia em Munich as convicções que tinha em Roma. V. Ex.ª não gostará que eu chame hypocritas sem consciencia a quem proceder como Scherr. Creio que chama humildade a isso. Deixe-me, porém, seguir, ao menos neste ponto, as maximas de Pio IX para andar uma vez em boa companhia. Na allocução que sua sanctidade fez a 18 de julho de 1870, quando recebeu o seu despacho de infallivel, disse, alludindo a Scherr e aos outros protestantes, que lhe tinham antes met-

tido na cabeça que tambem eram infallibilistas: «*Podemos acaso ter duas consciencias oppostas para julgar a mesma questão? Não, por certo.*» A infallibilidade estava em todo o seu viço naquelle momento: é *infallivel*, pois, que Scherr não podia ter senão uma consciencia. Onde a teria elle, em Roma ou em Munich? Provavelmente em parte nenhuma, porque quem tem convicções religiosas sinceras não as trái nunca. Mas a falta de convicções sinceras em materia de crença, que é, senão a hypocrisia?

Döllinger não protestou contra o dogma da immaculidade da Virgem? Nem eu. O simples christão tem o *direito* de protestar contra heresia; não tem *obrigação* de o fazer, não sendo provocado. Basta que não a acceite, que conserve intacta a tradição dos maiores. Se alludi a esse erro num escripto recente, que nem sequer fôra inicialmente destinado á imprensa, e se repeti essa allusão numa das minhas anteriores cartas a V. Ex.ª, foi por incidente. Nem tive intenção de protestar, nem á forma por que falei pode com propriedade dar-se o nome de protesto. Agora, porém, direi mais do que disse. Se a infallibilidade do papa collide com a infallibilidade da igreja; se é um perigo para esta porque colloca o christia-

nismo em hostilidade com a sociedade moderna ; se, emfim, nega o catholicismo porque está em antinomia com a tradição ; se, em summa, é um absurdo, o immaculatismo, á luz exclusivamente religiosa, é dez vezes peior, porque envenena a fonte do christianismo, a redempção. Com o immaculatismo, o sacrificio do Homem-Deus deixa de ser um mysterio tremendo para se converter numa incomprehensivel monstruosidade. O facto de ter morrido a Virgem é inquestionavel. Mas a morte, que é de fé ter entrado no mundo pelo peccado do primeiro homem, imposta a um ente sem macula visivel, seria uma injustiça commettida pela divindade. Este argumento de S. Boaventura contra a crendice sacrilega da immaculada conceição, que começava a surgir, ficou até hoje sem resposta, e ficá-lo-ha até ao fim dos seculos. Mas que importa isso aos jesuitas e consocios, se a immaculada conceição, se a Virgem co-redemptora (blasphemia que vai tendo certa voga como consequencia inevitavel do novo dogma) lisongeia a vaidade feminil, attrai ao gremio de S. Ignacio as mães de familia que os ajudem a educar as gerações novas no odio da liberdade, e serve-lhes de gazúa para abrirem os cofres das beatas abastadas e enriquecerem a Companhia? V. Ex.ª ha de permit-

tir-me acreditar que Döllinger, homem sisudo, theologo, historiador eminente, e que sabe tudo isto muito melhor do que eu, tem tanto ou mais asco do que eu ao marianismo, apesar de não ter protestado contra, como eu não protestei.

V. Ex.ª afflige-se, pois, demais com a minha solidão religiosa. Tranquillise-se, que eu, pela minha parte, estou tranquillo. Acompanha V. Ex.ª o bispo actual de Lisboa, que, pelos modos, é marianista e infallibilista, posto faça segredo da cousa e não admitta os seus pequenos borregos a penetrar nesses arcanos, deixando-os ir direitinhos para o inferno, por não crerem *tudo quanto crê e ensina a sancta madre igreja,* como reza o velho cathecismo que elle ainda não corrigiu e accrescentou. A mim acompanham-me as sombras dos bispos que regeram a sé ulissiponense por mais de 12 seculos e que, posto nos ultimos tempos favorecessem a crendice da immaculada, ignoravam, comtudo, que isso e a infallibilidade pontificia fossem artigos de fé. Sou naturalmente pouco alegre : gosto da companhia das sombras. Conversam ás vezes commigo : é o meu modo de não estar só. A de S. Paulo repete-me de contínuo : «*Ainda quando eu mesmo ou um anjo do ceu te annuncie um evangelho diverso*

do que te annuncici, seja maldicto.» (Ad. Galat. I-8).Quando me constar que no evangelho annunciado por S. Paulo se continha expressa ou virtualmente a immaculada conceição ou a infallibilidade papal, conte V. Ex.ª commigo no gremio neo-catholico. Entretanto, aquella voz é o meu facho: não receie V. Ex.ª que eu tropece. É tambem a grande voz do apostolo das gentes que me diz: «guarda o deposito (da fé) evitando o que exprime profanas novidades (como immaculada conceição, como infallibilidade do papa) (Ad. Timoth. 1, 6, 20). Para isso é preciso seguir o seu conselho: «Examina tudo: abraça o que é bom.» (Ad. Thessalonic I, 5, 21). Ouço depois S. Athanasio, cujo nome ainda hoje associamos ao symbolo da fé, e que me diz: «O homem que recebeu de Deus a faculdade do discernimento, se porventura seguir o pastor inepto e acceitar a doutrina falsa por verdadeira, será condemnado ao supplicio (apud. Montfaucan, N. Collectio Patrum II, 105); depois, S. Bernardo: «Não troques o bem pelo mal, embora os prelados o ordenem.» (Serm. 41).

Esta doutrina de S. Paulo, de S. Athanasio e de S. Bernardo seguiram-na practicamente illustres personagens dos bons tempos da igreja. Sirva de exemplo S. Maximo, abbade

do mosteiro de Chrysopolis, e provavelmente simples leigo, como em geral eram ainda os monges. Allegando-se-lhe o accôrdo de Constantinopla e de Roma, de Sergio e de Honorio, a favor do monothelismo, respondeu com o texto do apostolo, que anathematisou a quaesquer novidades embora as evangelisassem anjos. Martyrisado por isso, soffreu impavido o martyrio, sem lhe importar se estava ou não só. Outro exemplo, que deve ser de peso para V. Ex.ª, é o do papa Liberio. Accusado pelo imperador Constancio de perturbar a paz da igreja e de ser o unico protector do *impio* S. Athanasio, respondeu : «Quando eu fosse o unico em seguir a boa doutrina, nem por isso ella ficaria sendo peior. Já succedeu não haver senão trez animos nobres para resistirem aos mandados protervos de um principe». Alludia aos trez obscuros israelitas, Sedrach, Misach e Aldenago na fogueira de Babilonia. Comparando-se a elles, Liberio considerava-se como simples christão e tinha diante dos olhos o celebre preceito de S. Paulo. Subscrevendo depois ao arianismo como pontifice, quando, no dizer de S. Jeronymo, o orbe pasmava de se achar ariano, Libeiro fugia a essa situação excepcional de que se honrava. Como papa é que parece o incommodava estar só.

Reprova V. Ex.ª estas tontices dos antigos para se ater ao que manda o velhinho de Roma. Está no seu direito. Entretanto, creia bem que todos os diminuitivos do mundo não farão com que o erro quer de velho, quer de noviço, se converta em acêrto por virtude do suffixo *inho*.

V. Ex.ª acha que o respeito pela tradição de que *nós proprios seriamos juizes* é a unica differença que distingue o catholicismo, como o comprehendo, do protestantismo. Eu suppunha que essa distincção era um abysmo e não uma bagatella. Suppunha que a tradição era para o catholico o dia claro e sereno: a falta della para o protestante a noite escura e procellosa. No tom com que V. Ex.ª fala deste fundamento da fé, desta bussola unica no mar dos conceitos humanos, parece considerar o respeito pela tradição como uma pequena dissidencia entre as heresias do seculo XVI e a orthodoxia. Que posso eu dizer a isto, senão remetter V. Ex.ª para o primeiro tractado de theologia dogmatica, ou para o primeiro diccionario theologico, escriptos antes de 1870, que lhe cahirem nas mãos? Tal é o lastimoso resultado a que forçosamente ha de chegar o neocatholico que tenha alguma ordem, alguma sequencia nas idéas. Condemna a tradição,

porque a tradição o condemna. Ella e o neo-catholicismo são dous inimigos irreconciliaveis. Entende V. Ex.ª que apenas esse nonáda separa do protestantismo o velho catholicismo; mas o que é que serve d'extrema entre as seitas dissidentes e o catholicismo de 1872? São os decretos de um homem que o jesuitismo declarou infallivel, sem o declarar impeccavel, nem isento das paixões humanas e sem lhe assignar condições independentes do seu alvedrio, e impossiveis de simular para as manifestações daquella infallibilidade.

Permitta-me que lhe diga: V. Ex.ª é um triste exemplo da illusão em que o jesuitismo ou o lazarismo (lojas da mesma mercadoria com diversidade de taboletas) sabe envolver as almas candidas que pode uma vez attrahir. Nós proprios os juizes da tradição! Quem disse isto a V. Ex.ª? Somo-lo tanto como da biblia. Quando, por exemplo, qualquer jesuita ou lazarista, que temos a maldade de reputar simples negociantes de religião, invoca uma tradição, vamos verificar, seguindo o parecer de S. Athanasio, e usando do discernimento que Deus nos concedeu, se a tradição existe, ou se é uma falsidade ou uma falsificação, no que o ultramontanismo é insigne. (No capitulo das falsificações pias é divertidissmo). Para

isso applicamos a razão, como recommenda S. Agostinho, por ser a faculdde que nos distingue das bestas. Verificamos um facto: não julgamos uma doutrina. Se existe a tradição com os caracteres precisos que a igreja assignalou desde os seculos remotos a este orgam da revelação, curvamos a cabeça. Se é uma invenção dos fabricantes do genero, dos barões de Munchausen da sociedade religiosa, deploramos os males que causam os animos que pervertem, mas conservamo-nos firmes em volta do estandarte do velho catholicismo, onde está escripto o lemma de Vicente de Lerins: «a igreja de Christo, attenta e cautelosa guardadora dos dogmas depositados no seu seio, nunca altera nelles cousa alguma; nada diminue; nada accrescenta». Fica-nos de um lado o protestantismo que diminue; do outro o ultramontanismo que accrescenta. Parece-me que não vamos tão mal como V. Ex.ª suppõe: *Medio tutissimus ibis.*

Na sua penultima carta V. Ex.ª resume a doutrina da igreja *official,* a que me ha de permittir que eu continue a ajunctar o epitheto de *heretica.* Consiste na formula *Summus Pontifex ex-cathedra dicens infallibilis,* formula que faz derivar do *confirma fratres tuos.* Sobre essa supposta origem nada mais devo dizer a

V. Ex.ª. Resulta da historia, como viu, que ainda quando, caso negado, as palavras do Salvador podessem tornar-se extensivas aos successores de Pedro, a tradição não consentia que dellas se derivasse a infallibilidade individual do pontifice, independente da igreja e separado da unidade. Dentro desta, e quando o consenso é unanime, não só o papa é collectivamente infallivel, mas tambem com elle é cada um dos que dão testemunho da tradição universal. É a auctoridade suprema dessa harmonia collectiva que constitue um artigo de fé, a infallibilidade da igreja. Quanto á formula que representa o novo dogma, peço a V. Ex.ª que leia, não direi os escriptos de Döllinger ou de Maret ou doutro excommungado assim, mas os de homens seus ; peço-lhe que medite a pastoral de 11 de novembro de 1869 do bispo de Orleans, Dupanloup, com a sua réplica ao arcebispo de Malines, Dechamps, e o discurso do arcebispo de Paris, Darboy, na congregação de 20 de maio de 1870. É verdade que o ultramontanismo respondeu a Dupanloup, pela bôcca de Dechamps, cuja má fé e leviandade provou exuberantemente o professor de theologia Sriedrich (Sibzungs Berichte der Atlad der Wissensch au München 1871, II H). Tambem é verdade que, para completar a defesa da infal-

libilidade pessoal, do absolutismo espiritual do pontifice, o bispo Strossmayer foi afastado brutalmente do pulpito ou tribuna do concilio para não falar, e Pio IX, tomando para si modestamente o papel de Christo em casa de Pilatos, chamou *judeus furiosos* aos bispos anti-infallibilistas. Depois de tão clara demonstração, ninguem pode duvidar de que *Summus Pontifex ex-cathedra dicens infallibilis est.* Entretanto, veja V. Ex.ª sempre as ponderações daquelles dous hereges, que o foram não em sua casa, conversando com os amigos, mas em pleno concilio, que supponho se converteriam depois com a dupla consciencia que Pio IX, quando apanhou a infallibilidade, declarou impossivel.

Não tenho á mão a pastoral de Dupanloup, nem o discurso de Darboy, nem a fulminante resposta de Döllinger á intimação sahida da dupla consciencia de Scherr. Conservo apenas notas que tomei durante um debate que altamente interessava a todos os christãos liberaes. Aqui faltam-me livros que possam supprir a insufficiencia das notas. Não me recordo se depois de mostrarem quantos absurdos, quantos males, quantas monstruosidades, quantas incertezas encerra a doutrina hyper-ultramon-

tana validada na malfadada formula do infallibilismo, algum delles notou que a expressão *ex-cathedra* teve nos bons seculos da igreja um valor perfeitamente contrario ao que tal expressão significa na constituição *Pastor aeternus*. Nos bons seculos, as definições *ex-cathedra* (não esqueça V. Ex.ª que *definição* significa *explicação* do dogma obscuramente expresso, ou mal interpretado, ou conservado apenas tradicionalmente, e não invenção de novidades profanas) davam-nas os bispos, davam-nas os metropolitas, dava-as o papa, á frente do respectivo clero, como bispo metropolita ou primaz, e como papa á frente dos concilios geraes. Era sempre a unidade ; era sempre a intervenção mais ou menos extensa da igreja nas deliberações doutrinaes e ainda nas grandes questões de disciplina. A sé de Roma, metropole de uma provincia ecclesiastica, cabeça de um patriarchado que abrangia as dez provincias chamadas suburbicarias, e cujo bispo era o chefe da igreja universal e centro da unidade, foi, ao mesmo tempo, a principal e, depois, a unica das sés apostolicas, isto é, fundadas pelos apostolos. Collocada, alem disso, no foco da antiga civilisação, exercia naturalmente uma grande influencia nas outras dioceses mais obscuras, e o seu

testimunho era digno do respeito especial que se lhe consagrava. Mas esse testimunho não o dava isoladamente o bispo de Roma ; dava-o com o seu clero. Propriamente, dava-o a sé e não o sedente. Era esta a praxe commum por todo o orbe catholico, seguindo a norma do concilio apostolico de Jerusalem. Assim, o patriarcha, ou metropolita, ou bispo de Roma, conforme a importancia do assumpto, convocava, ou os bispos do patriarchado, ou os da provincia, ou os parochos da diocese, ou, emfim, os parochos de Roma e, presidindo na cadeira patriarchal, metropolitana, ou episcopal ao mais ou menos numeroso ajunctamento, deliberava com elle, e a resolução commum era a decisão *ex-cathedra*. Era esta a praxe, de que restam ainda claros vestigios no seculo XI e no proprio pontificado do violento e imperioso Gregorio VII, que obrigava o mais exaltado e mais habil defensor do poder pontificio, o cardeal Bellarmino, a confessar (de Concil. et Eccles. L. I c. 11) que «o pontifice não deve nem confiar só no proprio juizo, nem contar com a revelação divina, quando se tracta de resolver questões de crença, mas fazer boa diligencia empregando os meios ordinarios... O meio ordinario, *e portanto necessario*, é o synodo ou concilio,

grande ou pequeno, uma ou mais vezes congregado.»

Citei na minha carta anterior, a proposito do pelagianismo, um texto de S. Agostinho, em que o Bossuet do v seculo diz que se em Roma se tivesse decidido (si fuisset in ecclesia romana judicatum) os erros de Pelagio, em vez de se deduzir dahi cousa alguma a favor delles, se devia antes estampar o ferrete da prevaricação no clero romano : ex *hoc potius esset praevaricationis nota romanis clericis inserenda*. Com a antiga praxe, consequencia da antiga doutrina, a linguagem de S. Agostinho é tão clara como exacta. A responsabilidade que impõe, o stygma que imprime hypotheticamente, não é só no papa; é neste e no seu clero ; é na *ecclesia*. Com a doutrina da constituição *Pastor aeternus,* não só S. Agostinho, na sua hypothese, tinha de abraçar o pelagianismo, mas o stygma que lançava sobre o clero romano era uma verdadeira demencia.

Tal era a doutrina, taes eram os factos, de que o proprio ultramontanismo illustrado não pode até hoje desapressar-se. Essa doutrina e esses factos reproduziam-se nos concilios geraes ou ecumenicos, onde a igreja em peso era chamada a deliberar. Que o papa, o pri-

maz dos primazes, o chefe do episcopado, presidisse a elles, por si ou por um ou mais legados seus, uso que remonta a tempos remotissimos, pode dizer-se que as decisões desses grandes synodos tambem eram decisões *ex-cathedra,* não da cadeira episcopal, não da metropolitica, não da patriarchal, mas da pontifical ; porque (como nos synodos particulares) a força das decisões dimanava do consenso dos membros da assemblea, que, sendo ecumenica ou universal, lhes imprimia o caracter de infallibilidade.

Que esta ahi existia é de fé. Pelo menos *até nova ordem.* Levava-a lá o papa, ou era indispensavel a intervenção infallivel do papa como attributo da sua primazia? De certo não, e a prova peremptoria, contra a qual não ha sophisma possivel, é o uso antiquissimo de mandarem os papas presidir os concilios ecumenicos por legados seus. Delega-se, porventura, a infallibilidade?

O latrocinio do Vaticano mudou tudo isto, como Sganarello no «Medico-á-força» de Molière mudava as entranhas. A decisão infallivel *ex-cathedra* é uma cousa totalmente diversa disso. O testimunho de um homem, que pode ser mau ou inepto, dispensa e inutilisa o testimunho irrefragavel da igreja.

Tal é o dogma neo-catholico. O papa deixou de estar sujeito aos concilios, como affirmavam aquelles mil hereges do grande synodo de Constança, porque é senhor absoluto da sociedade catholica, *(habet totam plenitudinem supremae potestatis:* Constitutio *Pastor aeternus,* 18 jul. 1870) ; põe e dispõe, por si e isoladamente, da fé, dos costumes, da disciplina, da administração de toda a igreja em todo o mundo *(plenam et supremam potestatem jurisdictionis in universam ecclesiam non solum in rebus quae ad fidem et mores, sed etiam in us quae ad disciplinam ecclesiae per totum orbem diffusae pertinent.* Ibid.). Por isso, quando fala *ex-cathedra,* as suas definições são irreformaveis, por virtude propria e não pelo consenso da igreja *(cum ex-cathedra loquitur... romani pontificis definitiones ex sese, non autem ex consensu ecclesiae, irreformabiles esse.* Ibid.) porque é elle que, por assistencia divina, tem o poder daquella infallibilidade de que o divino Redemptor quis que estivesse munida a sua igreja *(per assistentiam divinam... ea infallibilitate pollere qua divinus Redemptor ecclesiam suam... instructam esse voluit.* Ibid.). A constituição *Pastor aeternus* é o manifesto de uma conspiração que progride ha seculos, que rebenta em revolução

e que se affirma solemnemente, revolução contradictoria com as revoluções sociaes da nossa epocha, e que, portanto, as abomina e amaldiçoa. Quando as nações civilisadas vão gradualmente substituindo a razão e a deliberação communs ao poder absoluto de um homem, na igreja proclama-se a substituição da collectividade, accorde na unidade da crença, pelo absolutismo do arbitrio individual. Quatorze seculos que medeiam entre os concilios de Jerusalem e de Constança são condemnados com elles. Não só mentiu o Espirito-Sancto quando o ultimo attribuiu a supremacia doutrinal e disciplinar á igreja ; mas tambem quando o primeiro affirmou que o voto unanime dos apostolos, dos presbyteros e de todos os fieis representava uma resolução divinamente inspirada, infallivel e suprema.

Tudo isto é monstruoso, absurdo, impio, impossivel ; mas é.

V. Ex.ª explica-me a curiosissima infallibilidade dos neo-catholicos na sua penultima carta. Se eu não me persuadisse de que atrás de V. Ex.ª estavam os padres Miels que andam atarefados em fazer voltar a Europa aos bons tempos de Loyolla, de Philippe II e da Inquisição, tudo corrigido pela infallibilidade de Gregorio VII, e se não tivesse illimitada

confiança na seriedade e ingenuidade de V. Ex.ª, suspeitava que, no fim de contas, era um velho catholico disfarçado, que se divertia em mystificar-me e que, neste passo, lhe escapava um epigramma um pouco voltairiano contra o infallibilismo : Diz V. Ex.ª que para exercer a infallibilidade basta um *Pedro qualquer*. Ora nos *Pedros* quaesquer incluem-se os Pedros timoratos, os Pedros corruptos, os Pedros velhacos, os Pedros perversos, e até os Pedros atheus, isto é, que negam a Deus, como V. Ex.ª adverte e na verdade a historia do papado confirma, que de todos esses Pedros tem havido. A questão é que no exercicio da infallibilidade, que funcciona de tempos a tempos *com solemnidade*, o tal Pedro não erre. Nos intervallos, pode disparatar, mentir e blasphemar á sua vontade. Como é possivel que eu venha a entrar um dia no gremio neocatholico, porque ninguem pode dizer desta agua não beberei, talvez V. Ex.ª me obtenha dos padres Miels algumas informações de que careço para ir adiantando a obra, e despachando o serviço de cathecumeno cá mesmo no seio da heresia. Exerce o Pedro qualquer a infallibilidade de tempos a tempos, data incerta, que não me habilita para saber em que conjunctura o faz, de sorte que pode numa

bulla de hoje inculcar-me uma heresia e na bulla de amanhan pôr-me ás costas um artigo de fé sahido novinho da sua fabrica, sem que eu saiba como distinguir o dogma do erro. Mas a manifestação infallivel ha de ser acompanhada ou precedida de solemnidade. Optimamente : Vamos a ver se por este caminho chego a distinguir a heresia do artigo de fé. As solemnidades consistem nas formulas, nas condições exteriores do acto. Quem as estatue, para regerem o uso da infallibilidade ? Não ha de ser a igreja, porque seria pôr o concilio ecumenico, seu orgam, superior ao papa. Verdade antiga convertida em mentira moderna pela receita de Sganarello. Ha de ser o proprio pontifice quem as determine. As formulas, pois, dependem, como tudo o mais, do seu arbitrio porque tem a plenitude da auctoridade. Pode estatuí-las, mantê-las, alterá-las, supprimi-las. Só ha uma norma segura : fala *ex-cathedra* quando diz que fala *ex-cathedra*. Mas o papa, segundo a opinião de V. Ex.ª, em que eu abundo, pode ser um inepto cabeçudo, um homem possuido de uma convicção inabalavel, mas contraria a um dogma, como Ario, um perverso a quem convenha para maus fins dar o caracter de dogma a uma doutrina erronea, um espirito fraco occultamente ameaçado

de vingança implacavel por um poder irresistivel se não proclamar *ex-cathedra* um absurdo como artigo de fé ; um impio, emfim, disfarçado, que, com exterioridades hypocritas, queira estabelecer a confusão e a desordem no seio da igreja. Como resolve o infallibilismo estas hypotheses? Provavelmente com a sahida do alvitrista politico de Quevedo Villegas: «No permitirá Dios tal cosa.»

V. Ex.ª imagina talvez que eu abuso de uma explicação menos pensada? Não, senhor. Os coripheus do infallibilismo não sabem evitar melhor do que V. Ex.ª as illações que o simples senso commum ha de sempre tirar dessa desgraçada doutrina. Dechamps, replicando ao bispo de Orleans, especifica os trez caracteres que assignalam as definições *ex-cathedra:* isto é, começa por fazer elle de papa, porque só este tem auctoridade para nos dizer quaes são esses caracteres. O primeiro é virem do papa como tal ; o segundo é serem dirigidos á igreja universal ; o terceiro é apresentarem, para se crer, *uma verdade que se continha no deposito da fé.* Deixo de parte averiguar se o infallibilismo conserva ao bispo de Roma o respeito, a grande preponderancia que tinham as suas manifestações quando, á frente do respectivo clero diocesano, ou provincial, ou de

todas as provincias de que era primaz, falava como pastor da unica sé apostolica existente, como metropolitano da provincia romana, e como exarcha espiritual de dez provincias ecclesiasticas, ou se o infallibilismo despreza estas distincções e os tão apreciaveis privilegios da sé romana para a equiparar moralmente á mais obscura diocese do orbe catholico, e se o papa, quando não fala como tal, vale tanto como o mais obscuro theologo. Limitar-me-hei a examinar os trez caracteres *impostos* á infallibilidade por Dechamps.

Os caracteres de um acto ou, em geral, de qualquer cousa, são as condições objectivas da sua existencia, inherentes a esse acto ou a essa cousa, e que, no seu conjuncto, excluem a identidade com acto ou cousa diversas. Nos actos humanos a negação ou a affirmação da sua natureza por parte de quem os practica são igualmente inuteis. Se perpetrei um crime, tanto monta que reconheça ser crime como que affirme ser virtude. Se os caracteres de qualquer acção dependessem das declarações de quem a practica, a apreciação della seria impossivel ; correriamos o risco de confundir uma punhalada com um beijo. Para sabermos que o mel é doce e accumulado pelas abelhas,

não precisamos de que o dissesse Plinio ou Aristoteles.

Os dous primeiros caracteres que Dechamps attribue ao exercicio da infallibilidade serão, portanto, tudo quanto elle quiser, menos caracteres distinctivos. Se o pontifice em qualquer manifestação declara que fala como papa e que se dirige *urbi et orbi,* fala *ex-cathedra* e chega-nos dogma : se não declara, a mesma doutrina affirmada pelo mesmo individuo passa a ser uma simples opinião de doutor, que pode ser erronea. Assim, a cousa em si não tem caracteres proprios, inseparaveis della e irrefragaveis. Pelo contrario. Redigida uma bulla dogmatica, se o papa está de bons humores (e o papa pode estar de maus humores emquanto não fôr impeccavel e isento de paixões), passa um traço sobre as phrases declaratorias de que é negocio *ex-cathedra,* e manda para a imprensa. O tincteiro pontificio devorou o dogma. Vem da imprensa as provas e acham de humor jovial o papa, que torna a escrever por entrelinhas as palavras declaratorias. O tincteiro repõe o artigo de fé que devorara, e as provas voltam á imprensa. «Jesus, sancto nome de Jesus — exclama o compositor, benzendo-se. — Ia-se-nos embora um dogma!» E a bulla sai dogmatica e marcha pelas portas

de S. João de Latrão, para o campo de Flora. Em summa, para termos a certeza de que o pontifice fala *ex-cathedra* é preciso que infallibilise antes de exercer a infallibilidade, isto é, que seja fallivel e infallivel num momento dado e não esteja de maus humores.

Mas o mais sublime em toda esta tramoia é o terceiro caracter impresso nas definições *ex-cathedra* pelo papa provisorio de Malines ; e vem a ser ordenar-se na definição a crença de uma verdade contida no deposito da fé. Estar ou não uma verdade contida nesse deposito é uma questão de facto. Seria preciso que a verificação delle precedesse o acto pontificio para das duas cousas surgir o terceiro caracter necessario para com os dous primeiros assignalar a infallibilidade da definição. Quem verifica o facto? Como se verifica? É pelos meios humanos da razão applicados aos monumentos da igreja? É pelo testimunho collectivo de um concilio ecumenico e legitimo, congregado segundo a norma dos apostolos, *apostoli et seniors cum omni ecclesia?* É a simples affirmativa do papa no acto de impôr o dogma? Não pode ser senão isto. A sciencia e a consciencia, o exame e a critica, a historia da igreja e os monumentos da tradição apostolica estão despedidos do serviço do neo-catholicismo.

Foram substituidos pelo *sacrificio da intelligencia,* tão recommendado pelos jesuitas aos seus adeptos, como por Mafoma aos seus seides. O uso da razão que, no dizer de S. Agostinho e da philosophia, constitue precisamente a unica differença entre o espirito humano e o dos brutos, e que, portanto, é o nosso titulo sensivel á immortalidade, está prohibido na casa professa em assumptos religiosos. Lá dentro, embrutecimento e humildade confundem-se e são synonimos : *perinde ac cadaver.* São-no igualmente cá fóra, desde que a igreja official vestiu ás escondidas a roupeta de S. Ignacio. Se, porém, a razão e a sciencia não podem ir ver o que está dentro do deposito da fé, tambem o concilio geral não o pode fazer. Se um concilio affirmasse dogmaticamente que uma verdade, até ahi desconhecida como tal, existia no complexo das tradições apostolicas (hypothese aliás impossivel, porque a igreja em peso mentindo a si mesma seria suicida), era o concilio que proclamava o novo dogma, que o papa tinha de acceitar, reconhecendo a supremacia e a infallibilidade exclusiva da igreja. Triumphavam os hereges de Jerusalem e de Constança. Resta o papa. No reconhecimento da existencia da tal verdade obscurecida está implicita, inextricavelmente implicita, a

definição do novo dogma. Quando o pontifice infallivel asseverou o facto, proclamou a doutrina. Como, pois, aferir a doutrina pelo facto ; como saber se na manifestação pontificia se dá a terceira caracteristica das definições *ex-cathedra?* Cifra-se tudo num circulo vicioso. O papa fala *ex-cathedra* porque impõe a crença de uma verdade que descobriu no deposito da fé : descobriu essa verdade porque diz *ex-cathedra* que a descobriu.

Assim, as caracteristicas de Dechamps não valem mais do que as explicações de V. Ex.ª. O individuo que possue o papado e que pessoalmente pode ser inepto, mau, incredulo, ha de inevitavelmente ser o fiador do pontifice exercendo o tal *magisterium* de que nos falam os propugnadores do infallibilismo. O inepto, o mau, o incredulo possivel tirará a cadeira e porá a cadeira. Não vejo remedio a isto senão num dogma novo, e os dogmas em folha andam hoje baratos. A elevação ao pontificado não deve produzir só uma infallibilidade acanhada e de circumstancia ; deve acarretar a sanctificação, e a *sedia gestatoria* transformar-se em nicho. *Papa assumptus sanctus et impeccabilis est:* eis o dogma. Até é bonito. Se chego a converter-me, lembro a cousa ao Geral da Companhia.

Algumas palavras agora sobre os milagres de Lourdes, attestados por 60 bispos e pelo velhinho de Roma, e sobre a minha indignação, que V. Ex.ª acha anti-evangelica. Nesses attestados não vejo eu senão mais um documento da immensa hypocrisia que está gangrenando e dissolvendo a gerarchia da igreja, e que me parece o principal symptoma, ou, antes, o prodromo de uma larga intervenção da democracia da igreja, do laicismo, da *omnis ecclesia* dos Actos dos Apostolos, na renovação do catholicismo. Posso enganar-me na minha apreciação de homens e nas minhas previsões de factos ; posso errar nas doutrinas, mas o meu modo de sentir e de proceder ha de forçosamente derivar das proprias convicções. V. Ex.ª conhece-as. Tenho-as exprimido nas precedentes cartas com franquesa e lisura. Espantar-me-ia, por isso, de que V. Ex.ª invocasse o evangelho contra a minha indignação, se o frequente esquecimento do que se lê no Novo Testamento não fosse um dos principaes caracteres que distinguem o catholicismo de 1870. De certo Christo era de extrema indulgencia para com os peccadores. Havia na sua natureza e na sua vontade humanas thesouros inexgotaveis de piedade e doçura ; mas o sacrilegio a frio, permanente, calculado, a

prostituição da intelligencia, a conquista dissimulada, atraiçoada, do predominio, o ceu convertido em trovisco para pescar peixinhos na corrente das gerações ; a hypocrisia, em summa, só encontrava em Christo a justiça severa da natureza e da vontade divinas. As manifestações energicas da sua indignação contra os hypocritas memoram-se em mais de dez passagens dos evangelistas. Pasmo de que V. Ex.ª não as tenha lido. Não confundamos as fraquesas do homem com a maldade da serpente infernal, que elle ás vezes imita.

Desde que V. Ex.ª me certifica de que acredita nos milagres de Lourdes, deve ser esta a minha ultima carta sobre materias de crença. A discussão entre nós, se não se tornou impossivel, tornou-se inutil. Quando o estadio por onde impelliram a V. Ex.ª se tem percorrido todo, não se volta atrás do *terminus* fatal. A respeito desses milagres convida-me V. Ex.ª a fazer uma experiencia, a saber : contar a umas creanças lidas na biblia os *milagres que fez Nossa Senhora de Lourdes* e ver se as creanças os não acham conformes com os acontecimentos dos seculos biblicos. Se as creanças, apesar dessa paridade, duvidarem da verdade dos factos, quer que lhes replique : «Eu, pelo menos, assim o creio ; porque m'o dizem

sessenta bispos e o velhinho de Roma.» Precisamente, esta experiencia não posso fazê-la; mas V. Ex.ª consente-me que faça outras analogas. Farei as analogas, se achar em Portugal creanças que tenham lido a biblia. Não posso fazer a que V. Ex.ª prefere porque falar dos milagres *que fazem os sanctos,* incluindo a Virgem, entendo que é melhor deixá-lo aos curas estupidos e ignorantes. É propriedade delles e constitue a parte mais rendosa da dotação do clero. Respeito a propriedade alheia e, sobretudo, respeito neste ponto as decisões dos padres de Trento. Temo-me dos seus anathemas. Affrontá-los, isso é bom para os neocatholicos, que podem obter de Roma indulgencias por preços convidativos. Os catholicos da velha eschola nem a peso de ouro as apanhariam. Tudo, menos isso. Roma levaria a severidade, o escrupulo a ponto de preferir dá-las de graça ainda que fosse a um turco. As que fizermos neste mundo havemos de pagá-las irremessivelmente no outro. Depois, tenho minhas duvidas. Parece-me descortinar um és não és de differença entre os milagres biblicos, attestados por Deus, e os da Virgem, attestados pelo papa, que se ressente dos seus oitenta e tantos e que não foi a Lourdes, e por 60 bispos, grande parte dos quaes são dos de

duas consciencias, declarada uma dellas chôcha pelo sancto padre, e que no seu attestado não avisam de qual das duas se serviram a respeito da authenticidade dos taes milagres.

Mas eis que me apparecem aqui dous rapazitos que se dizem muito lidos na biblia. Nem de molde! Vamos ás experiencias analogas. Repare V. Ex.ª no dialogo: veja se vai conforme.

Eu: — Vinde cá, meus meninos. Sabeis o que vai? O nosso patriarcha, que é dos verde-negros, foi ao paço com um grande facalhão e fez em postas o Snr. D. Luiz I. Andava fumando por elle manter ainda o § 14 do artigo 75 da Carta Constitucional, depois de publicada outra constituição melhor, que chamam do *Pastor eterno,* que o revogou, extirpou e reduziu a nada; por ter sanccionado o artigo 1056 do Codigo Civil contra a doutrina irrefragavel do *Syllabus,* e por muitas outras enormidades assim, com que vos não quero cansar.

Os rapazitos: — Ora, ora! O rei em postas? Mas a cousa é conforme conta a escriptura sagrada. Lá isso é. O propheta Samuel, não sabemos se pela mesma razão, que disso nada entendemos, fez em postas o rei Agag, que era

muito mais gordo que o Snr. D. Luiz. Mas será verdade, meu senhor?

Eu: — O que vos posso dizer, meus meninos, é que eu, por mim, acredito-o firmemente, na fé de 60 republicanos dos mais graúdos, gente séria e abastada de consciencia, embora interessada em que sejam feitos em postas os reis gordos e em hastilhas os reis magros, e tambem na fé de um velhinho, maioral desses republicanos, a quem Deus deu o condão de acertar sempre que diz que acerta.

Os rapazitos (de bôcca aberta): — Hom'essa. Está celebre!

Segunda experiencia:

Eu: — Escutai cá, meus meninos. Conhecieis aquelle lavrador rico do Giestal? Era bem mau homem. Tractava os creados de lavoura e os moços do gado como se fossem negros. Haverá trez dias assentaram elles em fugirem todos nessa noite que, bem sabeis, foi de grande temporal; mas, antes de fugirem, tiveram artes de lhe furtarem azeite, vinho e grão quanto poderam, e até a roupa e outras alfaias dos creados e mais familia de portas a dentro. Deu-se logo pela fuga. Sahiu o lavrador atrás delles com a gente de casa. Succedeu então um grande milagre. Ao passar o lavrador com os seus apaniguados as poldras do rio,

que ficam abaixo do açude, desabou este, e o peso da agua afogou tudo aquillo. Assim, escaparam os pobresinhos que fugiam, chamando por Nossa Senhora muito assustadinhos.

Os rapazitos: — Lá isso foi bem feito. É tal qual o que conta a sancta escriptura quando os israelitas sahiram do Egypto e morreu afogado o Pharaó. Mas nós não ouvimos nada. O lavrador do Giestal juravamos que ainda hoje o viramos. Será a cousa assim?

Eu: — Que duvida, meninos? Creio como se o visse. Ouvi-o a obra de sessenta irmãos de uma confraria respeitavel, chamada de S. Communismo, que tem por fim desacreditar os ricos para acabar com tal peste. Mas isto que faz? Affirma-o até o proprio irmão ministro da confraria, um sancto velhinho que, pela regra delle, nunca pode mentir quando conta historias de ricaços maus. Lembrai-vos de que ao pé do rio está o nicho de Nossa Senhora do Açude. O mau lavrador não podia ficar sem castigo.

Os dous rapazitos (olhando um para o outro): — Esta sim, que está a calhar. A terra com os Pharaós ricaços! É como na biblia.

A segunda experiencia é decisiva. Todavia, deixe-me V. Ex.ª respirar um pouco e fazer ainda terceira experiencia. Se me sahir certa,

que remedio terei eu senão acreditar por atacado no milagredo de Lourdes, por isso mesmo que Renan nega os milagres de Christo? Quem não vê a perfeita paridade que ha entre o milagredo de Lourdes e os milagres de Christo? Emquanto, porém, não faço o sacrificio da intelligencia, tão agradavel a Deus e, sobretudo, ao Padre Geral, dispense-me V. Ex.ª de discutir assumptos religiosos. Estou induzindo V. Ex.ª a guardar na gaveta o sacrificio da intelligencia e a começar a embrenhar-se nos matagaes da sciencia, que, embora V. Ex.ª não tenha andado muito, podem deixá-lo passar até os precipicios do orgulho. V. Ex.ª tinha-me refutado peremptoriamente com duas palavras: *Papa dicit*. Ficava V. Ex.ª na sua opinião de que Pedro é quem decreta os dogmas, até nos concilios, e mantinha-se na humildade catholica. Eu continuava a acreditar naquella grande peta que S. Paulo prégou a uma parte da Asia, quando dizia: (Act. XVI-4) *dogmata quae erant decreta ab apostolis et senioribus, qui erant Hierosolymis*. (Era teimoso aquelle S. Paulo. Embirrou em não dizer *a Petro*). E conservava-me no meu orgulho de herege. Não quero ser o seu Mephistopheles: para precíto basto eu. Ponde de parte a questão desta especie de

arianismo do seculo XIX, a que podemos chamar o vaticanismo, complexo de infallibilismo e de marianismo, em tudo o mais V. Ex.ª achará em mim animo prompto a obedecer aos seus preceitos; pois sabe que sou

De V. Ex.ª
servidor e affeiçoado

CARTAS

Ao muito reverendo em Christo

Padre Francisco Recreio

Socio Effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa,
Bibliothecario da mesma Academia,
Auctor do Elogio Necrologico, *da* Justa Desaffronta em Defesa,
e de Varias Obras Ineditas

Por um moribundo

CARTA PRIMEIRA

Que serve de curriculo primevo

Muito reverendo P. Mestre

É com a mão tremula de moribundo, que pégo numa folha de *paciente* papel para escrever a V. Reverendissima esta carta, onde V. R. facilmente enxergará as lagrymas esbranquiçando a espaços a pretidão da tincta, e onde, com aquella fineza de entrujimento que Deus lhe concedeu, e de que tantas provas tem dado nos seus volumosos escriptos, achará, no anguloso e emperrado da lettra, a prova da laxidão mortal que entibia os musculos da mão que a traçou, ou, antes, esgaratujou. V. R. matou-me: commetteu um romanticidio! Mas não se assuste V. R. com isso. Sou eu o primeiro que me dou por muito bem morto. Que é esta vida senão um ponto entre duas eternidades? Que importam sessenta,

quarenta ou vinte annos de mais ou de menos neste valle de lagrymas, onde as dores são tão acerbas, os tedios tão importunos, os prazeres tão fugazes, e os *recreios* tão semsaborões e parvos? Matou-me V. R., e fez muito bem. Matou-me o corpo; mas salvou-me o espirito. Desmascarou-me a ignorancia, poz-me ao olho do sol a impiedade, safou-me dos intersticios do coração a indole revolucionaria, deprimiu-me a *bossa* ou cocuruto da irracionabilidade: fez-me litteralmente em hastilhas; mas abriu-me os olhos da alma para eu ver o sorvedouro, o Maelmstrom de perdição, para onde navegava, de vellas desfraldadas ao vento do orgulho. Salvou-me da *alimaria,* da *outra* de Xavier de Maistre; dessa *alimaria,* dessa *outra* que me levava direitinho á caldeira de Pero Botelho. Apoleado, com os ossos estourados no potro, semelhante, em summa, a um judeu bem rico, chamado ao evangelico e suave retiro da sancta inquisição, de saudosa memoria, aqui fiquei estatelado, embalsamado num lençol de vinho pelos golpes do mangoal dialectico de V. R. Na terra, não me deixou V. R. esperança de salvação. Vejo, vejo o nada, a vaidade, a vergonha da minha vida litteraria. De todos os meus deploraveis escriptos nem um só me sobreviverá, senão os opusculos *Eu e o*

Clero e *Considerações Pacificas*, contra os quaes V. R. acaba de esgotar o vocabulario dos improperios com uma paciencia e modestia verdadeiramente apostolicas. Só por elles posso dizer *non moriar omnis*. (Quando eu citar latim, veja sempre V. R. se elle vai em termos). Mas, ai, quão triste perspectiva essa! São dous postes entre os quaes o nome do auctor dos ominosos opusculos, *epithetado* (palavra se não portuguesa, ao menos inventada com muitissima graça por V. R.) com as mais injuriosas qualificações, passará á posteridade em monumento perenne de grandes crimes e da tremenda justiça de V. R. É necessaria toda a attrição e contrição, de que estou revestido depois que V. R. me illuminou o entendimento, para não cahir em desperação fatal. S. V. R. sabe o que faz, tem dedo para medir botes, e até, o que é mais maravilhoso, para *enristar frechas*. Serviu-me exactamente do necessario. Deus não quer a perdição do peccador, e V. R. não podia esquecer-se disso.

Mas o caso é sério, reverendissimo! Eu vejo-me no estado em que V. R. me poz. A vida foge-me, e já descortino a morte assentada no horisonte (desculpe V. R. a phrase que é um mau habito daquelle *romancismo*

sobre que V. R. tão galhardamente discorre). Arrependido, contricto, debulhado em lagrymas como uma Magdalena macha (ou macho? V. R. espivitará e apurará esta concordancia), eu preciso de ver, de falar ao meu castigador e, ao mesmo tempo, meu segundo redemptor. Quero ajoelhar-lhe aos pés, e dizer-lhe : *peccavi;* quero perante elle abjurar os meus erros passados, fazer um auto de fé de quanto tenho rabiscado, declarar-lhe solemnemente que creio não só no milagre de Ourique, mas tambem em todos os milagres das *Vitae Patrum* de Surio, e do *Flos-Sanctorum* de Ribadeneira, e que o unico senão que acho em toda essa milagraria é o de serem poucos ; que d'ora avante, nestas semanas ou dias que me restam de vida, proclamarei que, não digo qualquer clerigo desses a que a impiedade chama de *requiem* ou *tumbeiros,* mas o mais somenos sacristão vale mais em sciencia e virtude do que Humboldt e Washington. Quero fazer estas e outras africas espirituaes na presença de V. R. para que ás corôas immarcessiveis da sua reputação litteraria, V. R. possa ajunctar a mais gloriosa de ter reconduzido ao aprisco a ovelha desgarrada, reduzindo á fé esta alma empedernida, e de, no ultimo arranco, a despedir por suas mãos pelo cami-

nho do ceu. V. R. é bom, é sabio a não poder mais ; é uma pomba sem fel, um verdadeiro ministro do Deus de paz e de misericordia. A sua abnegação, a sua modestia, a sua caridade christan ressumbram de todas as paginas do livro com que me apoleou e converteu. V. R. até é bonito. Negar-me-ha, pois, a consolação derradeira do *absolvo-te?* Não é possivel, reverendissimo! Uma palavra! Uma palavra só! E para o conduzir a esta casa, onde por tanto tempo habitou a abominação da desolação, e hoje mora o arrependimento, eu mandarei um tivoli, um omnibus, um burro, a passarola de Bartholomeu de Gusmão, ou outra passarola qualquer mais moderna, com tanto que não seja invento de algum bestunto heretico ; mandarei o que V. R. quiser ; mas venha, venha acabar de ser *intrépece* num milagre começado pela sua douta penna. Affonso I em Ourique e V. R. no Monsancto ficarão collocados nos dous polos do milagredo nacional. E advirta V. R. que, quando falo dos dous polos, não intento negar a existencia dos muitos polos que V. R. descobriu, na sua preciosa capitulada ácerca da vida e feitos de um mathematico illustre, a feitura de cujo elogio competia de direito a V. R., habilissimo juiz nas sciencias de calculo, como em todas. Mas que digo

eu, negar?! Se não fosse o lastimoso estado a que V. R. me reduziu, pelejaria, sem repouso nem treguas, contra quem quer que duvidasse do minimo dos polos de V. R. Hoje não ha doutrina, não ha principio que eu regeite, sobre que consinta a menor controversia, uma vez que me conste haver sido tirado da cabeça de V. R.

Ai, P. Mestre, que nem sempre fui assim! É aqui, em publico, nesta imprensa maldicta, invenção de Satanaz, que eu devo fazer uma confissão estrondosa, a qual contribua para a edificação do proximo: aqui, sim, no mesmo theatro donde derramei a corrupção, onde tantas almas transviei. Servirá ella para dar um testimunho, tão authentico como o da apparição, da tolerancia e caridade christan de V. R., patenteando a causa efficiente da correcção salutar com que me salvou do abysmo. Oh, podesse eu destruir, cancellar, expungir da minha vida passada um acto que me deshonra, uma insolencia commettida contra a sacrosancta pessoa de V. R.! Mas se este grito da consciencia me acabrunha, que consolação espiritual não é ver o ultimo resultado do meu crime? Rigido seguidor do evangelho, V. R., que podia conceber contra mim aquelle odio immenso, covarde, atraiçoado, a que os

impios e blasphemos chamam por antonomasia odio padresco, paga-me o mal com o bem, o desabrimento com a brandura, a rudeza com a suavidade: corrige-me fraternalmente, convence-me, salva-me. V. R. ha de permittir-me que eu exclame com S. Paulo: *oh altitudo!*

Foi o caso: V. R. é indisputavelmente o Mr. Thomas da nossa Academia. Os defunctos do cemiterio academico pertencem-lhe, como V. R. me pertence a mim; porque V. R. é meu, e protesto contra todos os que m'o quiserem empalmar. Acabem de me reduzir a cisco, mas não me tirem o meu padre mestre. Não sou socialista, nem admitto que a propriedade seja um roubo. Hei de defender a minha propriedade emquanto me restar alento. Vamos á historia: Falleceu um antigo socio da Academia, um velho venerando, o snr. Matheus Valente do Couto. Usando do seu direito deitou V. R. ao cadaver o gancho necrologico. Cheirou-o, virou-o, revirou-o e extendeu-o sobre a banca da dissecação oratoria. Talho daqui, talho dali: Zás! Sahiu-se V. R. com o mais estupendo papel que estes olhos peccadores tem visto e hão de ver antes que os coma a terra. Coube-me a mim a negregada sorte de ser escolhido para censor de tão douta lu-

cubração (eu censor de V. R.- A que tempos somos chegados!). Comecei a ler e a abrir a bôcca... de admiração. Mas, de um lado, o demonio do orgulho, e, do outro, o da inveja, começaram tambem logo a atiçar-me no animo a feroz, temeraria e audaz furia da maledicencia torpe e suja, para que, barafustando na malvadez do intellecto obcecado, ousasse com blasphema, atroz e depreciante philaucia, embaciar, despejada e vilmente, os *Cristaes da alma* eloquente de V. R. (Ai, P. Francisco! só me custa morrer ; porque sinto, conheço, percebo, e entendo que, com mais dous ou trez mezes d'estudo, chegaria talvez a escrever com uns longes, laivos, ou toques do atticismo inimitavel de V. R.). Sim, eu, hoje indigno neophyto de V. R., não tremi então como varas verdes ao commetter o mais inaudito atentado, ao pôr mãos sacrilegas, *suadente diabolo,* naquella erudita capitulada necrologica! Fiz um parecer horrendo, bestial! Batendo nos peitos, debulhado em lagrymas, o confesso e publíco. Não ficou, porém, o mal ahi. O pai da mentira, que me empalmara, resolveu catrafilar na mesma redada a Academia inteira. Perturbados por Belzebuth os *intellectos* dos outros censores e da classe respectiva, todos em conspiração universal atiraram, *horribile dictu!* para

o cadoz dos despropositos academicos as profundas investigações de V. R. Diz o P. Vieira, falando do bom soldado a quem deram em recompensa a miseria do abandono : — *morra e vingue-se.* V. R. não morreu, mas vingou-se ; vingou-se com mais nobre alvitre do que o de morrer. Foi-se á sua meia velha, tirou algumas louras mareadas, correu á loja do papel, á officina typographica, á agua-furtada da brochadeira ; foi, veio, subiu, desceu, suou, dessuou, e, oh segredos inescrutaveis da providencia!, um dia, um dia para sempre memoravel, rebenta em Lisboa o *Elogio Necrologico* impresso! Foi um pelouro da bombarda de Diu, foi um espanto, um pasmo, um assombro indiziveis, nesta futura capital do quinto imperio. O convento dos Borras tremeu até os fundamentos, a Academia esteve a ponto de dissolver-se. Nunca se viu corrimaça assim! A cachinada de alegria da rapaziada romantica ou romancisca, ou romanisca (V. R. me dirá como é direito) subiu ao throno de Jupiter Stator, em acção de graças por ter dado, emfim, a este país um sabio como se quer, um prodigio de *intellecto.* Passam seis mezes, e, palavras não eram dictas, fervem os carteiros nas lojas dos negociantes de livros : « — Senhor fulano, esta carta da Russia ; dê cá seis-

centos e vinte e cinco.» — «Senhor sicrano, esta carta da Mingrelia: mil setecentos e trinta e cinco.» — «Senhor beltrano, esta carta do Thibet: quatro pintos e cinco réis.» — Eram escriptores, não digo os mais celebres, porque não quero exaggerar, mas os mais solidos e macissos do mundo, que ardiam, que se damnavam por traduzir nas setenta e duas linguas da Torre de Babel o *Elogio Necrologico*. Os livreiros bufavam. Alguns descontaram letras para pagar os portes daquella cartaria infernal. E, na placidez do seu triumpho, V. R. olhava, com um sorriso angelico, para a Academia com a fronte no pó, vencida, convencida e humilhada.

Mas a bondade infinita de V. R. anima-me neste ponto a fazer-lhe uma timida pergunta. Tinha eu notado no seu *Necrologico* algumas passagens que a minha petulante ignorancia (ai de mim, que tão tarde a conheci!) e as suggestões diabolicas me affiguravam como parvoíces capazes de arrancar á Academia um senatus-consulto para que V. R. lhe não cruzasse mais o limiar da porta. Essas passagens, que eu, pobre botecudo, assim conceituei, eram descobrimentos façanhosos, cujo merito só aprecio agora que V. R. me abriu

os olhos da alma. Destas revelações, porém, que V. R. fazia ao genero humano, porque supprimiu umas emquanto entregava outras á publicidade? Teve V. R. receio de afogar os intellectos com uma indigestão de sciencia nova? Ou foi que não julgou digna esta raça, a que pertence um homem tão abominavel como eu, de se lhe soltar em cima todo o reservatorio da sua immensa sabedoria? Punge-me atrozmente esta duvida; porque o facto é irrecusavel. Por exemplo: V. R. tinha escripto que o snr. M. V. do Couto «*penetrava até os polos mais inaccessiveis da observação e da analyse.*» — e, noutra parte, que elle «*nascera em hemispherio de outro mundo.*» Sorveu V. R. a si a primeira verdade, deixou-nos a segunda. Porque? É grande, é substancial a novidade que V. R. nos dá de que o illustre defuncto viera a este globo terraqueo de um hemispherio de outro mundo, o que não só prova que os planetas são habitados por entes semelhantes a nós, mas tambem que é possivel e talvez facil o tracto entre os differentes grupos de familias humanas, derramadas pelo espaço e acocoradas nos diversos planetas. Mas que importancia tem esta revelação, apesar de estrondosa, com essoutra que V. R. quis occultar? Que

digo eu? Essoutra?! Muitas essoutras, carradas de essoutras! Pois que é obtermos a certeza da existencia de alguns milhões de homens encarrapitados por esses orbes, se a compararmos com o curso de philosophia transcendental, de astronomia, de geologia, de tudo, que se encerra no delicioso periodo supprimido? Para que nos privou daquelle esquadrão de polos que V. R. tinha ajunctado nas suas viagens? Se V. R. não queria pô-los á disposição do publico, porque não havia de offerecer para o museu da Academia ao menos um quarteirão dos mais repolhudos? Que ha de V. R. fazer de toda essa polaria? Se me atrevesse a levantar olhos para o meu padre espiritual, dizia-lhe que V. R. era um avaro cadimo. Depois pode haver nada que justifique V. R. de esconder á republica das lettras os grandes theoremas de que no inaccessivel absoluto ha mais e menos, e de que a observação e a analyse podem ter a qualidade de inaccessiveis? Occultou-os V. R.; mas aqui estou eu para trahir o segredo, e para exclamar: — Hegel, levanta-te do teu tumulo! Schelling, levanta-te da tua poltrona. Vinde ambos saudar o Pan da philosophia especulativa, que surgiu no ultimo occidente para vos arrancar o sceptro e para vos reduzir a dous ôdres de

cerveja ou a dous barris de sanerkrant ridiculos.

O que é começar a ver a luz, reverendissimo! Apenas acabei de escrever o antecedente paragrapho logo o coração me disse que tinha feito uma grande cancaburrada. A causa de V. R. me surripiar, quando imprimiu o seu Necrologico, metade dos esplendores com que tencionava illuminar-nos, fica na verdade solemnemente mysteriosa, como o são todas as cousas de V. R.; mas que a minha audacia contribuisse para tanta desventura, é o que só podia occorrer a uma cabeça de vento como eu, e nunca a uma de trez ventos como a de V. R. Pensar que V. R. me ficasse com teiró, é um daquelles erros grosseiros em que eu estou sempre a cahir, e que V. R. tão magistralmente refuta no seu erudito tractado — *Desaffronta em Defesa* — título que só por si não se pagava com todo o ouro da California. Que a *Desaffronta em Defesa* nascesse não do que V. R. diz (por modestia e não por velhacaria), mas sim daquelle sacrilego e bestial parecer, com que inficionei a Academia, é facto incontroverso. Mas ha acaso ahi o menor vestigio da desesperação de um pedante ferido na sua tola vaidade; dessa desesperação que, accrescentando o estonteamento da colera á natural

curteza, o faz desatinar em phrases inqualificaveis, com que parece querer transpôr a meta do absurdo, e com que apenas obtem afogar-se no charco do ridiculo? Nada disso. A *Desafronta* é exactamente o contrario. Em vez de ser triste exemplo da fraquesa humana, é um modelo de sabedoria christan e ethnica; em vez de ser um longo rugido de odio impotente, é, pelo unctuoso, uma nova Imitação de Christo, e V. R. um novo Kempis. O que V. R. quis foi salvar esta alminha: foi o amor, não o odio, quem lhe guiou a penna. Castigou para curar: pagou, repeti-lo-hei mil vezes, o mal com o bem. E' assim que se manifesta nas suas obras o sacerdote christão. No genero, é V. R. um verdadeiro typo.

Venha, pois, reverendo padre mestre! venha, porque lhe quero dizer tudo isto, e muito mais, de viva voz, como introducção, preparatorio, ou, conforme V. R. costuma exprimir-se, como *curriculo primevo* da minha confissão geral. Lembre-se do meu estado e da sua inexgotavel caridade. Diga-me a que horas quer o burro ou a passarola. Olhe que pode vir a morte truncar o remate da sua obra! Emquanto V. R., meu P. Francisco, me não cumprir os desejos, não o deixo com cartas: faço-lhe o que V. R. fez indirectamente com o seu *Necrolo-*

gico aos livreiros de Lisboa. Acuda, padre mestre, acuda ao seu

Ex-romantico, ex-historiador, e ex-tudo, filho espiritual.

Ajuda, 8 de outubro de 1850.

Esta carta foi a unica escripta por Herculano ao P. Recreio. — *Nota do coordenador.*

Carta a Filippe de Carvalho

Ill.mo e Ex.mo Snr.

A carta que V. Ex.ª acaba de dirigir-me produziu em mim o mais profundo pasmo. Não que me admire de que um jornalista deseje, por todos os modos, satisfazer as indicações dos seus habituaes leitores. É uma questão séria, porque é uma questão de numero de exemplares vendidos. Não me admiro tambem de que os brazileiros, que ignoram, ou conhecem mal o estado verdadeiro da politica do nosso país, em relação ao jesuitismo, isto é, á igreja catholica moderna, imaginem que eu cahia ainda em engolfar-me no mar tempestuoso de luctas com a congregação. O meu assombro vem de que um deputado, deputado influente, da maioria, queira precipitar-me por um caminho inconveniente para mim e inconveniente para o governo. Ha annos que tracto apenas das minhas couves e dos meus

achaques de velho, vivendo completamente estranho á politica. Não pertenço a nenhuma dessas caudas rudimentares dos ministerios em disponibilidade e dos ministerios em serviço activo, que tem a modestia de se chamarem partidos ; sou, em summa, um desses indifferentistas ou maus cidadãos, que constituem espantosa maioria no país. Para mim está sempre no poder quem deve estar. Respeito profundamente a auctoridade, desde o regedor da minha parochia até os ministros permanentes, os chefes de repartição nas secretarias d'estado. Accresce que no gabinete que vai ás côrtes responder pelo que outros fazem ha individuos que conheci, e de quem até fui amigo, no tempo em que elles eram politicamente obscuros, como eu ainda hoje o sou, e não tenho nem vontade nem interesse em lhes ser desagradavel. No meu modo de ver, os dogmas religiosos, novos em folha e, por isso, em todo o seu vigor, da Immaculada Conceição e da Infallibilidade do papa, não são mais certos do que o dogma politico de que a suprema direcção dos negocios publicos pertence de direito nestes reinos á Companhia de Jesus. É a convicção que tem enraizado no meu espirito o procedimento dos governos de Portugal ha mais de um quarto de seculo. Não é crivel

que tantos homens d'estado, que tem exercido o poder debaixo das ordens dos seus chefes de repartição e da inspecção delegada do padre Beckx, se tenham enganado sempre sobre o logar onde deve estar collocada a caldeira genetriz do vapor que propelle a machina social. É facil cá em baixo invocar os principios, a logica, a lealdade ás instituições liberaes, assegurando-as para o futuro. Quem está nas cumiadas é que sabe de que lado sopra o vento, e que precisa de imitar a canna, que verga e se dobra para não ser arrancada ou quebrada. Se o furacão atirasse das alturas para as varzeas da vulgaridade os homens eminentes que por lá andam, quem perdia não eram elles, era a patria.

Quando eu, ha vinte e tantos annos, me puz a escrever contra a concordata com o papa, e a prophetisar que essa boa obra importava a perda do nosso padroado na Asia, era um moço esperto! Dava uma singular novidade aos homens grandes que nos governavam (já então começavamos a ser governados por homens grandes), que deviam louvar a Deus da minha esperteza. Que inepto que fui! Era isso mesmo que queriam os ministros e o seu parlamento, porque o queria a Propaganda, o padre Geral do *Gesu*, e o seu secretario João

Mastaï. Veio depois a celebre questão das irmans de caridade e dos lazaristas, que chegou a excitar seriamente a indignação popular. Nella representei soffrivelmente o meu papel de urso de feira. O snr. D. Luiz terminou-a, esquecendo-se de que o rei reina mas não governa, trahindo os seus ministros e pedindo a Napoleão que levasse daqui aquellas preciosidades. Rapaziada! Tem custado a emendar a mão; mas, felizmente, o país já possue hoje mais irmans de caridade e mais lazaristas do que possuia então.

Na questão subsequente, a do casamento civil, governo e camaras tiveram suas velleidades de deixar passar em lei aquella atrocidade. Os padres berraram. Para os calar substituiu-se por umas tolices á Sancho Pansa o que estava no projecto da commissão do codigo. Pensou-se que se enganava o padre Beckx, mas o padre Beckx não se engana assim. O clero recebeu ordem de continuar a berrar, e o governo parece que foi severamente reprehendido. É o que se infere de não se crearem até hoje as instituições necessarias para a lei na parte em vigor. Do modo possivel tem-se remediado o mal.

Os ministerios oppostos, quero dizer, os partidos, divergem profundamente em principios.

Pedro e Paulo entendem que os ministros devem ser elles : Sancho e Martinho que são elles quem nasceu para isso. As duas theorias excluem-se. São dous systhemas de direito publico inconciliaveis. Ha um ponto, porém, em que todos concordam : é em serem uns e outros o *quasi cadaver* diante da vontade omnipotente do padre Geral. As doutrinas luminosas e indubitaveis tem isso ; são pontos de contacto ás vezes entre as divergencias extremas.

Considere V. Ex.ª com que escrupulo e ha quantos annos, apenas a morte sacode para o chão qualquer mitra, o ministro transitorio, que está então de serviço juncto ao ministro permanente dos negocios ecclesiasticos, tracta de a apanhar e de a pôr na cabeça de um clerigo bem reaccionario e, quanto possivel, bem inepto. Nisto é que não ha nem Pedros, nem Paulos, nem Sanchos, nem Martinhos. Não nota V. Ex.ª, quando nos deixou orphãos de pai espiritual aquella alma candida de Manuel Bento, a delicadeza com que o governo d'então agarrou pela cabeçada o reverendo sacerdote, nosso actual pastor, e foi atá-lo á mangedoura de S. Vicente? Não notou com que garbo o bom do animal atirou logo dous pinotes á cara dos italianos, numa pastoral em que

expectorou o *Syllabus,* esfrangalhou a Carta e pingou a grammatica? O governo limpou com um lenço de cambraia o escarro que o frade pregara nos bigodes de Victor Manuel, e perguntou ao padre Beckx se aquella expectoração do sancto patriarcha não seria de mais. O padre Beckx levou o dedo á bôcca e respondeu-lhes: «*tante fratres*». O governo, portanto, não tugiu, nem mugiu, e o nosso prelado continuou a assoar-se e a escarrar á sua vontade.

E entende V. Ex.ª que eu devo prégar sermões aos brazileiros, cujos tribunaes, por muito menos, remetteram dous bispos para a calcéta! Quer V. Ex.ª que elles mandem um capoeira fazer uma viagem até Val-de-Lobos, para me ensinar, com duas marradas na bôcca do estomago, a ter vergonha de ser português?

Succedeu, caso raro, enganar-se uma vez, não sei que Pedro ou Sancho, que Paulo ou Martinho, e nomear bispo de Bragança um clerigo de vida austera e instruido, chamado Aguiar. O padre Beckx, que confiava no nosso governo e contava sempre com a apresentação de um ceraferario das beatas velhas e feias, ordenou ao seu secretario que o confirmasse. Que ha de acontecer? Sai-lhe o homem afer-

rado ás obsoletas doutrinas da antiga igreja, ás tradições do episcopado do seculo XVIII. Ficou fumando o nosso Geral, e esperou-lhe a pancada. Aguiar era velho e austero; não podia soffrer os gelos de Trás os Montes nem a devassidão irremediavel do seu clero. Depoz o baculo e volveu ao Alemtejo, onde nascera. O governo, por leviandade reprehensivel, lembrou-se de o transferir para Beja. Quando tal soube, o padre Beckx esfregou as mãos e riu-se. O seu secretario recebeu ordem de negar redondamente a confirmação do eleito. Pela antiga praxe, era caso para se fazer sahir o nuncio em 24 horas de Lisboa e interromperem-se as relações com a curia. O provavel, porém, é que o governo pedisse ao papa naquella conjunctura que mandasse aqui mais outro nuncio, para resolverem os dous com acêrto o que no assumpto fosse serviço de Deus. Agachou-se, pois, mas não se limitou a agachar-se. Tinha feito asneira e era preciso dar uma satisfação ao *Gesu*. Os bispos resignatarios do nosso tempo contam-se por duzias, como os ovos. Chegou a haver trez de Angola, creio eu. A nenhum faltou a esportula de 600.000 réis annuaes. Engano-me: faltou a um, a um só, ao reprobo Aguiar. A decencia, as supplicas, as ponderações, todas as influen-

cias, a justiça, a simples equidade, tudo foi inutil e impotente contra a maldicção da Companhia de Jesus. Sem as sopas de umas irmans remediadas, o bispo, quasi octogenario, teria morrido de fome ou pedido esmola á porta da sé d'Evora, de cujo cabido fôra dignidade.

Emquanto assim se esmagava um pobre velho, que já não podia desapprender o que lhe tinham ensinado no seminario e na Universidade, o governo pensava seriamente nas cousas religiosas. Alem de outros serviços miudos, tomava a providencia salvadora de construir murinhos nos cemiterios para extremar dos ossos dos cães descridos os ossos dos bons catholicos, e nomeava arcebispo de Goa um membro da familia Caniço, distincta pela sua devoção phrenetica á boa causa. Punha, assim, remate á gloriosa fabrica da concordata de 1857, convertendo a igreja primacial do Oriente numa vigararia apostolica mais ou menos disfarçada.

Estou gasto de corpo e de espirito, e planto couves. Não se admire, porém, V. Ex.ª se um dia lhe chegar ás mãos um livro com o seguinte titulo — *Historia do ultimo martyr do christianismo em Portugal.* Não acha que seria justo legar á posteridade um memento dos serviços feitos pelos Pedros e Paulos, pelos

Sanchos e Martinhos, á religião do Estado, á religião da Carta?

Mas para que estar a remecher a estrumeira politica, e a alevantar della factos que pingam podridão? Na imprensa e no parlamento, no paço e na choupana, na salla e no templo, na praça e na rua, por toda parte magoam-se a cada passo os pés com topadas em factos analogos. A prova tenho-a á mão. Remetteu-me V. Ex.ª com a sua carta um numero, um unico, da *Correspondencia de Portugal*. Pois nesse numero unico dei logo uma topada, confirmação peremptoria das humildes reflexões até aqui submettidas á superior apreciação de V. Ex.ª.

Lê-se ahi uma tabella dos vencimentoss dos nossos diplomatas em exercicio. Temos dous ministros residentes em Roma, um juncto ao governo italiano, outro juncto á curia. O ministro juncto ao rei vence 7:500$000 réis; o ministro juncto ao papa vence 8:500$000 réis. O primeiro tem de manter a harmonia e estreitar os laços que nos unem a uma das grandes nações da Europa, e que devemos forcejar para que venha a ser a nossa melhor alliada, por motivos que seria demasiado longo expôr aqui; tem de attender a numerosas relações de interesse material entre nós e os italianos;

tem até de adoçar os attrictos que hão de resultar, muitas vezes, entre os dous governos, justamente da existencia dessa legação juncto ao papa.

É uma situação laboriosa e difficil. O outro ministro não concebo que tenha mais que fazer do que tractar de transacções sobre bullas. Somos assás pequenos para não termos veto nem influencia no futuro conclave, onde, sobre o cadaver de Pio IX, se ha de jogar, no xadrez da corrupção, entre a Europa e a Companhia de Jesus, a sorte futura da infallibilidade. É este o unico motivo serio da existencia de legações juncto do Vaticano. Com 8:500$000 réis, por uma vez somente, adquiria o governo português 500 ou 600 exemplares do *Bullarium Magnum,* as devotas velhas e feias tomavam um fartote de bullas a não poder mais, e poupavamos annualmente uma somma igual. Quem sabe até se depois o Vaticano, vendo a pequena procura e o limitado apreço que tinham no nosso mercado os productos da sua fabrica, não no-los venderia mais baratos, embora fossem os monos e o refugo, o que pouco importava, porque tinhamos já as beatas abarrotadas de bullas, que nestas cousas é o essencial.

Aquella differença de um conto de réis não

pode, portanto, representar um augmento de retribuição por maiores serviços. É forçosamente um symbolo. Que symbolisa elle, pois? A superioridade do papa sobre o rei d'Italia, e por consequencia, sobre todos os reis, que são entre si iguaes. Symbolisa a veneração dos nossos estadistas e do nosso parlamento, que votou essa verba, pelas maximas de Gregorio VII, desenferrujadas e polidas ultimamente pelo sacrosancto concilio do Vaticano; e é, ao mesmo tempo, uns restos de penitencia por aquella diabrura da eleição do conego Aguiar.

E quer V. Ex.ª que eu me esqueça dos capoeiras do Brazil, e offenda o governo do meu país, o parlamento, o prelado da diocese, o padre Beckx, as beatas velhas e feias, os dogmas dos bispos *in partibus* de um concilio ecumenico e os numerosos Caniços de Portugal, só para que os seus amigos de álem-mar tenham a galhofa de me verem andar em bolandas nos cornos do touro? Não pode ser. Exigir tanto de um homem naturalmente timido, como eu, é demasiada crueldade.

Em tudo o mais disponha V. Ex.ª de quem é com a mais rendida submissão

De V. Ex.ª
Humilde V.or e reverente C.

Cartas a Antonio José d'Avila [1]

Ill.mo e Ex.mo Snr.

O nosso consocio José de Oliveira Berardo sollicita um logar dos que se acham vagos no cabido da sé de Viseu.

Podia dirigir-me ao Snr. Ministro da Justiça, apesar do limitado das minhas relações com elle, e apresentar-lhe os papeis que envio a V. Ex.a, porque entendo que, em vez de ir pedir um favor ao governo, lh'o ia fazer, apresentando-lhe e commentando-lhe a pretensão do Padre Berardo.

Pensei, porém, que era a V. Ex.a que melhor tocava conduzir esse negocio a bons termos, visto que V. Ex.a preside á Academia. O Duque de Lafões, primeiro presidente della,

---

[1] Então ministro da fazenda.

era o sollicitador constante dos despachos dos seus membros: V. Ex.ª ha de, de certo, estimar ter occasião de imitar aquelle seu illustre antecessor, o amigo dos Voltaires, dos Diderots e dos Alemberts.

Berardo está excessivamente pobre. João da Silva Mendes (sobrinho do Barão de Foscôa), um dos cavalheiros mais abastados da Beira, e a mais nobre alma que eu conheço naquella provincia, procurou por todos os modos que elle acceitasse em sua casa o pão e um abrigo. O velho não quis.

O caracter de Berardo é de ferrea independencia. Foi precisa uma especia de conspiração para o obrigarem a escrever e a assignar essas quatro linhas de requerimento que V. Ex.ª verá.

Se estivessemos nos primitivos seculos christãos, eu diria a V. Ex.ª que não sei de homem em quem melhor assentasse o episcopado. Vale bem mais que todos os bispos que eu conheço. Falo do saber e da honestidade da vida. Ha cousas em que elles valem muito mais. O bom do padre não prestava hoje para bispo.

Do valor intellectual do P. Berardo pode V. Ex.ª fazer idéa, bem que incompleta, por duas ou trez memorias suas impressas entre as

da Academia, e melhor pelas duas obras do conde de Rackzinsky sobre as artes em Portugal. Berardo foi quem deu a este país o seu Camões da pintura. O Grão-Vasco era um mytho, a que se attribuiam todos os quadros gothicos: o padre de Viseu foi quem habilitou o conde para revelar á Europa a existencia e os meritos de Vasco Fernandes, o Miguel Angelo português.

Não é natural que neste negocio o violentado pretendente seja muito favorecido pelo respectivo prelado; não que este não seja bom homem, mas Berardo é um velho liberal encanecido no peccado. A igreja portuguesa é hoje propriedade da reacção e do ultramontanismo, e o bispo de Viseu, como qualquer outro bispo, não quer, de certo, indispôr-se com essas potencias, porque tem ainda diante de si a carapuça vermelha do cardinalato, que é a suprema das ambições dos clericaes.

Como procederá o bispo, não posso eu, todavia, absolutamente dizer. O que sei é que não haverá quem negue que o padre Berardo seja o clerigo mais instruido da Beira, e de costumes exemplares.

Dir-se-ha que o chantrado de Viseu não é necessario? Eu digo mais: nem o cabido, nem nenhum cabido. Deus dispensava perfeita-

mente o moerem-lhe a paciencia com o psalmear de mau latim. Mas não se tracta disso; tracta-se de dar pão, nos tristes annos da velhice, a um homem respeitavel por lettras e virtudes, que nunca foi pesado ao país, e que tem fome. O governo, que inventa historiadores, porque não ha de inventar a necessidade de um chantrado? É incomparavelmente menos difficil, alem de que a existencia do nicho é legal.

Procurarei opportunamente a V. Ex.ª para saber o resultado de uma pretensão em que estou certo V. Ex.ª ha de interessar-se.

Sou de V. Ex.ª
Am.º Consocio e C. obrig.mo

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Encarregou-me V. Ex.ª, ha não sei quantos mezes, de promover o despacho de um requerimento do P. José de Oliveira Berardo, de Viseu, que sollicitava ser provido num dos canonicatos da sé da mesma cidade.

Um dos mais distinctos cavalheiros da Bei-

ra, e dos animos mais nobres que alli conheço, o meu am.° João da Silva Mendes, que constrangera o P. Berardo a tentar aquelle negocio, tinha-me feito a honra de me escolher por sollicitador em Lisboa da pretensão do nosso am.° commum : commum digo, porque tenho o gosto de ser tambem amigo do P. Berardo.

O pretendente era um dos primeiros homens de lettras de Portugal, um clerigo de costumes austeros, um homem de bem, um liberal sem mancha e, finalmente, socio da Academia, de que V. Ex.ª é vice-presidente e eu o mais insignificante membro. Este individuo, conhecido dentro e fora do país pela superioridade da sua illustração, estimado por todos os que o tractam, porque a isso obrigam as suas virtudes publicas e privadas, vivia e vive num estado visinho da penuria, não porque lhe falte a benevolencia de amigos, mas porque ha mãos que não sabem abrir-se para acceitar a esmola : São aquellas que não tremem quando as privações lhes apontam a borda da sepultura para ahi se firmarem e descerem ao ultimo refugio de todas as miserias humanas.

Eu entreguei este negocio a V. Ex.ª com fundamentos que V. Ex.ª me fez o favor de achar solidos. V. Ex.ª era membro do gabinete

e vice-presidente da Academia. Como tal, a ninguem ficava melhor dar um documento de sollicitude pelos interesses legitimos de um consocio nosso: como ministro, a V. Ex.ª ainda importava mais que o governo reparasse a longa injustiça de omissão e esquecimento feita a um cidadão benemerito, e a um sacerdote veneravel; a um desses raros vultos que a Providencia ainda consente appareçam na igreja portuguesa como protesto vivo contra a profunda corrupção e completa decadencia do nosso clero.

Assim, transferindo o encargo para V. Ex.ª, entendi que fazia um serviço ao ministerio. Não gosto de os fazer, pois que, por via de regra, os ministerios não valem a pena disso; mas a consciencia absolvia-me em attenção a que daquelle serviço podia resultar uma reparação dada á virtude e ás lettras.

V. Ex.ª desempenhou-se da responsabilidade que tomara. Supponho que foi com sinceridade e verdadeiro interesse: pelo menos tenho na minha mão documentos que o inculcam. A pretensão entrou immediatamente na Secretaria da Justiça.

O collega de V. Ex.ª naquella repartição declarou que ia proceder á reforma do cabido de Viseu, e que, depois disso, seria posto, sem

demora, a concurso o canonicato requerido pelo P. Berardo.

Calei-me, porque achava que não valia a pena debater a conveniencia de demorar o concurso por causa da reforma. E, todavia, este obice podia discutir-se. As cadeiras vagas eram umas poucas. Se a que o pretendente sollicitava fosse das supprimidas, passaria para outra. A questão resumia-se em dar um boccado desse pão publico, que se desbarata com tanto insignificante ou peior do que isso, a um homem sabio e honrado, quasi indigente.

Calei-me, porque achava que a reforma seria assumpto de breve ponderação. Os cabidos não tem hoje outra razão de existencia senão a de servirem de aposentação aos membros do clero que se distinguiram no serviço da igreja, do estado e das lettras, e que chegaram á velhice com duas condições quasi sempre companheiras, a da pobreza e a da probidade. Fora disto, nada resta que legitime a sua existencia : fora disto, é supprimi-los. A unica ponderação que um governo, não absolutamente rebelde ás prescripções do senso commum, tem que fazer é examinar os recursos de que pode dispôr para estas aposentações, aliás justas, e proporcionar a esses recursos o numero de beneficios capitulares.

A reforma não appareceu um, dous, trez, muitos mezes. Eu pasmava das profundas investigações do collega de V. Ex.ª ácerca de um assumpto que a meu ver tinha a simplicidade da somma ou da subtracção de dous algarismos ; e creio que esse mesmo pasmo me embargava a voz para não bradar ao governo : «Olhae que emquanto vós fazeis o chilo, meditando sobre o difficil problema de mechanica celeste, a reforma do cabido de Viseu, ha alli um velho clerigo, benemerito da liberdade, benemerito da igreja e da patria, benemerito das lettras, que se definha na penuria por causa das vossas meditações.»

Foi bom que não bradasse : era uma puerilidade. O embaraço não estava na reforma : estava na antinomia entre as condições do pretendente e o pensamento do governo. Agora posso ao menos apreciar com mais justiça a intelligencia do ministro della.

Ha ahi um ex-frade que fugiu de Portugal na epocha da restauração porque os pulmões não lhe soffriam o ar da liberdade, e que, na sua repugnancia ás instituições e á dynastia, só voltou ao país quando ou o centro reaccionario de Paris e Lyão ou os reaccionarios noveis d'aqui o mandaram ou chamaram para servir de mentor, de assessor ou não sei de que

ao patriarca de Lisboa. Aquelle ex-frade, rico, influente, anafado no corpo, anafadissimo nas lettras, foi proposto ao governo pelo actual prelado para conego da sua sé. O caso era urgente. A demora podia irritar o sacro collegio, os conciliabulos franceses, as capellas portuguesas, os geraes da *grande* e da *pequena* Companhia de Jesus. Não restava tempo para pensar na reforma da sé de Lisboa. Aqui havia uma só cadeira vaga: em Viseu havia trez ou quatro. É obvio que as probabilidades de suppressão eram menores onde havia uma só cadeira vaga do que onde ha trez ou quatro. O ex-frade foi, portanto, provido sem hesitação no canonicato de Lisboa.

Considerado só de per si, o facto nada tinha extraordinario. Era um destes escandalos communs, um destes exemplos de patronato cego, que o país, digno dos governos que o regem, acceita como estado normal de administração. O ex-frade reaccionario, fabricante a tanto por pagina de traducções bundas de alfarrabios franceses, o algibebe de alheios farrapos litterarios, alinhavados por elle para figurarem de novos na traparia do livreiro A..., o ex-frade favorecido da fortuna, e collocado já numa situação vantajosa, opulentado agora com mais alguns centos de mil réis annuaes

pelo mesmo governo que deixa na penuria um varão como o P. Berardo, e que compromette os homens de bem que obrigaram com rogos aquelle animo austero a fazer o papel de supplicante, é um desses contrastes que já não agitam a consciencia publica, embotada pelo habito. A injustiça, a immoralidade de semelhantes actos são, nesta terra, cousas quasi honestas ou, pelo menos, regulares. Ainda mais : querendo-se abstrahir da alta significação que tem esse contraste, quando se affere pelo proceder geral do governo na lucta, por emquanto pacifica, travada entre a reacção e as doutrinas liberaes, o facto practicado pelo collega de V. Ex.ª poderia merecer indulgencia como fructo de amor de classe. A republica litteraria, como a civil, tem a sua aristocracia, a sua classe média, e o seu vulgacho, e, como na republica civil, ha aqui sympathias entre os membros da mesma categoria, e ha as malevolencias da plebe contra as superioridades. Podia-se tomar o escandalo como uma bernarda demagogica. Era a plebe litteraria que se enthronisara na lama do foro. *I, lictor, colliga manus:* morra o P. Berardo. Um amplexo cordial, fraterno, d'instincto, filho de intimas affinidades, estreitava nos braços um do outro o auctor de não sei que maximas e

pensamentos, notaveis principalmente pela agudeza e novidade das idéas e pelas galas do estylo, e o auctor de não sei quantos ripansos e de um livro, chamado em lingua franca de modista *Codigo do bom tom*. Os dous talentos valiam-se. A indecencia do desfecho daquella bernarda de leigos bernardos temperava-se pelo lepido e galhofeiro da scena.

Porém, não : não foi nada disto. O procedimento do ministro, neste caso, condiz com as tendencias geraes do governo, e o assumpto eleva-se, por isso, á gravidade de uma nova manifestação dessas tendencias. Descortina-se naquelle repugnante quadro o dedo dessa reacção, que vive e cresce nas trevas, ha mais de quinze annos, e cuja força se não sabe onde reside, mas que é energica, vigilante, poderosa, infatigavel ; que tem o pé sobre a cerviz de todos os ministerios, desde o seu berço até o seu tumulo ; que se assenta invisivel no suppedaneo do altar da parochia, debaixo do faldistorio episcopal, e juncto ás carteiras das secretarías, e que moureja pelos corredores dos paços reaes, sem pudor da luz e da liberdade que se refugiam juncto ao throno ; que ameaça e que chora, que esbraveja e que se humilha, que calumnía e que exalta, que se nega e que se affirma, que, finalmente, tem por alvo

principal dos seus esforços dissolver a familia pela credulidade da mulher, e a sociedade futura pela peçonha instillada atravez da educação, lentamente, seguramente, nos animos da geração nova.

Se falo nisto não é porque pretenda reprehender ou accusar, nem porque tenha intenção ou esperança de converter o ministerio ; é para fundamentar o peditorio que vou fazer a V. Ex.ª. Alheio da politica militante, porque não creio na possibilidade da redempção do país, limito-me a deplorar commigo mesmo certos factos que apressam a ruina delle ; mas preciso de dar conta de mim no negocio do P. Berardo e de arredar qualquer responsabilidade moral de connivencia ou de tolerancia com o procedimento do collega de V. Ex.ª em relação áquelles dous ecclesiasticos. E permitta-me ainda V. Ex.ª dizer-lhe que, se me afasto das cousas publicas com indifferença, essa indifferença, filha das severas licções da experiencia, não vai tão longe que atrophie em mim todas as condições psychologicas e physiologicas do ente humano. Confesso a V. Ex.ª que não raro me incommoda e irrita o que vejo passar-se á roda de mim.

Ha ahi, sobretudo, duas cousas, ambas más, que produzem effeitos diversos no espirito e

nos nervos do homem de bem, mas que sempre me perturbam esta paz do desalento. A primeira é o espectaculo que estão dando certos individuos, que auferiram da victoria das idéas liberaes quantos precalços dellas podiam colher, fitas, honrarias, titulos, influencia, poder, e que, achando que ellas não tem mais que dar, lhes voltam as costas e se lançam francamente, brutalmente, nos braços da reacção religiosa, a qual, na minha opinião, não passa de uma formula profundamente hypocrita da reacção politica, porque duvido muito de que haja em Portugal trez ou quatro duzias destes reaccionarios em folha que tenham lido o evangelho, ou que creiam nelle. Esses taes indignam e horrorisam, mas não perturbam a digestão dos que os observam. Cain faz horror, não faz ascó. O espectaculo que produz uma impressão diversa é o que nos dão aquelles que creem haver ainda no campo liberal alguns avellorios e lantejoulas que vasculhar, e que, por isso, embrenhados nos subterraneos da reacção, trajam, em vez da samarra preta de S. Ignacio, as côres da liberdade, quando vem á praça publica. V. Ex.ª ha de ter feito viagens maritimas com mares grossos e ventos ponteiros. Cai ahi prostrado o animo e o estomago repelle irritado os alimentos. Pois saiba

V. Ex.ª que, olhando para estes homens a que alludo, faço ainda, mau grado meu e sem sahir de terra firme, frequentes viagens dessas. A supplica que eu tinha de dirigir a V. Ex.ª, e que se abona com o que levo dicto, é que obtenha do Snr. Ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça me mande entregar na competente repartição o requerimento e documentos do P. Berardo. Não tive a iniciativa da pretensão, mas contribui, como sollicitador, para curvar a nobre e grande alma daquelle honrado velho aos pés do governo. Peço a V. Ex.ª que me habilite para reparar do modo possivel o mal que nessa parte causei.

Peço tambem a V. Ex.ª que não tome para si, como pessoa particular, o que lhe pode tocar como ministro no que me cahiu da penna numa hora de justo resentimento. Tenho consideração pessoal para com V. Ex.ª por dotes que lhe não ficam fechados na pasta quando a deixa, o que succede a poucos ministros. Peço igualmente a V. Ex.ª não acredite que eu faça votos a Deus para que nos livre do actual ministerio. Longe disso. Os seus successores provaveis haviam de ser peiores. Em vez de metterem um *Codigo do bom tom* na sé de Lisboa, mettiam dous, capazes de fazerem na prosodia latina do breviario devastações qua-

tro vezes maiores do que as que tem feito na lingua vernacula o xabregano legislador do bom tom que V.V. E.E.as lá meteram : e, em vez de deixarem ir definhando á mingua um P. Berardo, arranjavam quatro que podessem atirar para a enxerga de um hospital, isto se fosse possivel achá-los no gremio do clero português, o que, se não offendo os pios ouvidos do beaterio, não me parece extremamente facil.

Sou de V. Ex.ª
Am.º Consocio e C.º Obrig.mo

Carta a Henrique O'Neill

Amigo

O portador desta é um padre que teve a infelicidade de acreditar que a existencia da igreja catholica era conciliavel com a existencia da liberdade. Cahiu no grosso erro em que cahiram Chateaubriand, Lamartine, Ventura de Raulier, Montalembert, e tantos outros mais obscuros, entre os quaes se conta este seu criado, que se fartou de dizer tolices a tal respeito. Veio, porém, o *Syllabus* e poz a cousa no são. Agora já todos sabemos em que lei havemos de viver. Mas o padre tinha dado com a lingua nos dentes ; estava convencido das suas idéas, e teimou. Perseguiram-no como era de razão. O padre defendeu-se, e bem. Deixaram-no. A Sancta Madre Igreja tem isso. Agacha-se quando lhe viram o dente. Pensam alguns que é mêdo. Enganam-se. É para começar o trabalho de sapa.

A companhia de Jesus, hoje synonimo de Sancta Madre Igreja, tem uma jerarchia interna que nem sempre corresponde á jerarchia official. No fim da escala estão os que possuem olhos no corpo, sem que por isso os tenham na alma. Serve esta especie de animaesinhos de S. Ignacio para aquelles trabalhos subterraneos que se vão abrindo debaixo dos pés dos maldictos da dicta Igreja ou companhia. Ora, o meu amigo, que é pessoa capaz, creio que me não negará que uma boa parte do nosso episcopado é, na ordem de S. Ignacio, forçosamente do grau toupeira, sob pena de levar o diabo a companhia, o que daria o absurdo de levar o diabo a Igreja.

Postos estes principios, pelos quaes me responsabiliso, vamos ao caso.

O meu padre concorre a um beneficio na Sé de Lisboa. Do respectivo prelado e seus acolytos, não pode elle esperar senão guerra. Se elles são irmãos toupeiras, ou não, melhor o sabem ahi na Secretaría, porque lhes tem lido as producções. Que, em todo o caso, o padre ha de ser minado, isso é de fé. Agora o que eu peço ao amigo O'Neill (e, virtualmente, ao meu infeliz collega lavrador, a quem vestiram o fardalhão de ministro) é que, se perceberem bicho debaixo dos pés do padre, vão

devagarinho com o tacão da bota e apertem sem dó. Não peço mais do que isto. O padre Teixeira é um moço de talento, d'estudo, e liberal. Se concorrer outro que valha, no bom sentido, mais do que elle, é esse que devem despachar. Sou incapaz de pedir uma injustiça. Mas se, porque rosnou o seu caro visinho, ou o *faiseur* Roquette, ou o doutor vigario geral, ou outro mono assim, preferirem algum badana do rebanho de S. Ignacio, (badana é termo cá do officio, que o amigo Pequito lhe pode explicar) senti-lo-hei, porque commettem o que nos homens publicos é peior que uma flagrante injustiça : um erro deploravel.

Não se esqueça do seu

Vieux

Val-de-Lobos, 9 de abril de 1869.

Carta a Passos Manuel

Ex.mo Snr. Manuel da Silva Passos

Ha um mez que o 1.º Bibliothecario da Bibliotheca Publica desta cidade, e eu, fomos convocados para prestar juramento á Constituição de 1822, que então e hoje, de futuro alterada, felizmente nos regia e rege. Ambos recusámos practicar este acto: procedimento a que, pela minha parte, me levaram as razões que V. Ex.ª verá da resposta que dei, e que remetto inclusa. Foi logo demittido o meu collega, e eu ainda aqui estou esquecido. Não attribuo isto a falta de equidade de V. Ex.ª, porque reconheço a rectidão da sua alma, e que nem odio nem affeição seriam capazes de torcer os principios de V. Ex.ª; antes o lanço á conta dos muitos cuidados e negocios que cercam a V. Ex.ª no alto cargo em que o collocou o voto unanime da Nação e a livre escolha de S. M. a Rainha. Só da minha

insignificancia me dôo, que fez não ser eu lembrado de V. Ex.ª que a tantos, com mão profusa, tem liberalisado a honra da demissão.

Não creia V. Ex.ª que, por este modo, a peço; porque nem uma demissão pedira eu ao governo actual: esta minha carta é apenas um memorando que levo á presença de V. Ex.ª, como se eu fosse alheio no caso, porém não indifferente á boa fama e gloria de V. Ex.ª.

A Providencia não se esqueça de V. Ex.ª, nem de nós, como todos precisamos para que Portugal seja salvo.

Porto, 19 de outubro de 1836.

Carta a Manuel Pereira Guimarães [1]

Ill.mo Snr.

Persuadido pela voz da intima consciencia de que não devo prestar o juramento para que V. S.ª me convida, no seu officio de hoje, julguei tambem me cumpria communicar-lhe immediatamente a minha resolução.

A fé que prometti guardar á carta constitucional da monarchia sellei-a com as miserias do desterro e com os padecimentos e riscos de soldado que passei na emancipação da patria: — para a conservação de um cargo publico não sacrificarei, portanto, nem a religião do juramento, nem o orgulho que me inspiram as minhas acções passadas.

Pode, assim, V. S.ª declarar a essa ill.ma ca-

---

[1] Presidente da Camara Municipal do Porto.

mara que o meu logar de segundo bibliothecario está vago, para que ella proponha ao governo actual, para o preencher, qualquer outra pessoa que, por certo, melhor do que eu desempenhará as obrigações a elle annexas.

Deus guarde a V. S.ª.

Porto, 17 de setembro de 1836.

Carta a Manuel de Jesus Coelho

Ill.mo Am.° e Snr.

Hoje vi as provas da ultima folha do manifesto. Estará, portanto, prompto até o meiado da semana que vem ou, quando muito, até o fim della. Para haver manifesto é preciso haver Associação, e esta rigorosamente não existe sem haver associados inscriptos. Não sei até onde chega a actividade do Luiz Philippe Leite ; mas eu em quem confio é no meu am.° e no am.° Sousa Brandão. Vejam se fazem abrir a inscripção ; se se nomeiam commissões de parochia ; se se fazem inscrever individuos, uns desde logo num registo geral, outros em quadernos especiaes de parochia : se apresentam os estatutos ao governo para os sanccionar, etc. A minha secção nada pode fazer sem que as de fundos e administração lhe subministrem os elementos. Cumpria ter uma casa onde, tanto a directoria como as secções, podessem reunir-se ; cumpria fazer regulamentos internos ; cumpria, em summa,

trabalhar. Pela minha parte, tenho feito o que tenho podido, apesar da repugnancia com que sabe que entrei nestas cousas, porque conheço o país em que vivo. Era tolo se não o conhecesse aos 48 annos. Desejo que os outros façam tambem alguma cousa. Pelo amor de Deus vejam se organisam e dão vida ao partido liberal. Eu tenho uma grande ambição, e, por isso, um grande interesse, na sua manutenção. É a de poder, daqui a trez ou quatro annos, ir sumir-me numa aldeia, com a certeza de que a reacção me não irá lá buscar algum dia para me enforcar, ou queimar vivo. Se dormirem, estejam certos de que, quando eu fôr enforcado ou queimado, os outros não hão de ficar de muita saude.

Sou seu

Am.º e C.

Dezembro, 25, de 58.

Ill.mo Am.º e Snr.

Contava com ir hoje a Lisboa ; mas parece-me que não poderei. Á cautela escrevo-lhe, e escrevo-lhe porque o supponho o mais activo dos nossos am.os. A sessão, a ser no domingo,

deveria começar ás 11 para haver tempo de approvar os estatutos e eleger a directoria. Convinha que, na discussão dos artigos, a havê-la, falassem Mendes Leal, Antonio de Sá, Marreca, etc. para não cahir tudo sobre mim, que não tenho peito para isso, e, se me carregarem muito, largo a carga, álem de que, quanto mais fizerem a causa de um homem, em logar de um partido, mais força lhe tiram. Convinha que fossem á reunião grande numero de deputados. O meu am.° pode trabalhar nisto de accôrdo com o Ferrer, Marreca, Mendes Leal, etc. É preciso pedir á gente do *Futuro* que vá, porque é um jornal nosso, embora mais tibio. É necessario tambem que o Luiz d'Almeida e o Guimarães não faltem. Os estatutos devem apresentar-se assignados pelo maior numero de membros da commissão. Isso pode-se fazer lá mesmo, antes de se abrir a sessão, e dizer que os que faltaram foi por ausentes. A mesa bem vê que é indispensavel que esteja *certa,* para não succeder como na 1.ª sessão, e terem já assentado quem deve presidir, no caso de faltar o presidente. Sabe que nos começos destas cousas vai tudo e, por isso, nada mais lhe digo.

Am.° e C.

5.ª feira, 58.

Carta a Delfim Maia

Ill.mo Snr.

A carta que V. S.ª teve a bondade de me escrever para Santarem só me chegou ás mãos no proprio dia em que V. S.ª deveria talvez esperar uma resposta minha, porque me foi remettida para Lisboa, onde me achava havia 15 dias, quando a receberam na minha habitual residencia. Estas circumstancias explicam o meu silencio e como se inutilisou o trabalho que V. S.ª teve em me escrever.

Entretanto, o resultado, em relação ao fim que V. S.ª se propunha, seria o mesmo se eu houvera recebido a tempo a carta de V. S.ª. O meu proposito inabalavel de me conservar estranho ás contendas politicas do nosso país não é um capricho mulheril : é effeito de convicções adquiridas, desenvolvidas, radicadas lentamente e, por isso, profundamente.

Que lhe hei de eu fazer? Não temos as

convicções que queremos, temos as que podemos. Na *Exposição* que acampanhava a carta de V. S.ª os §§ 4, 5, 6 e 7 conteem grandes e terriveis verdades. É a primeira vez (se a memoria me não falha), que vejo passar homens diante deste novo soberano chamado o povo, e não reptis, mais reptis do que os que passavam diante do antigo soberano chamado o rei absoluto. O que me parece é que essas verdades tremendas não são toda a verdade. Não conheço os signatarios. Não me lembram esses nomes do tempo em que vivi no Porto annos das minhas mais caras saudades. Devem ser homens moços. É uma das vantagens da mocidade.

Nessa quadra da vida, o moribundo só desata os braços e deixa fugir a esperança quando, no seu leito de agonia, a morte lh'os faz pender para um e outro lado.

Ha dez ou doze annos que eu, pouco mais ou menos, dizia o mesmo que se lê naquelles §§ da *Exposição*.

Demonstrou-se então, com evidencia, que eu era um visionario. Hoje as minhas visões vão um pouco mais longe. Sinceramente peço a Deus que a demonstração de que sou hoje o que era então seja melhor confirmada pelos factos.

Esta carta é uma carta particular. Devia-a á obsequiosidade com que V. S.ª me tracta. A publica, que me pede e que não foi, nunca a escreveria. Para quê? A verdade, que nada remedeia, deixá-la estar no seu poço.

Demais tenho eu cedido ao impulso de momento, ás exuberancias do coração ou do espirito: demais tenho sacrificado a minha grande ambição do esquecimento a certa fraquesa de uma indole que alguem suppõe forte e energica porque, neste país, a craveira por onde se medem os caracteres é excessivamente baixa.

Fora da politica, disponha V. S.ª da sincera vontade de quem é

De V. S.ª, venerador,

Carta
ao «Jornal do Commercio»

Meu amigo. — Peço-lhe o favor de mandar publicar o seguinte no *Jornal do Commercio:*

A reforma da ordem de Santiago tem trasido discussões á imprensa em que o meu nome, dizem, tem figurado. Não houve nisso motivo, até aqui, para eu romper o longo silencio que tenho guardado, que espero continuar a guardar ácerca das questões litterarias. Agora, porém, acabam de mostrar-me um numero recente de um jornal de Lisboa, onde se argumenta com o acceitar eu outrora a commenda da Torre e Espada, e regeitar agora a grã-cruz de Santiago, para se provar, creio eu, com a minha auctoridade, que o diploma relativo áquella reforma é illegal. Tenho pouco peso para servir de projectil na lucta das facções, a que sou estranho, e entendo que, pertencendo a todos avaliar os meus actos publicos, só a mim, e a mais ninguem, pertence expôr os

motivos determinantes delles. São impertinentes estas questões de fitas ; mas é obvio que, desde que ao meu proceder se attribuem intenções politicas, eu, que não tenho essas que me attribuem, nem tenho nenhumas, sou obrigado a explicar-me.

O argumento que se deduziu dos meus actos é mau de dous modos : 1.° por inutil, visto que a pouca regularidade daquelle diploma resulta do seu proprio contexto ; 2.° porque, álem de dar á minha opinião uma auctoridade que ella não tem, pecca pela base, suppondo que acceitei a commenda da Torre e Espada.

Acudo neste ponto por mim, porque é uma inexacção que contraría os meus intuitos e que me parece tempo de rectificar.

Pertenço pelo berço a uma classe obscura e modesta : quero morrer onde nasci. Ha nisto uma grande ambição solapada. No immenso consumo que se está fazendo, que se tem feito ha trinta annos, de distincções, de fitas, de insignias, de fardas bordadas, de titulos, de graduações, de tractamentos, de rotulos nobiliarios, o homem do povo que queira e possa morrer com esta classificação deve adquirir em menos de meio seculo extrema celebridade. No Baixo-Imperio, quando a sociedade romana cahia ao contacto dos barbaros, esphacelada pela

podridão interna, chegaram a nobilitar á força os cidadãos mais obscuros, arrolando-os nos collegios dos curiaes. Esta boa terra promette que ha de chegar lá.

Não sou commendador da Torre e Espada.

El-Rei o Senhor D. Pedro V, que Deus tem comsigo, procurou-me um dia para me pedir, dizia elle, um favor. Era o de acceitar a commenda da Torre e Espada. Recusei, e com a sinceridade que elle sempre encontrou em mim, expuz-lhe amplamente os motivos da minha recusa. Aquelle grande espirito, complexo de extrema doçura, de alta comprehensão, e de profundo sentir, debateu, sem se irritar, as ponderações, talvez demasiado rudes, que lhe fiz. Concluiu por me dizer que cada um de nós podia proceder naquelle assumpto em harmonia com as proprias convicções. Que elle cumpria o que reputava um dever de rei, e que fizesse eu o que a consciencia me dictasse.

Como os outros homens, os reis, embora se chamem D. Pedro V, estão sugeitos a apreciarem mal as pessoas e as cousas. Nem eu valia o que elle suppunha, nem a commenda valia nada.

O que valia muito, apesar do seu innocente erro, era esse moço de vinte e quatro annos,

esse filho de D. João I, D. Duarte extraviado no seculo XIX, vindo pedir, como favor, ao filho do povo que lhe acceitasse uma mercê, porque entendia que o dever a isso o obrigava.

Se a Providencia reserva no segredo dos seus decretos redempção e renovamento para este país, será porque elle ainda soube achar em si lagrimas caudaes e sinceras para verter sobre o athaúde daquelle martyr.

O decreto da commenda appareceu. Tenho idéa de que nesse tempo me injuriaram por ter *arranjado* uma commenda. Como era apenas uma calumnia e não diziam bem de mim, calei-me.

Sem as circumstancias que haviam precedido o facto, eu teria publicamente recusado, tomando a liberdade de fazer sobre isso algumas considerações mansas ao ministro responsavel. Podia, porém, fazê-lo, dadas essas circumstancias? Que o digam os homens capazes de affectos grandes e de generoso pensar. Limitei-me á abstenção e ao silencio. Mandaram-me da secretaría um papel em que me annunciavam aquella grande novidade da commenda. Não respondi. Creio que me apearam por contumaz. O que é certo é que nunca ouvi falar em tal.

Deixo de parte a historia da recusa do pa-

riato. Acceito como proprias as razões que para essa recusa me attribue o jornal. A serie completa dellas era longa : tenho preguiça de a tecer. Contento-me com rectificar um leve engano do mesmo jornal. A constituição da camara dos pares não a acho pouco boa ; acho-a pessima. Se o jornal tivesse dicto que eu a achava destestavel, não curava da rectificação. Carregava com essa tremenda responsabilidade.

Veio depois a gran-cruz de Santiago. Fiz o mesmo que fizera a respeito da commenda. Nem mais, nem menos. Tinha motivos para crer que a iniciativa da mercê vinha de El-Rei. Procedi, nessa hypothese, do mesmo modo que procedera para com El-Rei D. Pedro. Podia S. M., como chefe do executivo, entender que eu devia acceitá-la. Venerando, como todos os homens de bem, a sancta memoria de seu irmão, ha de achar que, não tendo eu feito ao fallecido monarcha o sacrificio das minhas convicções, seria vilmente ingrato se o fizesse a elle. Se a tormentosa situação de chefe de Estado obrigar El-Rei a condemnar o meu procedimento, resigno-me a isso. Prefiro o seu desagrado como Rei ao seu despreso como homem. Deus queira que isto não seja ainda outra pretensão de vir a ser raridade!

Já se vê, pois, que não foi o terror da intervenção da côrte papal do tempo de Julio III nos negocios temporaes de Portugal de hoje, nem a forma menos regular por que se fez uma cousa que ha de vir a ser prostituida, como se prostitue tudo aqui, que me obrigaram a evitar uma distincção, que talvez se tivesse tornado menos nociva se, como os venenos activos, se houvera espalhado e diluido mais.

Faz rir este horror a uma bulla de Julio III. Ha quinze annos que vejo os homens publicos das diversas parcialidades acharem acceitaveis outras bullas mais damninhas, e mais recentes trez seculos; ha quinze annos que vejo dar exemplos inauditos de subserviencia ás pretensões mais audazes da curia romana; ha quinze annos que vejo trahir sem pudor as tradições antigas e o nosso direito publico, para contentar Roma, a insaciavel. Affiz-me a ouvir romper d'entre as fileiras liberaes applausos phreneticos a doutrinas que Gregorio VII e Innocencio III não repudiaram. Vi vender, não sei por que preço de concessões pueris, o nosso padroado do oriente, com o pretexto de manter a paz das reliquas delle que a Propaganda nos deixava, e a Propaganda ahi está, na hora em que escrevo, provando ao mundo, como eu o prophetisara, quão refalsadas eram

as promessas que fazia aos que trahiam a gloria do passado e o interesse do futuro para a lisongear. Vi a calumnia de fabrica romana cuspida sobre um homem innocente, que era rei desta terra, e não vi o desaggravo, que devia ser daquelles que deixam longo rasto na historia. Nestes quinze annos, no meio das saturnaes reaccionarias, se alguma vez temi pelo país, nunca temi por mim. A reacção não pode arrancar-me as veneras, nem despir-me a farda bordada. Não me derriba ; porque ha trinta annos que cá estou no chão. A boas horas havia eu de ter agora mêdo do papa Julio defuncto e dos seus defunctos cardeaes!

De certo que o recente diploma ácerca da ordem de Santiago não revela grande desembaraço no meneio das formulas do governo representativo. Mau é isso, mas o vicio está mais na expressão que na idéa, na forma que na substancia. Em todo o caso, parece-me que por agora não periclitará a liberdade. Pela minha parte, prefiro esse erro de intelligencia do ministro, a que elle pozesse em almoeda as distincções honorificas para fazer alguma alameda nalgum largo da capital. É permittido não crer nessas cousas ; mas é torpe abusar, e abusar sem disfarce dellas, quando o país e o

rei que as mantém, bem ou mal, como instituições publicas, havendo-as confiado com o poder á lealdade de alguns homens, lhes impuzeram virtualmente o dever de as respeitar.

Em conclusão: E' escusado dar ao meu procedimento uma significação que elle não tem. Não fiz acto de opposição; não tive mêdo do papa Julio; não vejo em imminente risco a liberdade. Nem o governo me incommoda, nem a sua queda me ha de fazer chorar. Creio que isto é ser indifferente á sorte do país; é ser mau cidadão. Pois deixem-me ser mau cidadão. Ha tantos bons que suspiram por immolar-se a elle, ou se estão sacrificando actualmente á sua ventura, que, nessa via lactea de Codros, não faz de certo falta este filho degenerado da patria.

Carta
a monsenhor Pinto de Campos

Ill.^mo^ Am.^o^ e Snr.

Começo por agradecer as novas provas que recebi da sua boa amisade e, sobretudo, o retrato de V. S.ª, que guardo juncto com outro mais antigo que eu tinha.

As transformações do espirito de uma a outra epocha da vida, resultam da comparação dellas ainda melhor do que das modificações physicas que trás o correr dos annos. Entre uma e outra ha uma longa historia de estudos, de meditações, de vigilias. Poucos leem historias destas. O vulgo diz: *como está mudado!* Gasta o seu peculio de admiração na capa do livro.

Não tenho escripto por muitas razões. A primeira é que V. S.ª me dizia, numa das suas ultimas cartas, que tinha tenção de vir breve-

mente á Europa. Podia ir a carta quando V. S.ª tivesse partido. Era uma carta inutil, e a minha repugnancia actual a pegar na penna vai até á prolixidade de evitar uma carta inutil. Depois, não tinha certeza de que V. S.ª não estivesse mal commigo, por causa das minhas opiniões ou por alguma falta involuntaria de pontualidades cortezans, em que sou fraco official, ou por alguma destas intriguinhas em que todos nós estamos sugeitos a mostrar a fraquesa humana.

No Brazil creio que ha esta molestia como aqui. Ainda quando a consciencia me não explica de nenhum modo esses resfriamentos de amisade ou da simples benevolencia, não peço explicação; respeito os affectos e a liberdade dos outros, como mantenho os proprios, e é para mim perfeitamente indifferente a categoria social ou litteraria do individuo.

No Instituto de França ha homens que me estimaram e que, sem eu sollicitar, me associaram áquella corporação illustre, e que hoje me são pouco affectos porque não pensam como eu. Não me resinto disso. Felizmente, no mundo das idéas são elles que mudaram de provincia. Desejo que lá sejam afortunados; que a viagem lhes não venha um dia inquietar o tumulo. Eu fiquei e fico.

Agradeço o sermão que recebi opportunamente. V. S.ª espanta-se de que eu nada escrevesse a respeito da morte de D. Pedro V. Não creia V. S.ª na profundidade da afflicção do pai que pode escrever sobre o tumulo do filho. Se eu tivesse um filho e me morresse, não me custava mais a morte delle do que me custou a daquelle pobre rapaz. Era commigo, aqui, neste mesmo humilde aposento onde escrevo a V. S.ª, que aquelle martyr, que esta terra nem comprehendia nem merecia, vinha muitas vezes buscar lenitivo, e onde muitas vezes o não encontrava, porque nem sempre podia esconder-lhe que o meu desalento ácerca do futuro era mais profundo que o delle. Era uma amisade desinteressada, como nunca teve rei nenhum, como nunca ninguem achou em rei. Se este seculo pode produzir sanctos, elle era-o. A minha affeição por D. Pedro começava a degenerar em paixão, e eu a perceber como se pode ser fanatico. Desconfio de que, se continuasse a viver, chegaria a fazer de mim o que quisesse. Felizmente, aquella alma pura, aquella grande intelligencia não podia querer senão o justo e honesto; infelizmente, Deus não quis que esta ultima luz de esperança allumiasse os horisontes de uma nação condemnada a morrer. Era uma especie de pros-

tituição dizer em um livro o que eu sinto a respeito delle. Não se alinham phrases a semelhante proposito. D. Pedro é para mim uma daquellas recordações que se levam até o tumulo, e que ahi se escondem, como o perfeito avaro leva o seu ouro e o enterra num logar solitario.

Fez-me commendador da Torre e Espada, cousa que se dá a poucos; não lh'o acceitei. Deu-me um retrato seu e o *Ancien Régime*, de Tocqueville, annotado por elle: acceitei-os e guardo-os. São cousas pequenas que me cabem na cova; hão de lá ir commigo. Meu amigo, acabo aqui, porque não posso mais, nem o papel consente.

Lisboa, 2 de junho de 1862.

Amigo e criado.

CARTAS A OLIVEIRA MARTINS

Ill.^mo Snr.

Val-de-Lobos (Santarem) 10 de dezembro, 1870.

Em Lisboa, onde uma das manifestações do caruncho dos 60 annos me obrigou a residir mez e meio, no uso de banhos do mar, recebi a sua carta, que me remetteram daqui. Quis responder logo, correspondendo assim á fineza de se lembrar de mim na terra estrangeira; mas sabe o que é a vida de Lisboa quando não fazemos della deserto, sumindo-nos numa agua-furtada. Não pude. Quando cheguei a Val-de-Lobos começava a colheita da azeitona, que este anno é extraordinaria. É negocio que exige do lavrador muitas attenções e cuidados. Occupado principalmente com isto, não só a resposta á sua carta, mas outras obrigações não cumpridas, foram-se adiando para os serões de ao pé do lume, nas longas e frias noites de inverno. Chegaram; e o dever de uma resposta

a V. S.ª é um dos primeiros que cumpro gostoso.

Pede-me V. S.ª a minha opinião sobre uns artigos seus, escriptos no jornal *A Republica*, ácerca da monarchia constitucional. Li-os, apesar de ler hoje pouquissimo. Li-os porque eram bem escriptos, como o eram, em geral, todos os que appareceram naquelle ephemero periodico, justamente ephemero porque redigido com elevação e seriedade (cousas absurdas neste país), embora contivesse doutrinas, no meu modo de ver, erradas. Não foi uma leitura reflectida; não posso repeti-la agora, porque emprestei os folhetos e ainda não m'os restituiram. Accresce a minha progressiva incompetencia em assumptos politicos, desde que penso mais nos problemas de agricultura do que nos do organismo social. A reminiscencia, porém, que conservo da impressão que me fizeram os seus artigos é que, no meio de muitas observações e apreciações novas e exactas que encerravam, peccavam não raro pelo que peccam muitos escriptos do nosso tempo: pelo *cum hoc, ergo propter hoc*. Este sophisma, a maior parte das vezes involuntario, e a confusão da rhetorica com a dialetica, da metaphora com o syllogismo, parece-me serem os dous vicios que hoje mais transviam

os entendimentos. O ultimo, sobretudo, é inevitavel nas epochas de discussão oral, como a nossa, em que tantas vezes é necessario conciliar a opinião das maiorias. E' mais facil commover e deslumbrar os espiritos vulgares do que convencê-los. Em geral, nas questões publicas, as paixões são auxilios mais efficazes, para obter os fins, do que o raciocinio.

V. S.ª reconhece que este país encerra um povo exhausto de seiva moral. Não o perdeu a liberdade: vinha perdido do passado, e acabaram de o perder certas influencias francesas de diversas especies, que não sei se são democraticas, mas que de certo não são liberaes. A liberdade o que fez foi descobrir o que, em parte, os parches do absolutismo tapavam. Diante dos recentes desenganos de V. S.ª cai por terra a sua sentença condemnatoria ou, pelo menos, é lícito interpôr della recurso de revista. O mal está antes no país do que nas instituições. Dou-lhe quatro países, comparativamente pouco importantes, como o nosso, e constitucionaes: a Belgica, a Hollanda, a Dinamarca e a Suecia. Aponte-me um dos maus resultados practicos, attribuidos em Portugal ás instituições representativas, que se dê ao mesmo tempo em todas aquellas quatro nações.

Se não o encontrar, é obvio que esses maus resultados não derivam das instituições. Podem ellas facilitá-los; mas a sua causa verdadeira está forçosamente noutra parte.

Se me diz que o systema constitucional é por ora incompleto, contradictorio, ás vezes absurdo, convenho; se me affirma que entre as diversas nações que o adoptaram, e, sobretudo, entre nós, a desenvolução dos seus principios não está ainda em completa harmonia com as condições de um verdadeiro progresso social, confesso-o. Digo mais: parece-me que ha uma revolução inteira a fazer no seio das sociedades que poderem supportá-lo contra o *morbo gaulês* da centralisação, que mata hoje a França e ha de matar tudo o que tiver invadido. Ora, nesta revolução pacifica, ou que, ao menos, pode ser pacifica, eu não sei que proveito hei de tirar da democracia e da republica, até porque o tal *morbo* veio em grande parte dellas. A critica das leis organicas dos países constitucionaes, embora severa, é justa e necessaria. Ha muito e muito que reformar. Mas parece-me que a historia não nos auctorisa a exigir do liberalismo que conclua dentro de meio seculo uma dessas grandes transformações, em realisar e completar as quaes a parte civilisada do genero humano tem consumido,

em diversas epochas, seculos e seculos. A exigencia affigura-se-me iniqua e de quem tem pressa de mais.

Entre os homens novos parece-me que está em moda tractar, ora com desdem excessivo, ora com demasiada colera, o liberalismo ; e o jornal adoecia dessa enfermidade. Não creio que lhes sobrem boas razões para isso : para nos reputarem gente tão somenos, a nós, os velhos liberaes. Cumpria-lhes serem mais justos, ou, se quiserem, mais agradecidos. Pelo menos, um pequeno serviço nos deve, em Portugal, a geração nova. Foi o proporcionar-lhe, á custa de torrentes de sangue, nosso e alheio, a faculdade de evangelisarem o republicanismo e a democracia, sem perigo de lhes escapar a cabeça de cima dos hombros, ou sequer de lhes adejar em volta do leito do repouso o mêdo dos tyrannos. Deviam desconfiar de que isto de soffrer resignado o desterro, as tempestades, a fome, os vermes, a nudez, os supplicios, a morte pela liberdade, direito eterno, fonte de todos os direitos, condição impreterivel do homem que é homem, presuppõem um pouco mais de fé e de energia do que as necessarias para derramar tincta sobre o papel e proclamar como remedio dos males publicos umas cousas que ahi andavam empoeiradas no

fundo dos gavetões da historia e que o liberalismo português lá deixou ficar, porque se persuadiu de que o progresso não consistia em remoçar velharias peregrinas, embrulhando-as em phrases vistosas de novo vocabulario, nem em enxerir no seu symbolo doutrinas póstas mais de uma vez á prova, e que tão má conta haviam dado de si nos logares e nos curtos periodos em que dominaram.

Eu, meu caro democrata e republicano, nunca fui muito para as idéas que mais voga tem hoje entre os moços e que provavelmente virão a predominar por algum tempo no seculo XX, predominio que não as tornará nem peiores, nem melhores do que são. A liberdade humana, sei o que é : uma verdade de consciencia, como Deus. Por ella chego facilmente ao Direito absoluto ; por ella sei apreciar as instituições sociaes. Sei que a esphera dos meus actos livres só tem por limites naturaes a esphera dos actos livres dos outros, e por limites ficticios restricções a que me convem submetter-me para a sociedade existir e para eu achar nella a garantia do exercicio das minhas outras liberdades. Todas as instituições que não respeitarem estas idéas, serão, pelo menos, viciosas. Absolutamente falando, o complexo das questões sociaes e

politicas contém-se na questão da liberdade individual. Por mais remotas que pareçam, lá vão filiar-se. Mantenham-me esta, que pouco me incommoda que outrem se assente num throno, numa poltrona ou numa tripeça. Que as leis se affiram pelos principios eternos do bom e do justo, e não perguntarei se estão accordes, ou não, com a vontade de maiorias ignaras.

Já vê, pois, que, para mim, o homem que, obedecendo aos seus irresistiveis instinctos de sociabilidade, se acha convertido em cidadão, é, ao mesmo tempo, origem e fim da sociedade ; que, além dos seus direitos, tudo o mais é facto accidental, discutivel, mudavel. Dogmas, só o são os direitos que estão na consciencia de todos, e que, portanto, são de fé. Tudo o mais é disciplinar. É a distincção entre o dogma e a disciplina do catholicismo primitivo, reproduzindo-se na sociedade temporal.

Para quem tem estas crenças, a questão das monarchias e das republicas é uma questão secundaria. Se entende que a monarchia corresponde melhor aos fins, prefere-a ; prefere a republica, se entende o contrario. Tão illegitimo acha o *direito divino* da soberania régia, como o *direito divino* da soberania popular.

Para elle a soberania não é direito: é facto — facto impreterivel para a realisação da lei psychologica, e até physiologica, da sociabilidade, mas, em rigor, negação, porque restricção, nos seus effeitos, do direito absoluto, e cujas condições são, portanto, determinadas só por motivos de conveniencia practica e dentro dos limites precisos da necessidade. Fora disto, toda a soberania é illegitima e monstruosa. Que a tyrannia de dez milhões se exerça sobre um individuo, que a de um individuo se exerça sobre dez milhões delles, é sempre a tyrannia, é sempre uma cousa abominavel.

As idéas democratico-republicanas tendem, pela sua indole, a apoucar o individuo e a engrandecer a sociedade, se é que eu as comprehendo. É por isto que, nas trevas do seu pensar, a democracia extende constantemente os braços para o phantasma irrealisavel da igualdade social entre os homens, blasphemando da natureza que, impassivel, os vai eternamente gerando physica e intellectualmente desiguaes. É por isto que ella acreditou ter feito uma religião séria desse phantasma, quando o que realmente fez foi inventar a idolatria do algarismo; e, cobrindo com capa de purpura a mais ruim das paixões, a inveja, enfeitou-a com um vago hellenismo, cuja defi-

nição, seja qual fôr, nunca resistirá a uma severa analyse.

Tenho lido muitas vezes a palavra *democracia;* tenho-a ouvido proferir outras tantas. O que nunca li, nem ouvi, foi uma definição precisa e rigorosa della. Não falo, já se vê, da definição philologica do diccionario.

A mais avantajada idéa que faço de uma republica democratica é a que me subministram, depois de uma communidade de franciscanos (não creia que motejo), os Estados Unidos da America. Mas a minha intelligencia amotina-se contra a conversão do homem em molecula. Repugna-me vê-lo apoucado, quasi annullado, diante da sociedade, e esta, pessoa moral, individuo collectivo, artificial, subrogando-se ao individuo real. Resume-se nisto a indole da grande republica americana. Nas democracias, a igualdade fabrica-se mergulhando-se as cabeças que se elevam e fluctuam acima das vagas populares, na torrente das vontades irreflexivas e inconscientes que se precipitam para o imprevisto só porque as paixões as arrastam. E este mergulhar é eterno, porque a realidade, a verdade natural, protesta eternamente contra elle.

Além disso, morro sem acreditar que as instituições democratico-republicanas convenham

á velha Europa, sobretudo a estas sociedades meio-romanas, meio germanicas na indole, e celto-romanas na raça, que estanceiam ao occidente. Digo mais : duvido de que convenham á America meridional, á America da gente latina. Explicam muitos a opulencia, o poder, a actividade immensa dos Yankees pelas suas instituições democraticas, comparando os Estados-Unidos com o Brazil, país monarchico-representativo. A historia e os factos extra-historicos encarregam-se de explicar isso de outro modo. Servem ao intento a origem das raças, a natureza do clima, a fertilidade e immensidão do territorio. É a mesma illusão do *cum hoc, ergo propter hoc,* que ha, em sentido inverso, quando se apreciam as instituições simplesmente liberaes. Mas quando assim fosse, quando a grandeza dos Estados-Unidos fosse indubitavelmente resultado do seu organismo politico, ainda a avaliação comparada dos effeitos deste com os effeitos do liberalismo no Brazil daria conclusões falsas, porque nem os elementos do calculo seriam completos nem a formula adequada. Em vez de uma simples comparação, deveria fazer-se uma equação : Distarão mais os progressos do Brazil dos da América do Norte, do que distaram os de Portugal nos começos deste seculo dos da

Inglaterra nos fins do passado? Talvez a resposta a esta pergunta fizesse pender a balança entre as duas nações americanas a favor da mais atrazada. Depois, porque se mostram inefficazes as instituições republicanas nos estados de origem espanhola? É que a Hespanha, na epocha em que as suas colonias se emanciparam, não valia, em relação ao progresso, mais do que Portugal.

Na historia, o que, geralmente falando, constitue a principal feição do republicanismo democratico é o servir de prologo ao cesarismo. Os Estados-Unidos e a Suissa são a excepção. Se o organismo da grande republica americana não teve ainda tempo de fazer a sua demonstração de solidez, porque 80 ou 100 annos são breve periodo na vida das nações, a da confederação helvetica é já sufficiente, e acceitarei como provada a dos Estados-Unidos. Mas não estará a explicação destas excepções nalgum facto, menos apparente e quasi esquecido, que se désse nas origens destas duas sociedades e que excepcionalmente radicasse nas respectivas populações a indole, as convicções, os habitos e, direi até, as preoccupações e o fanatismo democratico? Eu creio que sim, e que esse facto não é difficil de achar. São na essencia o mesmo o calvinismo e o purita-

nismo, e o calvinismo penetrou tão profundamente na vida moral dos suissos, como o puritanismo nas antigas colonias inglesas emancipadas. Mas o calvinismo e o puritanismo que são, senão a democracia republicana na sociedade espiritual? A vida politica das duas sociedades foi, digamos assim, uma prolação da sua vida moral. Quando as instituições e as idéas politicas de um povo derivam das suas crenças e instituições religosas, a manutenção tenaz das primeiras nada tem de extraordinario.

São justamente considerações desta ordem que vem fortificar a minha persuasão de que, independentes do seu merito, ou demerito absoluto, a democracia repugna ás nações occidentaes da Europa, educadas pelo catholicismo que, na pureza da sua indole, é o typo da monarchia representativa. Seria preciso ignorar a immensa influencia que as religiões tem no desenvolvimento intellectual e moral das grandes familias humanas, na formação lenta da sua indole particular, para não perceber quão difficil é dar um caracter, não só novo, mas até opposto, ao seu organismo social e politico.

Chegava aqui, quando me recordei de que escrevia uma carta e não um livro. Parei e reli o que estava escripto. Deu-me vontade de rir.

Um lavrador dos *bairros* de Santarem a discutir assumptos de tal ordem rasteja pelo ridiculo. Houve tempos em que eu pensava nestas cousas : hoje só penso e devo pensar em questões de trigo, vinho e azeite. Os rapazes que cuidem da patria. O melhor serviço que nós, os velhos liberaes, podemos prestar a esta é sumirmo-nos por esses cantos para morrer. Se fizemos pouco e mal, as gerações novas que façam mais e melhor. Deus o queira. V. S.ª está moço, cheio de vida, e rico de intelligencia. Deixe a desesperança e o desalento para a rabugem da velhice. Se vão por aqui muitos despropositos, desculpe-os porque interessa nisso, visto que os provocou com a sua pergunta. Apesar da insignificancia desta carta, peço que a acceite como uma demonstração de estima. Toda a vida me repugnou escrever cartas. Imagine o que será agora que me repugna escrever seja o que fôr. A respeito de correspondencia epistolar, a Illiada das minhas grosserias e brutalidades nestes ultimos tempos é incrivel.

Se eu, nestas brenhas, lhe podér ser util em alguma cousa, disponha de mim.

Ill.^mo^ Am.^o^ e Snr.

Val-de-Lobos, 25 de Dezembro de 1872.

Recebi em tempo o seu livro socialista e quisera logo corrê-lo e ler aquillo que a minha velha e gasta comprehensão podesse alcançar ; mas chegou em má conjunctura, na dos começos da colheita e fabrico do azeite. Nesta faina apenas podia tirar alguns pedaços de noite para ir meditando no conteúdo do livro, quando podia traduzir em linguagem intelligivel para mim as suas phrases. O socialismo é uma especie de religião, e, como todas as religiões, tem dogmas, e os dogmas, por via de regra, pertencem ao mundo do sobre-intelligivel. Não se admire, pois, de que eu, pouco familiarisado com as profundezas da nova crença, não saiba ligar nenhuma idéa a certas proposições e phrases, em que até o valor dos termos é para mim novo e desconhecido. Não tome isto por ironia. É a pura verdade.

Tenho, por isso, lido pouco : aqui e acolá, ás furtadellas. Burguez dos quatro costados, liberal ferrenho e proprietario, ainda que pequeno, tenho todos os signaes que caracterisam a *besta* do moderno apocalypse do evangelista Proudhon ; sou tyranno do operario. Uma das nossas manias, que se manifesta de modo escandaloso neste tempo de varejo, é a de não nos deixar roubar (desculpe o termo velho, porque não me occorre outro) por aquelles pobres martyres, nem no trabalho que ajustaram dar-nos, mediante um salario livremente ajustado, nem nos fructos das arvores, que, por cega preoccupação, suppomos nossas, com o frivolo fundamento de que as comprámos ou plantámos. O grande trabalho (trabalho essencialmente improductivo), da feroz alcateia dos lavradores é, neste tempo, vigiar os ranchos, que, sem isso, dormiriam metade do dia e empregariam a outra metade em encher os embornaes de toda a azeitona que podessem levar á noite e ir vender a algum lagar, e, com o preço della, embebedarem-se e depois esfaquearem-se na taberna, para se esquecerem, para espairecerem, (infelizes victimas do capital!) da sua existencia de miseria e trabalho. Emquanto andamos com isto, não pensamos em ler. E ainda mal, que se, em vez

de cuidar nas azeitonas, estudassemos Proudhon, talvez chegassemos a entrar em melhor caminho.

Com esse pouco, porém, que tenho visto do seu livro já apanhei uma ruma de duvidas, para as quaes lhe pediria explicação se me coubesse no tempo que desbarato agora com as contas do lagar, trabalho igualmente improductivo, porque apenas se tracta de saber se é o dono ou o lagareiro que tiram maior interesse delle, questão ociosa se houvesse entre os homens verdadeira fraternidade.

Agora o que eu não quisera era deixar de responder ás perguntas da sua carta. Assim eu as entenda bem! Pergunta-me se não me parece que da successão dos factos da historia sai uma logica da historia, e que essa logica conduz a conclusões differentes das de um mero concurso de accidentes, determinado por um outro concurso atomistico de individuos. Se muitas vezes não atino com o sentido dos seus periodos é pela ignorancia em que estou dos progressos modernos. É esse o verdadeiro *quid* que V. S.ª acha dar-se entre mim e os pensadores actuaes. Eu posso lá saber o que é a logica da historia que sai da successão dos factos historicos? A logica, no meu tempo, era o complexo das leis, das regras

espontaneas conforme as quaes funcciona a intelligencia : era a formula por cujo meio se manifesta a razão no homem. Phenomeno puramente subjectivo, congenito com o individuo, e mais ou menos aperfeiçoado, na sua manifestação externa, conforme a educação de cada um, não concebo como tal phenomeno possa derivar da successão dos factos historicos. Que, applicando-se aos factos historicos, a logica nos possa ou deva levar a taes ou taes conclusões ou illacções, entende-se. É o mesmo que succede applicando-a a outra qualquer provincia do saber humano. Logica engendrada pelos factos da vida das nações ainda não havia no meu tempo. É descobrimento mais moderno.

Diz V. S.ª que a tal logica, prolação dos factos historicos, nos conduz a conclusões differentes das de um mero concurso de accidentes determinados por outro concurso atomistico de individuos. *Individuos,* provavelmente, tem aqui a significação de *pessoas; accidentes,* não sei se tem a de *acasos* se de *qualidades não necessarias*. Pessoas que, concorrendo, produzissem atomos, que estes atomos *determinassem acasos* ou qualidades *não necessarias* e, todavia, *determinadas,* e que estes acasos ou estas qualidades, concorrendo, pro-

duzissem *conclusão,* são factos que não me lembra se dessem nunca no meu tempo.

Parece-me que, reduzindo a pergunta a termos chãos, alheios á terminologia nebulosa da philosophia socialista (que seria della sem essa terminologia?), V. S.ª quer saber se, á vista das suas apreciações historicas, eu acho que a vida das sociedades não resulta dos effeitos da vontade individual, combinados com os acontecimentos fortuitos. Distingo. A vontade individual, ajudada pela superioridade da intelligencia, tem, teve e ha de ter sempre uma influencia maior ou menor, ás vezes grandissima, na vida exterior das sociedades, e até não raro na sua vida interior, na sua physiologia. Que esta influencia necessariamente é limitada pelas outras vontades intelligentes, tambem me parece obvio: que ha circumstancias independentes, tanto de qualquer vontade individual como do complexo de todas, que as limitam, parece-me indispensavel. Que estas circumstancias sejam determinadas pelo concurso das vontades individuaes, não o creio, aliás confundir-se-iam com os effeitos dellas, e o modo de ser das nações teria essa unica origem. Circumstancias taes dependem de factos anteriores, de leis physicas ou moraes, de causas, em summa, que podemos ou

não podemos conhecer. Neste ultimo caso chamamos-lhe circumstancias accidentaes, fortuitas. No mundo real não ha senão causas e effeitos. Fortuito é um adjectivo inventado para consolar a vaidade humana de ignorar a cada passo a genealogia dos factos e dos acontecimentos. Assim, eu creio que o genio militar e politico de Napoleão exerceu uma influencia enorme nas condições de existencia das sociedades actuaes da Europa ; que a vontade energica de um fidalgo russo, Rostopkéne, modificou, limitou os effeitos dessa influencia com o incendio de Moscow ; que a circumstancia *fortuita* de ser rigorosissimo o inverno de 1812 (*fortuita,* emquanto um mais cabal conhecimento das leis meteorologicas nos não vier revelar *porque* o inverno de 1812 foi tão rigoroso) completou a obra do fidalgo russo, dando cabo de um exercito de 700.000 homens, que teriam dado cabo do poder da Russia se tivessem podido invernar em Moscow ; que a destruição desse exercito explica Waterloo — Waterloo que, além dessa causa, tem a das vontades em *concurso* de Wellington, Blucher e talvez Bourmont, de Waterloo, a quéda do cesarismo, o remodelamento da carta da Europa, o estabelecimento do governo representativo. Não sei se o concurso

destas vontades foi atomistico, porque não sei se emprega este adjectivo no sentido vulgar, se no sentido philosophico de Epicuro ou de Leibnitz, ou, finalmente, na significação da chimica moderna. Se é no primeiro (o que me parece mais provavel, para apoucar o individuo diante da *humanidade),* ha de confessar que os taes individuos atomos tinham sua acção sobre as sociedades da Europa. Seriam elles já moleculas?

O meu amigo diz-me que não hei de achar no seu livro uma historia nova, mas que a questão está em que as faculdades mentaes de cada um fazem considerar de diversos modos a historia, como a conhecemos.

Diz isto, creio, por outras phrases mais profundas Accrescenta depois que estes diversos modos de ver dão o resultado das questões religiosas, em que pode haver *convertidos,* mas não *convencidos.* Aqui mesmo temos a prova de que cada individuo tem o seu modo de ver os factos e de apreciar as idéas, e que isso contribue para sermos tenazes nas nossas opiniões, verdades que supponho não as descobriram os socialistas. Aqui temos a prova, digo, porque eu estou persuadido que, a respeito de *qualquer idéa,* como de qualquer religião, o ente racional, suppondo-o honesto e

sincero, só se *converte* quando se *convence* do erro da idéa que tinha ou da falsidade da religião que seguia. O que tambem me parece é que é mais raro, incomparavelmente mais raro, haver convertidos do que convencidos. O convencimento mortifica interiormente o nosso orgulho; a conversão mortifica exteriormente a nossa vaidade. Vejo que o *ponto de vista* de V. S.ª é o contrario. O meu é, provavelmente, um desproposito.

Diz-me que não hei de achar no seu livro uma historia nova. Pois, meu amigo, antes eu a achasse, que bem precisa é. Ha talvez cem annos que se começou a pensar seriamente em fazer historia que não seja *historias*, e o edificio ainda está poucos metros acima dos alicerces. Deslumbra e estontêa o espirito o considerar os milhares de intelligencias que na Europa, na America, e até na Asia se dedicam com ardor aos estudos historicos, e os milhares de escriptos que annualmente se publicam sobre investigações desta natureza. Não ha uma nação viva que se possa gabar de possuir uma monographia propria verdadeira e completa. Não as tem sequer as mortas. A sociedade romana, que, ha um ou dous seculos, a sciencia moderna suppunha conhecer bem, era em grande parte desconhecida antes de

Niebuhr. *Niebuhr* é uma revolução, e desta mesma revolução quanto está já transformado por Mommsen! É certo que com a propagação do estudos historicos seríos começou logo a *philosophia da historia,* genero de romance impertinente em que Vico e Herder tem tido sobejos imitadores. Por que não hão de os socialistas fazer tambem os seus romances deste genero? Entretanto, parece-me que o meu amigo, com o seu talento e com os habitos de reflexão e estudo, empregaria melhor o seu tempo em fazer historia nova. Diz: *mal della se o fosse;* e eu digo-lhe: *mal della se o não fôr!* Generalisações de factos, que não se conhecem ou se conhecem imperfeitamente e incompletamente, fazem rir, e rir ainda mais quando se tomam por factos erros ás vezes bem grosseiros. Quando as monographias das nações do globo estiverem feitas, o que ha de ser daqui a alguns centos de annos, então é possivel a philosophia da historia. Até lá, romance ou comedia.

Não a philosophia da historia, que é ou, antes, ha de ser a fixação das leis geraes que, *à posteriori,* resultarem da identidade e universalidade dos factos politicos e sociaes em identidade universal de circumstancias, leis cujo conhecimento tornará a historia uma ver-

dadeira sciencia; não esta philosophia que ainda está *in fiori,* porque lhe faltam ainda os elementos; mas uma outra, que é a que tem resultado do estudo da indole, tendencias, paixões, etc., dos homens, pode e deve applicar-se á historia quando temos de inferir de factos e circumstancias, conhecidas e *provadas,* factos e circumstancias ácerca das quaes nos faltam monumentos directos e seguros. Fora disto, philosophias historicas, pura conversa!

Tenha paciencia, meu amigo, visto que me faz perguntas, perguntas sobre questões altissimas a um pobre lavrador d'azeite! Soffra-lhe as tolices abrutadas. Ha na primeira pergunta da sua carta um triumphante e decisivo *finalmente,* que me atemorisou e me fez a principio crer que, tendo labutado 25 annos com trabalhos historicos, nada tirara disso senão cahir numa esparrela de conclusões erroneas, de que a theoria socialista vinha desembaraçar-me, *afinal.* Nesses 25 annos (e creia que durante elles trabalhei deveras) pude estudar seriamente apenas uma epocha da historia do meu país, e ainda assim ficaram-me obscuras mais de uma face do polyedro social. Mas as conclusões que tirei dos meus estudos nunca tiveram por alvo o determinar as evoluções passadas,

presentes e futuras das sociedades maiores e menores, constituidas pelo genero humano nas diversas partes do globo. O unico intuito do que escrevi foi deixar ás gerações futuras em Portugal alguns meios para uma cousa que me parece hão de algum dia tentar fazer, isto é, tornar as instituições mais harmonicas, mais consequentes com as tradições e indole desta familia portuguesa, a quem V. S.ª nega individualidade propria e que, todavia, já no seculo XII chamava com malevolo desdem, estrangeiros aos hespanhoes. A minha crença é que, por esse meio, nós chegaremos a tornar a liberdade verdadeira e real, o que não temos obtido com imitações bastardas de instituições e até de utopias peregrinas. Já vê que não tenho de abrir *finalmente* os olhos para ver a luz que derrama ante mim a theoria do socialismo. Não pégo no facho, porque nada tenho de procurar com elle.

Mas permitta-me que duvide de que o tal facho allumie cousa nenhuma. O socialismo, desde que fabricou a humanidade, cujos atomos moleculares eu e V. S.ª com toda a gente nossa conhecida e não conhecida temos a honra de ser, tractou esta abstracção da antiga sciencia, que se chama o genero humano, com um desprezo por tal modo iniquo que não nos

dá esperanças de que o reinado do socialismo seja o reinado de Astréa. Buscando as leis geraes e absolutas que regem a evolução social de M.me Humanidade, o socialismo vai-se á historia dos povos que tem habitado e habitam uma pequena parte do mundo chamada a Europa, e, respigando, aqui e alli, factos bem ou mal averiguados, instituições bem ou mal estudadas, doutrinas bem ou mal comprehendidas, adjectiva-as ao seu idealismo, e acha assim a tal logica que sai da successão dos factos e que é a logica da historia. Arranja a sua igrejinha, como se arranjariam dez igrejinhas differentes ou contrarias, com as memorias passadas, exactas ou inexactas, de 80 ou 100 milhões d'homens e com uma nesga do mappa-mundi. E 300 milhões de Chins e 200 milhões de Hindus, que representam civilisações antiquissimas e ainda subsistentes? E as civilisações extinctas de Assirios e Egypcios e Persas e Tolteques, etc.? E os Japões e os Birmans e Malaios e Ethiopes? Por todo esse vasto mundo e atravez desses milhares de annos esquecidos não houve successão de factos? Ou foram factos maninhos, cuja successão não faria logica da historia? O meu amigo diz-nos (p. 82) que a civilisação é o ideal (eu diria que é a tendencia dos homens para o ideal

posta em acção) e que o ideal é a concreção synthetica (?) de *todas* as realidades; (não creio que o ideal seja isto; mas supponhamo-lo). Segue-se que, sendo o mechanismo social a manifestação mais importante da civilisação, que é o ideal, e sendo o ideal o conjuncto coordenado (não sei se entendo bem a *concreção synthetica)* de *todas* as realidades, como é que lhe revelam a realisação desta parte do ideal, ou, antes, do ideal visto por esta parte, os factos de ethnologia e da historia... farrapos da historia de um cantinho do mundo?

De farrapos vai tambem esta carta, escripta interrompidamente, no meio das contas do azeite e dos arranjos de sufficiente porção de agua-pé, para metter no buxo a uns onze victimas que já trago na póda e escava, e que preferem, sem excepção e sem hesitação, (pobres martyres do capital!) a canada de agua-pé a 20 por cento de augmento de salario, o que nós, os tyrannos, com infernal astucia, tambem preferimos porque nos sai mais barato.

O desalinho que, relendo juncto o que tenho escripto, encontro nas idéas e na phrase é o resultado da mistura sacrilega, feita num cerebro velho, da Immanencia com um sacco de trigo, da fraternidade com uma bacellada, do

credito gratuito com um transporte de estrumes. Por força a cousa havia de sahir assim.

O que é certo é que me acho na quarta folha de papel, e eu, que contava responder integralmente ás perguntas da sua carta, nem sequer respondo completamente á primeira, quanto mais extender-lhe diante o sudario não sei de quantas dezenas de duvidas que queria propôrlhe para me esclarecer.

Fique, pois, a cousa por aqui hoje. Não faltará occasião para o resto, sobretudo em passando esta maior força dos trabalhos ruraes, em que é preciso traser d'olho as victimas do capital, aliás dá o lavrador em vasa barris. O socialismo tem-se esquecido um pouco de ver as contas deste maximo grupo dos tyrannos, chamado dos agricultores. Se as examinasse, talvez achasse mais vezes o lobo pelado pela ovelha, do que a ovelha tosquiada pelo lobo.

Fecho esta tambem porque a minha Eva quer ir passar alguns dias de festa com a familia, e não ha remedio senão acompanhá-la a Lisboa.

Voltarei em breve, por me não ser possivel demorar-me muito.

De V. S.ª amigo e C.

Ill.mo Am.° e Snr.

Novembro 73.

Recebi em Lisboa o seu livro, pouco antes de recolher a Val-de-Lobos, e, com elle, a sua carta. Agradeço cordialmente esta e aquelle. Sinto só não poder satisfazer aos desejos que me manifesta de que, tomando para mim hypotheticamente os seus principios, examine se as doutrinas que applica ás questões sociaes do nosso país derivam legitimamente delles. O meu amigo, se reflectir, ha de ver que me pede nada menos que o estudo das theorias socialistas na sua applicação a um determinado país, applicação harmonica com a theoria, isto é, deduzida logica e severamente de certos postulados, sem examinar se factos indestructiveis, independentes do alvedrio humano, derivados uns da natureza physica, outros da indole do homem, outros resultado impreterivel da vida civil, para a qual o genero humano é fatalmente arrastado, não só psycolo-

gicamente mas tambem physiologicamente, repugnam a essas doutrinas e, por consequencia, aos principios ou postulados de que ellas derivam, e tanto mais quanto mais rigorosamente delles derivarem. O liberalismo começa por negar o methodo scientifico do socialismo, a synthese antes da analyse, a concepção ideal, que nas sciencias practicas e, sobretudo, nas sociaes, é sempre uma abstracção *(abs traho)*, uma generalisação, uma não realidade. As questões de physiologia social são para o liberalismo materia de observação, existem, tractam-se no positivo, no real. O liberalismo, que o meu amigo olha com tanto desamor, com tão profunda compaixão, peccou sempre por incredulo: oraculo por oraculo, dogma por dogma, prefere os do evangelho aos dos idealistas allemães, ao menos emquanto elles não acabarem de mutuamente se refutar. Se nós lhes acceitassemos o seu methodo, teriamos de lhes acceitar os principios, ou outros tão ideaes, tão gratuitos, e que do mesmo modo viriam esbarrar contra os factos apreciados por severa e minuciosa analyse. Preferimos conhecer estes bem, e evitar assim empregar a imaginação em fazer romances que tenham por assumpto o mechanismo das sociedades.

Isto, meu amigo, é grosseiro e brutal, quasi;

mas que quer que lhe faça o liberalismo? E' o leite com que o crearam. Já agora os velhos liberaes morrem sem chegar a comprehender que o incompleto, o imperfeito, o vicioso, das instituições civis e do viver civil hão de achar remedio na contradicção, na formula

These — Sim
Antithese — Não
Synthese — Sim e Não.

O seu novo livro, com a amigavel franqueza com que sempre o tenho tractado e de que me absteria se cresse que della se offendia, é muito mais claro que o primogenito, porque rasteja mais por este mundo sublunar. Mas duvido de que isso seja um merecimento no interesse socialista. Approxima aqui mais as doutrinas da sua eschola aos factos actuaes, mas parece-me que muitas vezes os vê mal, porque não os considera por todas as suas faces. Suspeito que se o fizesse, a inanidade da doutrina socialista lhe havia de apparecer na applicação. Exemplifiquemos ao acaso. O meu amigo quer (p. 285) imposto proporcional ao valor dos terrenos incultos (particulares) e venda desses terrenos (por conta do estado) se o proprietario se negasse ao imposto. Hoje os

terrenos incultos estão sugeitos ao imposto, visto que tem um valor. São avaliados para a repartição com os cultivados da mesma propriedade, e o proprietario pode tanto recusar a parte da sua verba afferente ao inculto como a afferente ao cultivado. Mas supponhamos que era assim. Vendia-se o inculto e havia compradores (!) Qual era a consequencia? No Minho, vendidos os *bravios,* esterilisavam-se os campos, e os *caseiros* (verdadeiros colonos proletarios) morriam de fome, ao passo que, no Alemtejo, as terras lavradias ficariam por mais de metade em pousio por falta de gado para as lavrar, visto que a maior parte desse gado se mantem nos baldios. Depois, quem comprava em lotes essas vastas charnecas? Os Minhotos expulsos pela fome? Mas essa solução é a *horrivel* resposta dos conservadores liberaes, resposta *immoral* que o meu amigo condemna a p. 261. Tanto é exilio para o proletario do Minho ser enxotado para o Alemtejo, como para o proletario da Europa ter de emigrar para a America. Desconfio, porém, que a *immoralidade* da resposta não seja tão grande como parece, que Bastiat não fosse precisamente Mephistopheles quando se ria da objecção preventiva de Simith. Quem sabe se os milhares de portugueses que annualmente

buscam de livre vontade as provincias brazileiras e as centenas de milhares de individuos das outras nacionalidades europeas que trocam a Europa pela America e pela Oceania, são da minha opinião? Que é a historia do accrescimo do genero humano, senão um tecido dos taes exilios, das migrações successivas? Estava capaz de apostar com o meu amigo que a tal resposta immoral dos liberalotes é que não tem tréplica séria.

Estavam-me a saltar dos bicos da penna algumas observações ácerca da questão da renda de que o meu amigo tracta no seu livro, e, sobretudo, a respeito do que diz relativamente ao imposto em Portugal. Tinha direito a pedir-lhe que nos désse as regras para desaggregarmos a renda (?) do rendimento com equidade. Figurar uma propriedade á borda de uma estrada e outra que não está a distancia nenhuma de nenhuma estrada, é facil. Accrescentando mais alguns calculos sobre as bases *solidas* das estatisticas de Rebello, aos que o meu amigo faz, sommando capitaes com rendimento bruto e tomando o rendimento bruto como rendimento liquido dos individuos, havia, creio eu, de lhe provar que damos ao estado mais de um terço talvez do nosso rendimento e que vivemos todos a pão e agua. Mas

esta carta vai já demasiado comprida para entrarmos nesses debuxos.

Cada vez me convenço mais da utilidade do socialismo como crítica e da sua inutilidade como theoria constituinte. Acho o communismo mais atroz, mas incomparavelmente mais logico. Disponha do

Seu amigo e cr.°

Val-de-Lobos, fevereiro de 1877.

Quando recebi a sua carta e o seu folheto estava tão occupado com cuidados da vida material, no meio destes incommodos de saude, pouco graves mas variados e repetidos, que são companheiros da velhice e presagios da proximidade do *terminus*, que nem pude ler o folheto nem responder á carta. Apenas agora, que me caem em cima, a fio, dous dias sanctos da igreja, e um intercalar inventado pelo *infeliz operario*, que não perde pretexto para não trabalhar, escrever-lhe-hei duas palavras a respeito da questão dos bancos.

Bem pode crer que não tenho, sobretudo aqui, nem meios, nem paciencia, nem tempo para estudar, nem os factos relativos aos estabelecimentos do Porto, nem as propostas do governo sobre a organisação do chamado credito nacional. Do folheto do meu amigo, o que infiro é que esses banquistas dahi são uma

alcateia de tractantes e burlões, e que o governo quer o monopolio da cousa para uns amigos seus de Lisboa, que vão tractando da vida, mas com quem o governo se acha, nos apertos trasidos por despesas, tantas vezes, postoque nem sempre, irreflectidas ou insensatas. As façanhas e cavallarias dos banqueiros do Porto resultam claramente do seu folheto: as do governo são inferencias que delle tira a minha damnada má fé.

Mas porque se foi o meu amigo metter na bulha? Isso é que eu não comprehendo, a não ser para nos jogar meia duzia de biscas a nós, os pobres liberdadeiros, que não vemos dous palmos adiante do nariz.

Preto velho não aprende lingua. A questão unica de doutrina, que me parece haver em toda essa embrulhada, é a da emissão de notas: se ha de ser livre, se restricta, se monopolisada. Liberdadeiro impedernido no peccado, adopto a primeira solução em toda a sua amplitude. O meu amigo vai para o monopolio. Tambem isso é natural. O socialista vê no individuo a *cousa* da sociedade; o liberal vê na sociedade a *cousa* do individuo. *Fim* para o socialista, ella não é para o liberal senão um *meio,* creação do individuo, que a precedeu, que lhe estampou o seu sello, porque, faça ella

o que fizer, nunca poderá manifestar a sua existencia e a sua acção senão por actos individuaes, unidos ou separados. O collectivo nessas manifestações não passa de uma concepção subjectiva: não existe no mundo real.

A sociedade não pode (juridicamente) tolher acção alguma individual, quando ella não perturba ou tolhe os direitos e acção de outrem ou dos outros. A liberdade limita-se apenas pela liberdade, o direito pelo direito.

A bank-note é uma cousa boa: activa a circulação dos valores, representa o representante mercadoria; é uma roda addicional na engrenagem economica, que lhe augmenta a força e a rapidez dos resultados. Deixem-na funccionar naturalmente e á vontade.

Na essencia, a bank-note é a expressão do credito que o individuo attribue a si. Que se reunam 7, 70, 700 individuos para sommarem essas avaliações; que se chamem banco, e que exprimam collectivamente o total, isso não muda a essencia da cousa.

Quem corrige o erro, a exaggeração, a falsidade da avaliação total? A confiança ou desconfiança publica. E basta. Deixe correr a bank-note.

O governo e o meu amigo estão sobre um vulcão de bank-notes, e dormem muito des-

cansados. São as ordens de cobre e as ordens á vista dos merceeiros, dos padeiros, dos bacalhoeiros, dos mercadores, etc. de Lisboa, e provavelmente do Porto, de Coimbra, d'Evora e doutras partes. E' a bank-note na sua forma rudimentar, primitiva, essencial. Durmam, que não vão pelos ares.

Quem quer, acceita em pagamento a ordem do merceeiro; quem não quer, manda a ordem e o merceeiro ao diabo.

O meu credito é uma propriedade valiosa que adquiri pelo trabalho honrado. Com que direito me priva a sociedade de um dos modos mais efficazes de o empregar em dar energia ao meu capital? Evidentemente, expolia-me quando o supprime para accumular credito por meios artificiaes nas mãos de um grupo de sugeitos seus conhecidos, que podem ser excellentes pessoas, mas tambem podem ser uns excellentissimos patifes.

O governo quer tutelar directamente o especulador inepto, o desleixado, o gastador, o tolo que acceita a ordem á vista, a nota promissoria dos trapaceiros do Porto. Recorre para isso ao monopolio do credito, que rodeia de umas garantias que não estudo, nem leio, porque seria inepto estar a degustar o assucar com que é condimentado o absurdo e a expoliação.

Um adepto da eschola liberdadeira fazia outra cousa que o governo não faz.

A burla foi, é e será sempre um crime. É o abuso da minha esperteza para intervir na esphera do direito ou da liberdade de outrem. Os burlões e inliçadores punem-se. O seu castigo, severo, inexoravel, é a verdadeira garantia do especulador parvo, do imprudente, do mal governado, do papamoscas — de toda a canalha intellectual deste mundo.

Em logar, portanto, de pendurar festões de garantias nos ganchos do pelourinho chamado monopolio, mandava patrulhar a região do credito por dous agentes de policia chamados prisão cellular e presidio d'Africa.

Supprimia todas as responsabilidades *limitadas*. A responsabilidade é de sua natureza illimitada até onde chegam os recursos e a pessoa do responsavel. *Non habet in posse, dicat in corpore,* é maxima que se não deveria desprezar nesta questão de abuso de credito. Note que eu desejaria supprimidas *todas* as responsabilidades limitadas, tacitas ou expressas, manifestas ou disfarçadas.

Fixava e especificava bem os factos que indicavam o reu de burla nas operações de credito para os juizes o indiciarem ; fixava e especificava bem os factos que constituiam o

crime de burla para os juizes o condemnarem. Ajunctava a isto a tabella do serviço que tinham a fazer, conforme a gravidade dos casos, na penitenciaria e nas nossas possessões do ultramar.

Nos limites das doutrinas liberdadeiras a receita para proteger o canalha intellectual contra o canalha moral parece-me ser esta, *salvo meliore judicio.*

Não prendam a bank-note : prendam o falsario que representou um credito que não tinha meio de realisar em dinheiro, ou pela posse da moeda effectiva, ou de valores realisaveis, ou pela efficacia do proprio credito.

De resto, que o representem associando-se, pondo em commum o credito e a responsabilidade *indefinita* (bancos) e emittindo notas ; que o individuo represente isolado o seu credito individual (merceeiro), emittindo ordens de cobre ou ordens á vista — deixe representar toda a gente. O governo que faça a sua obrigação, que tenha bem azeitados os gonzos e fechaduras das portas das cellulas, e bem safas as escotilhas dos navios da carreira d'Africa. Por indulgencia com a imbecilidade humana (sejamos indulgente), quando a tractantada fosse de algum banco, bastaria dissolvê-lo e filar a direcção.

Do que levo dicto já vê o meu amigo que eu acho tanta razão á *liberdade por privilegio* que tinham certos bancos do Porto de emittir notas, como aos intuitos do governo de monopolisar esse privilegio no banco nacional, que já me roubou 60 por cento nas suas notas com curso forçado, e que remediou tudo passando a chamar-se, em vez de banco de Lisboa, banco de Portugal.

Meu amigo, provavelmente não tardará muito que eu vá dar um passeio até ao outro mundo, sem tenção de voltar. Passado um seculo, é muito possivel que o liberalismo tenha desapparecido. As gerações precisam ás vezes retemperar-se nas luctas da anarchia ou nas dôres da servidão; concentrar-se para a explosão calcadas sob o pé ferreo da força brutal. Deixe-me levar, para me entreter a ruminá-la pelo caminho, a convicção de que, entalada entre duas betas negras, a tyrannia em nome do ceu e a tyrannia em nome do algarismo, surgirá, como um foco de luz nas paginas da historia, a epocha em que se proclamavam os direitos individuaes absolutos e imprescriptiveis, mebora as paixões humanas nem sempre os respeitassem.

Sou, como sabe, seu do ç

OFFICIOS Á ACADEMIA

Ill.mo Snr.

A espontanea mercê que a Real Academia das Sciencias de Lisboa acaba de fazer-me, nomeando-me seu socio correspondente, mercê que V. S.ª teve a bondade de communicar-me por officio de 22 deste mez, obriga-me a rogar a V. S.ª queira fazer presente á mesma illustre Corporação o meu profundo reconhecimento.

Peço licença a V. S.ª para affirmar que não devo receber a resolução da Academia como um testimunho de apreço que ella faz dos meus tenuissimos cabedaes litterarios: ninguem melhor que eu conhece o pouco que posso e valho. Permitta V. S.ª que attribua, antes, tão singular favor a uma excessiva boa vontade e indulgencia para commigo, e que o tenha menos em conta de recompensa que de incentivo.

Desejaria corresponder ás esperanças que em mim poz a respeitavel Corporação de que

V. S.ª é digno orgão; mas para illustrar a Academia julgo-me deshabilitado. Trabalharei por seguir de longe os seus vestigios.

Deus Guarde a V. S.ª, Lisboa, 24 de fevereiro de 1844.

Ill.mo Snr. Joaquim José da Costa Macedo, Secretario Perpetuo da Academia.

Ill.^mo e Ex.^mo Snr.

Constando-me extra-officialmente que na ultima sessão da Academia, a que não assisti, ella me fez a honra de me eleger seu Vice-Presidente, tinha resolvido comparecer na sessão de hoje para agradecer essa demonstração de confiança e benevolencia, e para lhe submetter uma observação e uma supplica. Um embaraço inesperado obriga-me, porém, a fazer por escripto o que delineava fazer pessoalmente.

Ignoro o motivo por que as eleições dos cargos academicos se não verificaram na epocha legal ; é certo, todavia, que assim succedeu. Não creio que se devesse agora proceder a tal acto sem uma convocação especial e motivada. Era negocio assás grave para se fazer uma advertencia que já se tem feito a proposito de negocios de menor monta. As eleições que se fizeram tem, a meu ver, a validade legal ; mas talvez lhes falte a validade moral, conveniente

em tudo e principalmente em semelhante materia.

Esta era a observação; a supplica é que a Academia me dispense da Vice-Presidencia. A minha classe inteira pode dar testimunho de que pesa sobre mim um encargo que me custa sacrificios. Seria injusto impôr-me novos deveres, para cujo desempenho talvez todos os membros da Academia estejam mais habilitados do que eu.

Peço a V. Ex.ª queira communicar á Academia, na sessão de hoje, a materia desta carta.

5.ª feira, 8 de março.

De V. Ex.ª consocio e C.

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Não consentindo a distancia da minha residencia á séde da Academia Real das Sciencias que eu assista ás suas sessões litterarias, ao passo que as minhas muitas occupações obstam a que de outra qualquer maneira cumpra com as obrigações academicas, sou, por força maior, um membro inutil da mesma Corporação.

Nestes termos, eu rogo a V. Ex.ª que, apresentando este officio na primeira sessão d'effectivos, peça, do modo mais positivo, e, se tanto fôr necessario, exija, que o meu nome seja riscado do catalogo dos socios da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Espero dever á urbanidade de V. Ex.ª a particular mercê de me communicar a resolução dessa assemblea, que por nenhum prin-

cipio pode ser contraria ás minhas instantes solicitações.

Deus Guarde a V. Ex.ª, Ajuda, 2 de janeiro de 1851.

Ill.mo e Ex.mo Snr. Secretario da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Ill.^mo e Ex.^mo Snr.

Seja qual for a resolução que me inspire a consciencia dos meus deveres moraes para commigo mesmo, no negocio ácerca do qual a Academia se digna de me enviar os seus commissarios, cumpre-me acceitar com gratidão este novo testimunho de benevolencia, ouvindo da bôcca dos dictos commissarios a manifestação dos desejos dessa illustre Corporação.

Querendo, porém, causar o menor incommodo possivel aos membros da commissão, achar-me-hei ámanhan, 21 do corrente, ao meio dia, no edificio da Academia.

Deus Guarde a V. Ex.ª, Ajuda, 20 de abril de 1856.

Ill.^mo e Ex.^mo Snr. José Maria Latino Coelho, Vice-Secretario da Academia Real das Sciencias.

Ill.mo Snr.

Acabo de receber o officio de V. S.ª, de 19 do corrente, em que me communica o facto de me haver escolhido ainda uma vez a Academia Real das Sciencias para o cargo de seu Vice-Presidente.

Não sei em que termos possa agradecer esse novo documento de sympathia dos meus antigos collegas. V. S.ª supprirá neste caso a minha insufficiencia. Compellido, porém, pelo sentimento do dever, a recusar tamanha honra, permita-me V. S.ª que, por sua intervenção, dirija á Academia algumas reflexões que de presente importa submetter á sua consideração.

O facto que V. S.ª teve a bondade de me communicar significa, se não me engano, a approvação do procedimento que tive na conjunctura em que, segundo então julguei e ainda julgo hoje, essa Corporação recebeu um aggravo não provocado. Fosse qual fosse a opinião individual de cada um dos seus mem-

bros, a Academia testimunhou solemnemente que, regulando os meus actos pelas minhas convicções, bem mereci della. Não direi se foi grande ou pequeno o sacrificio que fiz á dignidade collectiva dos que me tinham escolhido para lhes presidir; mas sei que, reelegendo-me Vice-Presidente, a Academia me recompensou muito álem do sacrificio.

Todavia, desse facto não resulta uma situação definitiva. A Academia ha de forçosamente reconhecer que não posso dar ao acto benevolo que para commigo acaba de practicar uma significação mais extensa do que na realidade tem, e que não devo suppôr esperasse de mim a acceitação do cargo que me conferiu, subsistindo ainda, em toda a sua plenitude e em todo o seu vigor, os motivos que me obrigaram a resignál-lo.

Nenhum homem é indispensavel; mas, quando houvesse alguma excepção a esta grande verdade, não seria por certo na hypothese actual. Entre os membros da Corporação ha muitos, mais habilitados do que eu, para exercitarem o cargo que se me conferiu. Todos são mais dignos delle. Nas circumstancias em que se acha, essa sociedade precisa de organisar devidamente o pessoal e o material da sua administração superior e subal-

terna. O exercicio, por mais de um anno, das funcções de Vice-Presidente fizeram-me sentir bem a necessidade de levar as reformas a todos os ramos do serviço da Academia, e ella sabe quanto forcejei por que taes reformas se verificassem. Até certo ponto obtive-o, ou, para melhor dizer, obtivemo-lo todos, porque o empenho era commum. Sem a concentração, porém, dos esforços individuaes ; sem haver quem suscite as deliberações, sempre lentas, de um corpo collectivo, e zele a execução pontual dellas, a Academia nunca poderá crear uma administração severa e restaurar os seus estabelecimentos, ainda em grande parte decadentes e a sua fazenda desordenada. A realisação dos seus designios, das suas empresas litterarias ou scientificas, depende principalmente disto. Os melhores arbitrios, a vontade mais sincera de promover o progresso intellectual serão inefficazes, diante da insufficiencia dos recursos e da desordem administrativa. A Academia inteirou-se da necessidade de alterar a lei organica da sociedade, e submetteu ao governo as suas idéas a tal respeito. É indispensavel haver quem sollicite a approvação dessas idéas, quem tome a iniciativa no Conselho Administrativo da feitura de regulamentos accordes com uma nova lei e com

as conveniencias do serviço, para serem submettidos á Assemblea Geral e approvados por ella. Em summa, é necessario quem dê unidade e effeito material aos resultados da razão esclarecida e da consciencia honesta dessa Corporação illustre.

Nada disto é possivel com uma Vice-Presidencia nominal. A Academia deu o que lhe era lícito dar á sua consideração para commigo, e impoz um stygma moral, que ha de ficar, a quem era talvez o seu dever, e por certo o seu direito, impô-lo. Agora resta-lhe olhar por si propria, pela sua gloria e pela do país. Não é porque um homem sai da republica das lettras que estas perecem. Ainda ha pouco que no ceu da nossa litteratura desappareceu a estrella mais fulgente que, desde Camões, ahi se havia engastado, e nem por isso as lettras morreram em Portugal. Era, todavia, uma intelligencia que valia bem mais que a minha. Se me quebrarem nas mãos a penna ; se me condemnarem a voltar á obscuridade, donde, talvez, para ventura propria, nunca devera ter sahido, esteja a Academia certa de que nem por isso cessarão os trabalhos, ou esmorecerão os estudos a que especialmente me dediquei. Virão outros que farão esquecer o pouco que eu fiz. É a lei eterna do

progresso humano, lei que torna quasi insensivel a perda do escriptor que passou na terra. Supponha a Academia que eu passei tambem; que sobre mim se pregaram as quatro taboas de um ataúde, supposição que a certa luz será gratuita, porque, fora da vida da intelligencia, sou quasi inutil ao país. Noutro ainda poderia viver para as lettras; neste não, emquanto estiver collocado pelos poderes publicos entre a humilhação e o silencio, entre a deshonra e a abstenção. A patria tem o direito de exigir tudo de seus filhos, menos o aviltamento. É por isto, é porque conservo inabalavel a resolução de me respeitar a mim proprio e de corresponder lealmente a tantas demonstrações de sympathia, que supplico a prompta eleição de novo Vice-Presidente. Teria entranhavel magoa se, por qualquer motivo, continuasse a situação provisoria, deploravel por mais de um modo, em que se acha a Academia, e de que lhe cumpre quanto antes sahir; mas esta magoa subiria de ponto se eu fosse, posto que involuntariamente, a causa principal disso.

Deus Guarde a V. S.ª, Ajuda, 27 de dezembro de 1856.

Ill.mo Snr. José Maria Latino Coelho, Vice-Secretario da Academia Real das Sciencias.

Ill.^mo e Ex.^mo Snr.

De ordem da Segunda Classe da Academia R. das Sciencias, pede-me V. Ex.ª o meu voto sobre a recente publicação dos *Monumentos Nacionaes,* emprehendida pelo nosso consocio o Snr. Mendes Leal, remettendo-me, ao mesmo tempo, o 1.º fasciculo da obra para sobre elle assentar o meu conceito.

Apreciar directamente o merito de um livro por essas poucas paginas, sabe V. Ex.ª que é impossivel. O desejo, portanto, da Classe não pode ser outro senão conservar nos seus archivos, para o futuro, documentos irrefragaveis do que, no meio da barbaria ou, antes, do desleixo com que se deixam perecer tantas memorias de antigos tempos, não houve no seio della uma unica voz que não applaudisse o nobre e patriotico intuito do nosso consocio. A pergunta que se me faz a mim, como de

certo se fez a todos os membros da Classe, ha de ter forçosamente respostas unanimes, porque é dirigida a homens conspicuos por illustração e patriotismo. Quanto ao desempenho do commettimento, o provado talento e os longos habitos de aturado trabalho, em que o Snr. Mendes Leal tem poucos competidores, abonam de antemão, pelo lado litterario, a excellencia da obra.

No que particularmente me toca, direi a V. Ex.ª que ninguem mais do que eu ajuncta de coração a sua voz a esse applauso unanime.

Depois da revolução que, sobre as ruinas da sociedade antiga, constituiu neste país a sociedade moderna, fui eu, se não me engano, o primeiro que proclamei a possibilidade e a necessidade de conciliar o amor dos foros de homens livres com a veneração ás tradições gloriosas e sanctas do passado, ao que neste havia grande e bello e que era muito. Em relação aos monumentos da arte em Portugal é que essa conciliação sobretudo urgia ha trinta annos ; porque o desbarato da herança nacional nesta parte não era erro novo, nem crime exclusivo de uma epocha agitada : era já crime das gerações que immediatamente nos precederam. Havia muito que a ignorancia daquelles que mais obrigação tinham de

serem illustrados, o mau gosto e a indifferença geral pelas cousas da republica iam devastando as memorias de toda a especie, da infancia, mocidade e idade viril deste povo. É facto ácerca do qual superabundam provas. A sociedade moderna, salvando as reliquias de taes memorias, vinha a ser, ainda nisto, de certo modo revolucionaria, porque supprimia mais um dos muitos abusos, não antigos, mas velhos, que nessa conjunctura se derribavam. Lisongeia-me a idéa de que o fazer sentir isto aos meus contemporaneos não foi trabalho perdido, e de que os delictos de vandalismo, ao menos de um vandalismo activo e directo, perpetrados depois de 1834, são incomparavelmente menores em intensidade e extensão do que o tinham sido até ahi.

Se hoje não existem para mim as illusorias esperanças que me impelliam então a amparar, como podia e sabia e desprezando suspeitas e accusações insensatas, o que do antigo edificio social, nas suas diversas manifestações materiaes e moraes, era necessario salvar, porque representava a idéa de patria na successão dos tempos ; porque era o principal e mais forte lio que cingia o Portugal de hoje ao Portugal de outrora ; porque servia para despertar ou manter o affecto á terra onde nascemos, affecto

de que brotam maravilhas de abnegação, de pertinacia e de valor nas grandes crises das nações ; se hoje creio pouco, erro provavel do meu entendimento, na efficacia de taes elementos de vida politica para assegurar o futuro do país, tenho para approvar, com todas as veras da alma, a generosa empresa do nosso consocio, os mesmos motivos que o impelliram a tentá-la e que elle, com tanta eloquencia como verdade, resumiu no ultimo paragrapho da Introducção á sua obra.

Colligir as reliquias dos nossos antigos monumentos e reproduzir a imagem delles para a posteridade é actualmente um acto de piedade filial, que as circumstancias revestem de caracter tristemente solemne e quasi religioso.

Deus Guarde a V. Ex.ª, Quinta de Val-de-Lobos (Santarem), 6 de abril de 1868.

Ill.mo e Ex.mo Snr. José Maria Latino Coelho,

Secretario Geral da Academia R. das Sciencias.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.

Respondendo ao officio de V. Ex.ª, datado de 4 de agosto, e que só agora me chega ás mãos, tenho a honra de dizer a V. Ex.ª, o seguinte :

Quando as côrtes, supprimindo a dotação especial que haviam votado para a obra *Portugaliae Monumenta Historica,* applicaram para essa empresa e para a continuação das obras começadas pelo Visconde de Santarem, por conta do Estado (continuação de que a Academia foi encarregada), o subsidio que o mesmo Visconde recebera até o tempo do seu fallecimento, achava-me eu separado do quadro da Academia por motivos que não importa recordar aqui. Mudadas as circumstancias, e tendo voltado ao seio da Corporação, recebi um officio do secretario da 2.ª classe ou de quem suas vezes fazia, em que se me commu-

nicava que ella me incumbia de novo os trabalhos attinentes á publicação dos *Monumenta*, que estabelecera uma retribuição para os socios chamados á direcção das Publicações Subsidiadas, e que me auctorisava para proceder do modo que julgasse conducente ao bom desempenho daquella commissão. Se bem me recordo, esta era a substancia do officio, que não tenho presente. Carecendo, porém, de alguns esclarecimentos ácerca dos meus direitos e deveres no exercicio do cargo para que fôra escolhido, pedi-os na primeira sessão de Classe a que assisti. Deram-se-me, e por essa occasião ouvi ler uma acta pertencente á epocha em que eu era estranho á Academia, acta da qual constava, entre outras cousas, que a Classe resolvera crear um cofre especial para a dotação das Publicações Subsidiadas pelo Estado, e nomeara para clavicularios desse cofre os dous Snrs. Academicos Rebello e Felner. As condições e normas para a administração do novo cofre e para se regerem os dignissimos clavicularios, se estavam lançadas naquella acta, a memoria não m'as suggere.

Do complexo da communicação que o Snr. Secretario da Classe me fizera, das informações verbaes que recebi em sessão da mesma Classe e da acta que se me leu, seguia-se

ineluctavelmente que o encargo que se me renovava era, como fôra d'antes, pura e exclusivamente litterario. Acceitando-o, encerrei-me, portanto, no circulo que as decisões academicas me traçavam. As phases por que desde aquella epocha possa ter passado a administração dos fundos destinados ás Publicações Subsidiadas são para mim absolutamente desconhecidas. Quanto a despesas, limitei-me e limito-me a authenticar os documentos relativos á retribuição do pequeno pessoal da commissão, documentos exarados conforme os modelos que se me deram. O material da publicação tem-me sido pontualmente subministrado, sem que eu possa dizer precisamente como e por ordem de quem, e as raras exigencias estraordinarias que tenho feito dirigindo-me officialmente á Classe, como as de *fac-similes*, de typos especiaes, de copias feitas em país estrangeiro hão sido sempre benevola e plenamente satisfeitas. Se o não houvessem sido, ou se o material necessario para a publicação me não fosse opportunamente subministrado, teria sollicitado providencias da Classe. Na situação pura e simples de director litterario, tanto o meu direito como o meu dever expiravam ahi, embora como academico, e até como simples cidadão, podesse ir muito mais longe, no pre-

supposto improvavel de que a falta procedesse de algum abuso ou não cumprimento da lei.

Á vista dos factos que summariamente narro fica V. Ex.ª habilitado para julgar se poderei responder officialmente aos quesitos que me dirige. Nem extra-officialmente sequer eu saberia dar esclarecimentos ácerca delles, não tendo, por motivos peculiares e privados, tido, ha muitos annos, a menor ingerencia na administração da Academia, e nem ao menos assistido ás suas sessões geraes ou ás especiaes da Classe a que tenho a honra de pertencer.

Deus Guarte a V. Ex.ª
Ill.mo e Ex.mo Snr. J. M. Latino Coelho,
Secretario Geral da A. R. das S.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Hoje, 10 do corrente, recebo um officio de V. Ex.ª, datado de hontem, em que me communica a decisão da Assemblea Geral, pela qual se ordena que o orçamento das Publicações Subsidiadas seja apresentado á Academia, na sessão do dia 12, pelos Directores das mesmas publicações, os quaes no officio de V. Ex.ª se presuppõe constituirem uma commissão.

Esta commissão não existe. A Segunda Classe encarregou das trez Publicações Subsidiadas trez individuos, perfeitamente independentes entre si, e escusado é lembrar a V. Ex.ª que, litterariamente, se não era impossivel, era pouco practico, para não dizer outra cousa, proceder de diverso modo. Procurou homens especiaes para assumptos especiaes. Ao lado destes encargos, confiou a dous dos seus mem-

bros a administração dos fundos applicados por lei á continuação dos trabalhos do Visconde de Santarem e dos *Portugaliae Monumenta Historica*, obras a que a mesma Classe ajunctou a dos Monumentos relativos ás nossas colonias. Succedeu que os socios chamados a esta commissão administrativa fossem os mesmos que haviam sido escolhidos para dirigirem duas daquellas publicações ; mas é obvio que podiam ser outros, visto que a administração economica de qualquer publicação nada tem que ver com a sua economia litteraria.

Já anteriormente, respondendo a outro officio de V. Ex.ª sobre assumpto diverso mas analogo, tive a honra de lhe ponderar a minha incompetencia em tudo quanto respeita á administração dos fundos dados em subsidio á Segunda Classe com destino especial. Ha annos que dirijo os trabalhos dos *Monumenta Historica*, e, durante esse tempo, só procurei, em relação aos meios materiaes, não ultrapassar o restrictamente necessario, visto haver a mesma Classe applicado aquella dotação especial a trez empresas differentes, cujo custo total eu não podia bem avaliar. Busquei, sobretudo, quanto as minhas previsões alcançavam, não provocar despesas que excedessem o terço do subsidio. Era isso, porém, apenas

um acto de prudencia e voluntario, a que me não compellia nem a lei nem instrucções algumas que a tal respeito se me houvessem dado.

Estou, pois, claramente inhabilitado para intervir na redacção do pedido orçamento.

Entretanto, reconheço que ha esclarecimentos que dependem de mim, necessarios para que a pessoa ou pessoas a quem incumba formá-lo o possam fazer. São, porém, tão simples que me é facil dá-los aqui immediatamente.

Espero que no proximo anno hajam de entrar no prelo de 40 a 50 folhas de impressão. Ácerca do seu custo é que não posso dar informações precisas.

Gravam-se actualmente varios *fac-similes* de documentos originaes dos seculos IX, X e XI, que devem sahir à luz com o 3.° fasciculo da Serie ou Divisão intitulada *Diplomata et Chartae*. Pelos que estão concluidos, ou em provas, que no fim deste anno serão talvez metade, tem o gravador recebido já na maior parte o respectivo preço, como deve constar das contas do cofre subsidiario. Falta o resto, e a despesa de impressão, na Imprensa Nacional, da folha que as ha de conter. Esta despesa facilmente se calcula por outras que já alli se estamparam.

Será provavelmente necessario no proximo

anno tirar copia de um manuscripto existente no *British Museum*. O manuscripto não deve exceder em extensão nem em difficuldade de copia outro que se transcreveu da bibliotheca da universidade de Cambridge. Não me recordo do custo daquella copia, pubicada no 3.º fasciculo da Divisão — *Scriptores* —, mas cousa é que deve constar das contas do cofre.

Álem disto e da despesa do pessoal, que não é preciso augmentar, apenas me parece necessario reservar alguma pequena somma para qualquer eventualidade não prevista que possa occorrer.

Os membros da Segunda Classe encarregados da direcção das outras duas collecções é que podem informar ácerca das exigencias dos seus trabalhos para o proximo anno. São elles tambem, como administradores ou fiscaes da administração do respectivo cofre, que estão no caso de saber quaes as futuras verbas de despesa provavel, deduzindo-as das verbas especiaes da despesa anterior, por mim, em geral, ignoradas.

Deus Guarde a V. Ex.ª, Q. de Val-de-Lobos (Santarem), 10 de novembro de 1869.

Ill.mo e Ex.mo Snr. José Maria Latino Coelho, Secretario Geral da Academia R. das Sc.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Recebo hoje um officio de V. Ex.ª, datado de 19 do corrente, em que, por parte da Commissão encarregada de avaliar um projecto para a publicação do Diccionario que o Conselheiro Ramalho deixou incompleto, V. Ex.ª me pede o meu parecer ácerca do modo practico de realisar a suggerida publicação.

Conforme deprehendo do officio de V. Ex.ª, a Commissão tem um encargo restricto: dar a sua opinião sobre um projecto, de cuja existencia apenas sei pelo dicto officio, e cujo conteúdo absolutamente desconheço. Impossivel me seria, portanto, dizer cousa alguma sobre tal projecto. Expôr quaesquer idéas que podesse ter ácerca do assumpto, nem a estreiteza do tempo o consente, nem, quando o consentisse, deixaria eu de correr o risco de um trabalho inutil, repetindo, em grande parte, tal-

vez, o que no projecto estará provavelmente apontado com mais individuação e clareza do que se acharia nas ponderações que fizesse agora ao correr da penna e no breve espaço que me resta para que a minha resposta chegue opportunamente ás mãos de V. Ex.ª.

Ha, porém, no officio a que respondo uma circumstancia, da qual, combinada com uma disposição legal de que casualmente tenho noticia, infiro que a questão de meios foi tambem submettida á Commissão. Sobre isso posso e devo accrescentar algumas palavras.

Diz-me V. Ex.ª que os Directores das Publicações Subsidiadas são convidados a celebrar uma conferencia com a Commissão, pedindo-se-me informações por escripto, em attenção á distancia a que actualmente resido.

Como membros da Segunda Classe, os individuos encarregados das Publicações Subsidiadas podem ser mais ou menos competentes para tractarem, pelo lado litterario, o assumpto incumbido á Commissão. No caracter, porém, de directores de publicações historicas, é manifesta a sua incompetencia. Se, pois, são chamados a intervir nas funcções della, não o podem ser senão para informarem sobre a importancia dos recursos de que carecem as obras a seu cargo, unico ponto de contacto

que ha entre um e outro objecto, não pela natureza das cousas, mas sim porque a ultima lei de orçamento, segundo me consta, extendeu á publicação do Diccionario a applicação do subsidio dado por lei anterior ás publicações historicas.

Mas, por esta parte, as informações que posso subministrar, dei-as a V. Ex.ª pouco ha, respondendo ao officio em que V. Ex.ª me communicava a decisão da Assemblea Geral sobre o orçamento das Publicações Subsidiadas. Nada saberia accrescentar ao que disse nessa resposta e que V. Ex.ª facilmente pode ordenar que seja presente á Commissão.

Agora, simplesmente como socio da Academia, seja-me lícito observar, pelo lado economico, que, para completar e imprimir o Diccionario, os recursos materiaes que lhe proporciona a lei do orçamento poderão ser ou não ser sufficientes, porque isso depende da maior ou menor intensidade que se der aos respectivos trabalhos, mas o que de certo não são é seguros. Ignoro os motivos que levaram o Governo a propôr que se extendesse a applicação dos subsidios facultados a determinadas publicações historicas a outra de diverso genero; mas creio advinhá-los. Uma lei attribuira certa dotação a obras especificadas na

mesma lei. Como esta se cumpriu lealmente e com probidade, resultou disso haver sobras. Não vem ao intento, nem me pertence examinar como de principio se empregaram taes sobras até hoje. Basta notar que as obras especificadas na lei nunca absorveram integralmente a sua dotação. São evidentemente essas sobras que se destinam agora á empresa do Diccionario. Não vejo outra explicação que concilie os preceitos da lei permanente com a disposição da lei annual.

Os recursos, portanto, applicados ao Diccionario são incertos por dous modos : incertos, porque dependem das exigencias, maiores ou menores, das Publicações Subsidiadas, exigencias que não podem ser desattendidas, nem pela Academia, nem pelo Governo, sem flagrante offensa da lei permanente que as subsidiou ; incertos, porque ficam sempre dependentes das contingencias de uma lei transitoria. O principio, a regra, como V. Ex.ª sabe, é que as sobras das despesas de publicações a que a lei attribuiu uma dotação revertam para os cofres publicos. A simples omissão, em qualquer orçamento geral do Estado, da declaração inserida no que actualmente vigora, dá esse resultado : pode dá-lo ainda, apesar da iniciativa do Governo, a simples observação

de qualquer deputado sobre a falta de lei permanente anterior que auctorise tal applicação.

Estas considerações parece-me serem assás graves para não ficarem desattendidas pela Commissão.

Antolha-se-me, porém, que hoje não seria difficil achar uma média annual da despesa das publicações que a lei ordenou fossem subsidiadas, nem obter do Governo que propuzesse á Camara um additamento áquella lei, pelo qual a Academia ficasse permanentemente auctorisada para dar outra applicação litteraria a certa quantia deduzida do subsidio, a qual se poderia fixar á vista dessa média, ou que, até, no acto legislativo se attribuisse desde logo tal quantia aos trabalhos do Diccionario.

É o que, por emquanto, me occorre ponderar.

Deus Guarde a V. Ex.ª, Val-de-Lobos (Santarem), 22 de novembro de 1869.

Ill.mo e Ex.mo Sr. José Maria Latino Coelho, Secretario Geral da Academia Real das Sciencias.

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Acabo de receber o officio de V. Ex.ª, datado de 10 do corrente, em que V. Ex.ª me communica as deliberações tomadas pela Academia para realisar a publicação do Diccionario da Lingua, um dos principaes fins da sua instituição. Entre essas deliberações ha uma que me diz respeito como director da Collecção intitulada *Portugaliae Monumenta Historica*. É a que resolve sejam convidados os directores das Publicações Subsidiadas a comparecerem na proxima sessão do Conselho Administrativo para elucidarem com o seu voto ou parecer as questões que o Conselho tem de resolver para ordenar de novo, se bem percebo, o orçamento das dictas publicações.

A distancia a que me acho de Lisboa, o meu estado de saude e negocios privados inhibem-me de acceitar a honra do convite. Consola-me a idéa de que a minha ausencia não obstará a que as resoluções do Conselho sejam nesta parte as mais acertadas, não só pela alta capacidade dos seus vogaes e pelas observa-

ções dos outros Snrs. Directores, mas tambem, e até certo ponto, porque V. Ex.ª, sem duvida, não se esquecerá de fazer com que estejam presentes nessa sessão as respostas dadas por mim aos seus officios de 9 e 19 de novembro de 1869, nas quaes, tractando-se desta mesma materia, dei as informações que podia dar e as razões por que me achava inhabilitado para as subministrar mais particularisadas e mais amplas. Que o Conselho desse tempo ficou satisfeito e achou legitimas as minhas explicações prova-m'o o ulterior silencio de V. Ex.ª sobre o assumpto.

Permitta-me, porém, V. Ex.ª que, á vista do seu officio de 10 deste mez, accrescente aqui algumas ponderações e rememore alguns factos relativos á collecção e publicação dos *Monumentos Historicos*, cuja direcção me foi incumbida. Desejo que o Conselho fique bem certo de que não ha de ser da minha parte que elle ha de achar embaraços para tornar realisaveis os intuitos da Academia.

Desde que esta, considerando a questão do Diccionario da Lingua pelo lado economico, resolveu unanimemente sollicitar do Governo e do Parlamento que aos trabalhos do mesmo Diccionario se applique, não as sobras das Publicações Subsidiadas, mas sim uma deter-

minada quota, (a quarta parte) da dotação attribuida pela lei ás dictas Publicações, a Academia não pretende uma providencia annual e transitoria, que basta inserir no orçamento do Estado; pretende uma modificação na lei especial e de execução permanente. Suppondo, porém, que a illustre Corporação, como é de crer, obtenha o que deseja, devendo o Conselho organisar o orçamento academico sobre esta supposição, é claro que ás Publicações Subsidiadas pela lei actual com a dotação de 6.000$000 réis, não pode ser attribuida uma somma superior a 4.500$000 réis. Não sei positivamente se as sobras, que do officio de V. Ex.ª vejo existirem, são superiores, iguaes, ou inferiores á quantia que se pretende reservar para a nova empresa. Conjecturo que se dá a ultima hypothese, e que, portanto, as despesas das Publicações historicas tem de ser cerceadas, e que é sobre este ponto que hão de ser ouvidos os respectivos directores.

As deducções podem ser feitas no material ou no pessoal das Publicações, ou em ambas as cousas. Quanto ao material, a operação é facil. Consiste em limitar o numero de folhas que se devem imprimir cada anno, calculando sobre o custo do que até hoje se acha impresso.

A deducção nos vencimentos é mais difficil. Os individuos que trabalham são os unicos juizes do valor do proprio trabalho. É licito ao Conselho annunciar-lhes reducções, que elles acceitarão ou não; é-lhe licito propôr á segunda Classe que os substitua, e esta pode substitui-los. O que o Conselho não pode é organisar o orçamento sem ouvir todos os interessados e sem sollicitar ácerca delles, se necessario fôr, resoluções da segunda Classe. Os directores podem aconselhar os seus subordinados ácerca da retribuição maior ou menor que lhes é devida: taxá-la, não; porque só lhes é permittido dispôr do que é seu e de si.

Não será o dos *Monumentos Historicos de Portugal* que difficulte por sua parte o orçamento que se medita. Quando a segunda Classe delineou e emprehendeu aquella vasta empresa, fui incumbido por ella de a dirigir. Nessa primeira epocha, a Academia pagou apenas a despesa extraordinaria das longas e penosas viagens que, no decurso de dous annos, tive de fazer pelas provincias do centro e do norte do reino, para examinar antigos archivos. A minha fortuna particular não era sufficiente para occorrer a um tempo a essas despesas e ás minhas proprias. Gastei o rigorosamente necessario, e, apesar do limitado dos recursos

que se me subministraram, achei ainda que restituir, como deve constar das contas que prestei. O meu trabalho, então e subsequentemente, foi sempre gratuito, não obstante haver uma dotação especial que as Côrtes votaram para aquella empresa. Suspendeu a Academia a publicação quando circumstancias imperiosas me obrigaram a resignar o cargo de seu Vice-Presidente e a sahir do seio della. Passados tempos, quando me foi moralmente possivel voltar ahi, tinha o Parlamento applicado para a continuação dos *Monumentos* e para outros trabalhos historicos a dotação de 6:000$000 réis, e a Academia havia arbitrado uma gratificação para cada um dos respectivos directores. Em nome da segunda Classe, foi-me isto officialmente communicado, e bem assim que ella me encarregava de novo da direcção dos *Monumentos*. Em nenhum destes factos e resoluções tive a minima parte. As actas o dirão: as datas falam por mim. Acceitando a renovação do encargo, tractei de o desempenhar como soube e como pude; como o desempenhara antes. Das mesmas actas consta que, desde então até hoje, tenho sido completamente estranho ás deliberações e, sobretudo, ás deliberações economicas da minha Classe e da Academia. Que as gratificações dos directores e dos paleographos

tinham sido augmentadas só deixei de o ignorar, tambem, quando officialmente m'o communicaram para os seus devidos effeitos. Tenho recebido a retribuição que me tem dado pelo serviço que me imposeram. Não me envergonho disso. Envergonhar-me-ia de pedir esmolas ao Estado pelos livros que espontaneamente fiz e que elle me não encommendou. Estou prompto, todavia, a trabalhar de graça, como tanto tempo trabalhei, quando a abstenção de recompensa se tornar commum, no serviço da Academia, entre os membros della.

Pelo que, porém, toca aos que me tem ajudado num empenho, cujas difficuldades só conhecem os que se dedicam aos aridos e tediosos trabalhos que exige uma obra como a dos *Monumentos Historicos,* não serei eu que lhes vá propôr o cerceamento da retribuição que a Segunda Classe lhes arbitrou, e que elles, acceitando-a, acharam justa. Se a minha escusa fôr obstaculo á realisação dos intentos da Academia, ella tem na mão o remedio. E' escolher no seu seio quem me substitua, porque ninguem é indispensavel no mundo. Talvez assim se obtenham importantes economias. Não lhe fallecem membros aptos para trabalhos desta ordem, e que de certo tem a consciencia disso. Quando a Segunda Classe deli-

neou e emprehendeu uma obra de tal tomo, não contou só commigo, nem me suppoz eterno. Seria uma injustiça que faria a si mesma e que não lhe fazem nem os naturaes nem os estranhos. Se a imprensa na Allemanha e na França tem applaudido a encetada publicação; se a Hespanha, por confissão de pessoas eminentes daquelle país, inveja o commettimento e a prosecução de uma obra a que alli, apesar dos esforços e da generosa cooperação do Governo, não pôde dar principio ainda, não é a mim, é á Academia, e virtualmente ao país, que cabe essa honra, se ha honra apreciavel para o país, em cousas destas. Se tenho, porém, na realidade, sido apenas simples obreiro retribuido, o meu nome não apparece no rosto dos volumes da Collecção que dirijo: é o da Academia. Não tenho feito mais do que ir arroteando os pousios para onde ella mandou o operario. Recebi a paga; dei o trabalho. Nem todos neste mundo fazem assim. O que ahi houver bom é della, que o comprou: minha só é a responsabilidade dos defeitos de execução, que a perspicacia e, sobretudo, a sciencia de homens, cujo passado litterario abona a sua competencia no assumpto, sem duvida ahi tem advertido. Deus queira que eu saiba satisfazer a ella quando m'a exigirem. O meu successor,

com mais alto engenho e mais versado na materia, poderá propôr e obter da Classe melhoramentos taes que tornem a obra de mais subida valia e até achar collaboradores mais habeis e mais modestos na avaliação dos seus serviços. Experimente-o a Academia. Se me repugna ser Homero das proprias façanhas, applaudirei cordealmente serviços que valerão, de certo, mais e muito mais que os meus.

No que levo dicto não creio que a refinada inveja, paixão a um tempo vil e energica, como nenhuma das paixões humanas, possa ver outra cousa que não seja o reconhecimento do pouco que valho e a completa abnegação que esse reconhecimento aconselha. Nenhum interesse me move nem a contrariar, nem a facilitar, quanto em mim cabe, a empresa do Diccionario. Estou já velho, e chegarei tarde para haurir dessa fonte caudal maior copia de sciencia da lingua; e se, como proprietario que fui do manuscripto do Conselheiro Ramalho, parecer que interesso na deliberação tomada unanimemente pela Academia de applicar ao pagamento do mesmo manuscripto uma parte do subsidio das Publicações Historicas, enganar-se-ha quem o pensar. Estou certo de que a Academia, tendo desde a sua origem como principal obrigação dar ao país o Diccionario

da Lingua, sabe que sobre a propria dotação pesa este encargo com preferencia a alguns outros, e que é puramente um negocio da sua administração interna a selecção dos meios por que ha de cumprir pela sua parte as condições de um puro contracto civil, livremente proposto por ella e livremente acceito por mim. Como pactuante nada tenho que ver com isso. Num país regularmente constituido, as leis dão-me sobeja segurança da plena realisação do meu contracto, sem que me importe saber as fontes de receita a que a Academia ha de recorrer para a solução do encargo por ella espontaneamente contrahido.

Creio que, á vista das precedentes ponderações e declarações, V. Ex.ª fica habilitado para assegurar ao Conselho que, da minha parte, não achará obstaculo para pôr por effeito, no que lhe cumpre, as resoluções da Academia. O que digo por escripto é tudo quanto de viva voz poderia dizer se ineluctaveis circumstancias me não privassem de assistir como informador á proxima sessão do Conselho Administrativo.

Val-de-Lobos (Santarem), 14 de março de 1871. Ill.mo e Ex.mo Snr. José Maria Latino Coelho, Secretario Geral da Academia das Sciencias.

Ill.^mo e Ex.^mo Snr.

Recebi em tempo o officio de V. Ex.ª no qual me annunciava a remessa de uma copia do obituario de S. Vicente de Fora, que actualmente existe no British Museum, e me auctorisava, em nome da nossa classe, para resolver sobre a acquisição da dicta copia e sobre o preço della. Não se verificou a remessa, pela qual esperava para responder a V. Ex.ª, nem o inconveniente dessa omissão foi grande. Sabia da existencia do manuscripto original: tinha-o visto, até, numa sessão da antiga Academia, que recusou comprá-lo a quem provavelmente o distrahira do archivo ou da bibliotheca de S. Vicente. Em officios anteriores meus, dirigidos á Academia, annunciara eu já que havia de sollicitar della fizesse tirar em Inglaterra uma copia daquelle codice. Apparecendo agora essa copia, feita por pessoa

competente, é obvio que não posso deixar de concordar na proposta acquisição.

Quanto, porém, ao preço por que deve ser pago o trabalho de que se tracta, permitta-me V. Ex.ª que pondere a impossibilidade em que estou de o determinar. Não conheço nem a extensão, nem as difficuldades delle, porque a simples inspecção do codice, visto ha 25 ou 30 annos, não me habilita para isso. Depois, se V. Ex.ª recorrer á minha correspondencia anterior, relativa á Collecção dos Monumentos de que fui encarregado, ha de achar que constantemente me tenho abstido de intervir nas questões economicas da publicação, limitando-me a sollicitar da nossa classe os auxilios litterarios e materiaes de que a mesma Collecção tem carecido. Não me consta que em tempo algum a Academia achasse irregular esta minha abstenção. Salvo o respeito devido á decisão da classe, e profundamente agradecido pela confiança que de mim faz, não me parece o melhor systema de administração entregar ao arbitrio de quem delinea o trabalho o fixar definitivamente o preço delle, embora seja rasoavel ouvir como informador aquelle que propõe a despesa. Ora, no presente caso, nem isso posso ser, conforme acabo de ponderar a V. Ex.ª.

Entretanto, devo lembrar ao Conselho Administrativo, ou a quem quer que esteja encarregado de administrar os fundos pertencentes ás Publicações Subsidiadas, que ha annos veio d'Inglaterra uma copia do Ms. de Cambridge, inserto no 3.° fasciculo dos *Scriptores* da Publicação que dirijo. Foi tirá-la a Cambridge um paleographo do Museu Britannico. Deve existir lançada nas contas dos fundos respectivos a somma que se pagou por essa copia. Parece-me uma base excellente para se avaliar o justo preço daquella de que se tracta agora.

Deus Guarde a V. Ex.ª, Val-de-Lobos, 15 de dezembro de 1872.

Ill.mo e Ex.mo Snr. Secretario Geral da Academia Real das Sciencias.

Ill.^mo e Ex.^mo Snr.

Não me sendo possivel continuar a dirigir os trabalhos da publicação intitulada *Portugaliae Monumenta Historica*, de que a Academia teve a bem encarregar-me primeira e segunda vez, nomeando-me director della sem sollicitação minha, directa ou indirecta, rogo a V. Ex.^a queira apresentar á Segunda Classe a demissão que dou deste cargo.

Ha muitos mezes que, em resposta a um officio que me foi dirigido a proposito daquella publicação, lembrava eu á Classe a conveniencia de me substituir. E, na verdade, ha dez ou quinze annos a escolha feita pela Academia podia não carecer inteiramente de plausibilidade ; porque os homens dedicados aos modestos e quem sabe se inuteis estudos das fontes historicas eram raros. Hoje, porém, que esse instituto, na Classe e ainda porventura fora

da Classe, possue sugeitos sem comparação mais competentes do que eu em taes materias, a primitiva escolha perdeu a sua razão de ser, e a manutenção dos creditos, dentro e fora do reino, da Academia, exige imperiosamente a minha exoneração.

Em poder do Snr. José Manuel da Costa Basto, principal collaborador meu nestes trabalhos, ficam, para serem entregues a V. Ex.ª, as copias, conferidas com os originaes, dos mais notaveis necrologios das sés, collegiadas e antigos mosteiros, na parte desses necrologios anterior ao seculo XVI, e bem assim certa porção de notas minhas para a advertencia prévia que devia acompanhá-los na sua publicação. Era esta a parte que se ia preparando para o prelo emquanto se imprimia o indice do I volume da Serie intitulada *Leges et consuetudines*, em conformidade do plano da obra ordenado a principio pela Academia. Cumpre-me dizer a V. Ex.ª que as copias são fieis. Hoje, no meio do progresso geral, devem existir methodos mais expeditos e perfeitos do que longas e tediosas conferencias para o verificar. Entretanto, talvez se possa economisar novo trabalho. Quanto aos apontamentos, poucos em numero e de certo inuteis para a superior capacidade de quem me succeder, entre-

go-os unicamente porque, sendo subsidiado o cargo que deixo, não são minha propriedade.

Existem na typographia 25 folhas impressas da Serie *Diplomata et Chartae*, que deviam constituir um fasciculo com o indice do 1.° volume da serie *Leges et consuetudines*, cuja impressão está a ponto de se concluir. Existem tambem impressas as primeiras 26 folhas do 2.° volume da mesma serie. Previno disso a V. Ex.ª para que a Segunda Classe possa ordenar o que entender conveniente sobre a ordem da publicação.

Deus guarde a V. Ex.ª, Val-de-Lobos, 1 de abril de 1873.

Ill.mo e Ex.mo Snr. Secretario Geral da Academia Real das Sciencias.

Carta
ao «Jornal do Commercio»

Snr. redactor. — Desde que a Academia mandou distribuir pela imprensa a conta dada por ella ao ministerio do reino sobre a cessação do trabalho dos *Monumentos historicos*, e desde que a imprensa tomou a si a apreciação dos motivos que o faziam cessar, eu previ desde logo o resultado disso. As consequencias moraes que dahi provinham para um ex-ministro da corôa, eram assás graves para que elle não houvesse de deixar em silencio debater a questão. Tinha jornaes e amigos de que podia valer-se ; contei desde logo com os convicios, com as allusões, com as injurias grosseiras, com a reproducção de accusações pueris, plenamente refutadas ; mais de uma vez contei com tudo o que o despeito pode aconselhar á malevolencia, e até que se me attribuissem, como se me acabam de attribuir, os juizos desfavoraveis da mesma imprensa,

embora não precisasse disso, porque tudo é menos eloquente do que os factos que revela a publicação da Academia. Estava tranquillo. São as borrascas da vida com que devem contar aquelles que, em certas epochas das sociedades, não sabem, para viver em paz, fazer calar a voz da sua consciencia. Comprehendo essas coleras implacaveis, essas affrontas, esses escriptos desvairados em que transluz o rancor cego. Estimo-os até, porque provam que em certos corações gastos e quasi mortos pode vibrar ainda a fibra do pudor. Deus me livre de irritar-me com isso. E quem sabe até se elles tem razão em parte? Se a minha vida passada está cheia de manchas que eu não tenha percebido? Quem sabe se o meu nome não é um dos que envergonham moralmente esta terra? É possivel. Mas não sou eu, nem os que me detestam, que havemos de julgá-lo. É a opinião do país, que me conhece a mim e que os conhece a elles.

A imprensa livre é a mais bella das instituições; é-o até muitas vezes quando a transformam as paixões; porque dos seus desvarios das luctas que suscita resulta não raro brilhar a luz da verdade. Nunca o experimentei como agora. Sabia que a indignação que em mim produziria o modo como fôra tractada

uma corporação respeitavel, cuja honra era do meu dever sustentar, se attribuia em voz baixa ao despeito de não ser nomeado guarda-mór da Torre do Tombo. Era uma accusação grave, que, murmurada pelas costas, eu não podia refutar. Ha homens cujo furor extremo é necessario excitar para os fazer depôr o manto e o punhal, e aggredirem pela frente. A imprensa, sem o querer, sem o saber talvez, fê-lo. Ainda bem. Era grave a accusação, porque durante os ultimos cinco annos em que tantos cahiram aos pés da devassidão politica, em que ambições e ás vezes cobiças bem pequenas, foram fataes a tantos, não era de espantar que eu, mais fraco talvez do que todos, sacrificasse tambem um dia a propria dignidade á ambição. Os que acreditaram essa insinuação perfida, não me offenderam. Partiam do conhecido para o incognito, e raciocinavam bem. Havia, demais, na accusação certa plausibilidade. Parece que ha quem pense que eu tinha uma certa competencia superior para aquelle cargo, e que o voto nacional m'o daria, se fosse consultado. A minha opinião é, todavia, outra. Se o voto nacional me entregasse as chaves do archivo do reino, practicaria uma injustiça, contra a qual desconfio que seria eu o primeiro a protestar.

Ha ahi um homem, veneravel pelos seus annos, pelos seus conhecimentos especiaes, pela benevolencia para com todos os que o consultam, que ha mais de vinte annos dirige de facto o Archivo Geral do Reino, e que, no meio dos successos de 1834, salvou, pelo seu zelo e á custa da propria saude, muitos desses cartorios que então cahiam no dominio do estado, e de que se perderam quasi todos os que não foram confiados á vigilancias deste empregado, tão digno como modesto. Esse homem era, havia doze ou quinze annos, o guarda-mór verdadeiro da Torre do Tombo, porque o nominal, o visconde de Santarem, desde a sua nomeação até á sua morte jamais cruzou os humbraes daquella casa. O proprio governo tractava officialmente esse empregado como guarda-mór interino. Se, vagando a effectividade, o ministro lh'a désse, não teria practicado senão o seu dever, recompensando o zelo modesto e a sciencia util, e buscando, ao mesmo tempo, para aquella situação, o mais digno que não a sollicitava.

Sei que estas considerações não eram das que ordinariamente influiam nos despachos da regeneração. Havia outras a que costumava attender e que ella sabe se eram peiores ou melhores. Se a preferencia que se deu a ou-

trem, esquecido o que só tinha por si Deus e a sua justiça, não viesse ferir a Academia, não importasse para ella um insulto official, contentar-me-ia com deplorar mais uma vergonha publica, e com afastar-me em silencio de frequentar essas salas, onde consumi os melhores dias da minha vida, e dos quaes, confesso a fraquesa, me restam saudades, mas onde tambem tinha suspeitas, e hoje tenho provas de que a minha reputação de probidade podia perigar.

Eis a verdade singela. Peço que a crêam sob minha palavra? Não, por certo. Tem-se abusado tanto neste país de appellar para a propria honra; os criminosos, os maus tem tomado tantas vezes o tom solemne, a phrase austera do homem confiado em si, que não creio seja decente a este empregá-los. O publico já se ri desse tom e dessa phrase que se tornaram uma cousa sem sentido Quer provas, e tem razão. Provarei que não podia pretender o logar de guarda-mór, e que a regeneração ordena se me diga que eu ambicionava.

A regeneração, tempo antes, havia-me nomeado para um cargo publico honorifico e gratuito, sem me consultar. Com razão ou sem ella, eu acreditava que polluia tudo o que

vinha do poder que nos regia: rejeitei com desprezo a mercê que se me fazia. Crê-me, não digo o país, digo o mais ardente dos meus inimigos, cahido tão fundo que, tempos depois, acceitasse desse mesmo poder, cujo favor regeitara com desdem, um cargo honorifico e retribuido? Não peço a resposta á consciencia publica: acceito a da primeira que quiser dá-la. Não exijo della que comprehenda a honestidade: basta-me que comprehenda o orgulho do coração humano.

Mas ha mais. Existe neste país um homem, que viveu durante dous annos na região irresponsavel do poder, hoje o primeiro depois do monarcha. Trouxeram-o tambem para esta questão; recordaram certas calumnias absurdas de que por minha causa foi victima. Era regular. Depois do filho, o pai. Devo a esse homem a situação que me permittiu não sei se honrar se envergonhar a litteratura do meu país: disse-o já em paginas que supponho menos fugitivas do que as dum jornal. Mas devo-lhe mais do que isso: devo-lhe uma amisade inalteravel de dezesseis annos, amisade que mais duma vez foi porventura até o sacrificio. Não sei se a democracia comprehende esta affeição pura entre um principe e um homem do povo. Os principes comprehen-

dem-a. Sei que ha mais dum que não se envergonham della.

Em dezasseis annos nunca pedi a esse homem, a quem não receio chamar verdadeiro amigo, graças uteis ou honras para mim, ou para os meus. Pôde successivamente alcançá-las e fazê-las, na apparencia. Na realidade não podia. Tinha-me dado a sua palavra de cumprir uma promessa que sollicitei delle, mercê dum genero que excluia todos os outros, mas que para mim tinha maior valia.

Era no ministerio do Snr. conde de Thomar, se bem me recordo. Almeida Garrett deixara a inspecção dos theatros. Estava eu no paço em occasião que o ministro entrava a propôr-me á soberana para o substituir. Disse-m'o: recusei: insistiu, a ponto de me obrigar a proferir algumas palavras cortezes, como cumpria que fossem perante o chefe do Estado, mas severas. O ministro mostrou-se pouco disposto a ceder duma resolucão que não posso deixar de qualificar de nobre, porque se tractava de honrar um adversario que jamais curvou a cabeça diante delle, nem antes nem depois. Deixei-o partir. A el-rei D. Fernando, que presenciara esta scena, pedi então o unico favor que lhe tenho pedido: o seu voto preponderante nos conselhos da corôa

para ahi ser regeitada qualquer mercê, util ou honorifica, proposta em relação a mim ao chefe do Estado, de presente ou de futuro, pelos ministros d'então ou por outros quaesquer ministros. Prometteu-m'o como rei e como cavalheiro. Não creio que tenha tido occasiões sobejas de desempenhar a sua palavra ; mas estou certo que a todo o tempo saberia cumpri-la.

O pretendente ao logar de guarda-mór sabia que a pretensão iria encontrar junto ao throno uma promessa de honra que a repellia. É possivel que fosse assás baixo para acceitar as graças dum governo que desprezava. O que não é possivel hoje neste genero? Não é, porém, de crer que tentasse luctar com uma impossibilidade que elle proprio havia creado, porque seria acreditar o absurdo.

Eis o que importava dizer. Nas minhas circumstancias, o silencio em relação a este ponto era inadmissivel. No resto não vejo senão o furor que injuría. Nada tenho com isso.

Permitta-se-me, todavia, que eu recorde em resumo o que se está passando de roda de nós; que, actor neste drama estranho, me colloque fora delle para o contemplar. Ha ahi o que quer que seja profundamente triste. E' ver o individuo que ha quinze annos dedicou

a existencia a revocar o que o passado do seu país tem verdadeiramente grande, a repetir as lições que a liberdade antiga dá á liberdade moderna, e a restaurar o sentimento de nacionalidade, que deve um dia salvar-nos, privado, por uma dessas vinganças sem nome, dos meios de proseguir na sua laboriosa tarefa; ver esse homem que, curvado sob o trabalho, nunca pensou em recompensas, ou, se pensou, não as quis, nem as quer, não as sollicita, nem as acceita; para quem nunca da bôcca dos poderes publicos houve sequer uma palavra de animação e que não a pede; ver esse individuo, a quem se nega o direito do trabalho, se não o comprar pela humilhação e descredito, insultado e calumniado, porque não bebeu em silencio o calix da perseguição e da injuria; porque lhe escapou um gemido ao assassinarem-o na sua vida intellectual, e porque, sentinella avançada da dignidade de uma corporação illustre, cumpriu com o que devia a si e a ella! Homem de lettras humilde, não tinha o direito de queixar-se porque os poderosos, os chefes de partido o haviam esmagado. Era o progresso e a civilisação que passavam. Dura lição dada á mocidade para servir e soffrer, para se prostituir quando o poder lh'o ordenar.

Oh, não, mancebos que ainda vos não corrompestes! Lembrae-vos de que no ceu ha Deus e no mundo a posteridade.

Agora, Snr. redactor, só me resta pedir que o documento junctо, que dirigi á Academia, seja publicado. Depois delle, as injurias contra aquelle corpo, obrigado pela minha declaração a pôr termo ás suas demonstrações de sympathia para commigo, devem cessar. Não ferem o alvo. Seria, de ora ávante, o luxo da atrocidade.

Ajuda, 31 de dezembro de 1856.

FIM DO TOMO I

INDICE

Cartas a B. Barros Gomes..... 7
Carta ao Padre Francisco Recreio..... 137
Carta a Filippe de Carvalho..... 154
Cartas a Antonio José d'Avila..... 165
Carta a Henrique O'Neill..... 180
Carta a Passos Manuel..... 183
Carta a Manuel Pereira Guimarães..... 185
Cartas a Manuel de Jesus Coelho..... 187
Carta a Delfim Maia..... 190
Carta ao *Jornal do Commercio*..... 193
Carta a monsenhor Pinto de Campos..... 201
Cartas a Oliveira Martins..... 205
Officios à Academia..... 247
Carta ao *Jornal do Commercio*..... 293

OBRAS
DE
Alexandre Herculano

Bobo (O) — Romance histórico	10$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols.	20$00
Composições várias	10$00
Estudos sôbre o casamento civil	10$00
Eurico, *o Presbítero* — Romance	10$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols.	30$00
História de Portugal — Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos — 8 vols.....	96$00
Lendas e Narrativas — 2 vols.	20$00
Monge de Cistér (O) — Romance. 2 vols.	20$00
Opusculos — 10 vols. Cada vol.....	10$00
Poesias: Livro I, A harpa do crente. — Livro II, Poesias várias. — Livro III, Versões: de Millevoye, Béranger, Délavigne, Lamartine, etc.	10$00